

**UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE – UNESC
UNIDADE ACADÊMICA DE HUMANIDADES, CIÊNCIAS E
EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS
AMBIENTAIS – PPGCA**

ELENICE DE FREITAS SAIS

**A EXPERIÊNCIA EDUCATIVA NA ESCOLA CAMINHO DO MEIO E
SUAS CONTRIBUIÇÕES A UMA EDUCAÇÃO E SOCIEDADE
SUSTENTÁVEIS**

Dissertação apresentada ao
Programa de Pós-graduação em
Ciências Ambientais (Mestrado) da
Universidade do Extremo Sul
Catarinense – UNESC, para
obtenção do título de mestre.

Área de concentração: Ecologia e
Gestão de Ambientes Alterados.

Orientador: Prof. Dr. Geraldo
Milioli.

**CRICIÚMA
2017**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação

S158s Sais, Elenice de Freitas.

A Experiência Educativa na Escola Caminho do Meio
e suas Contribuições a uma Educação e Sociedade
Sustentáveis / Elenice de Freitas Sais. - 2017.
203 p. : il.; 21 cm.

Dissertação (Mestrado) - Universidade do Extremo
Sul Catarinense, Programa de Pós-Graduação em
Ciências Ambientais, Criciúma, 2017.

Orientação: Geraldo Milioli.

1. Educação ambiental. 2. Ecopedagogia. 3.
Sustentabilidade. 4. Prática de ensino. I. Título.

CDD 23. ed. 372.357



Universidade do Extremo Sul Catarinense – UNESC
Pro-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa e Extensão
Unidade Acadêmica de Humanidades, Ciências e Educação
Programa de Pós-Graduação em Ciências Ambientais

PARECER

Os membros da Banca Examinadora homologada pelo Colegiado de Coordenação do Programa de Pós-Graduação em Ciências Ambientais reuniram-se para realizar a arguição da Dissertação de MESTRADO apresentada pela acadêmica **ELENICE DE FREITAS SAIS** sob o título: “A experiência educativa na Escola Caminho do Meio e suas contribuições a uma educação e sociedade sustentáveis”, para obtenção do grau de **MESTRA EM CIÊNCIAS AMBIENTAIS** no Programa de Pós-Graduação em Ciências Ambientais da Universidade do Extremo Sul Catarinense – UNESC. Após analisado o referido trabalho e arguido a candidata, os membros são de parecer pela “**APROVAÇÃO**” da Dissertação.

Criciúma/SC, 03 de julho de 2017.

Profa. Dra. Luciana Fernandes Marques
Primeiro Examinador

Prof. Dr. Antônio Serafim Pereira
Segundo Examinador

Prof. Dr. Geraldo Milioli
Presidente da Banca e Orientador

Dedico este estudo aos que acreditam na construção de um mundo melhor para todos. Aos que acreditam ser através da educação possível alcançar uma transformação da sociedade.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos os participantes deste estudo pela generosidade com a qual compartilharam suas experiências, pela acolhida de sempre em todas as minhas visitas a escola.

Agradeço a minha família de origem, pai Luis Carlos Soares Sais (in memoriam), mãe, Zulma de Freitas Sais, que sempre foram modelos, ao mostrar pela trajetória profissional, de ambos, a busca pelo conhecimento e o amor que tinham a sua profissão de professores. Vocês me ensinaram o valor do estudo.

Agradeço com todo meu coração a família que constitui com meu esposo Jeverson Reichow, ao nosso filho Giordano e as minhas três filhas-enteadas, Juliana, Irina e Verena. Gratidão pela paciência, carinho, apoio, saber esperar pela esposa e pela mãe nos muitos momentos que me ausentei para construção deste estudo. Amo muito vocês!

Também gostaria de agradecer as irmãs do Educandário e Orfanato São Benedito, de Bagé-RS, que acolheram e educaram a minha mãe na sua infância. Lá plantaram uma sementinha de amor aos estudos e de oferecimento de uma educação baseada em amor e cuidado. Minha mãe seguiu este exemplo enquanto educadora e eu também quero continuar nesta senda.

Ao professor Geraldo Milioli, meu orientador, agradeço por ter acreditado na ideia deste estudo, ter estado ao meu lado em todos os momentos desta construção. Sempre com palavras amorosas e respeitadas, me deixando livre para transitar, ir e vir, durante tantas reflexões realizadas neste percurso. Gratidão mestre!

“É chegado o tempo de darmos passos concretos para trazer uma transformação real nas maneiras como educamos nossas futuras gerações. Precisamos combinar uma educação da mente com uma educação do coração, para que nossas crianças cresçam como cidadãos responsáveis, que se importam, prontos para enfrentar os desafios deste mundo cada vez mais globalizado.”

(Sua Santidade Dalai Lama)

RESUMO

O presente estudo refere-se a uma pesquisa de campo, de natureza qualitativa e exploratória, sendo um estudo de caso, realizado na Escola Caminho do Meio em Viamão, Rio Grande do Sul, Brasil. Foram utilizados como instrumentos para a coleta de dados, entrevistas com a equipe pedagógica da escola e o idealizador da escola, imersão e observação participante, uso de registros fotográficos para melhor ilustrar o campo de estudo e suas atividades. Tem como objetivo compreender as contribuições da proposta pedagógica da Escola Caminho do Meio a uma educação e sociedade mais sustentáveis. Como resultados encontrou-se que a escola apresenta um modelo transdisciplinar em educação, que através da Pedagogia da Mandala, articula a cada bimestre do ano letivo, as cinco sabedorias budistas, com os princípios norteadores, as estações do ano e os elementos da natureza. Tem como princípio ou eixo norteador mais importante na sua prática pedagógica a sustentabilidade que está relacionada a sabedoria da causalidade, que vem ensinar sobre nossas ações e suas reações. A visão de sustentabilidade apontada pela escola, aparece quando esta busca educar de forma integral a criança, compreendendo a existência da inseparatividade do mundo interno e externo, do dentro e do fora. A escola busca educar imersa numa cultura de sustentabilidade, através da observação dos processos naturais da vida, que ocorrem nas relações entre o homem e a natureza e também na relação entre as pessoas. Outra contribuição na discussão da sustentabilidade é que a escola busca apoiar-se na visão dos povos tradicionais, principalmente os indígenas, por considerar que estes, tem um olhar mais conectado com a Terra, historicamente viveram em equilíbrio e de forma harmoniosa e respeitosa com a natureza.

Palavras-chave: Educação. Sustentabilidade. Paradigma transdisciplinar e holístico em educação. Ecopedagogia; Escola Caminho do Meio.

ABSTRACT

The present study refers to a field research, of qualitative and exploratory nature, being a case study, carried out at Escola Caminho do Meio in Viamão, Rio Grande do Sul, Brazil. For data collect were used interviews with the pedagogical team of the school and with the idealizer of the school, also immersion and participant observation, photographic records to better illustrate the field of study and its activities. Its aims to understand how the pedagogical proposal of Escola Caminho do Meio contribute to a more sustainable education and society. The results found that the school presents a transdisciplinary model in education, through the Mandala Pedagogy, articulates each bimester of the school year, as five Buddhist wisdoms, with the North American principles as seasons of the year and elements of nature. Its main principle or guiding axis in its pedagogical practice is sustainability, which is related to the wisdom of causality, which teaches us about our actions and their reactions. A vision of sustainability pointed out by the school, when an integral form of educating the child is created, comprehending an existence of the inseparability of the inner and outer world. The school seeks to educate immersed in the culture of sustainability by observing the natural processes of life that occur in the relationships between man and nature and also in the relationship between people. Another contribution in the discussion of sustainability is that the school seeks support in the vision of the traditional peoples, mainly the indigenous ones, considering that these, have a more connected view with an Earth, historically lived in balance and in a harmonious and respectful way with the Nature.

Keywords: Education. Sustainability. A transdisciplinary and holistic paradigm in education. Ecopedagogy; Caminho do Meio School.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - As bandeiras da vitória budista.....	62
Figura 2 - Mapa da Localização da Escola	81
Figura 3 - Entrada do CEBB	82
Figura 4 - Vista da entrada do CEBB.....	82
Figura 5 - Foto do Templo no CEBB	83
Figura 6 - Vista de área convivência da comunidade e escola	83
Figura 7 - Entrada Ensino Fundamental – Prédio I.....	85
Figura 8 - Salas de aula do Maternal – Prédio I.....	85
Figura 9 - Salas de aula do Ciclo Fundamental I e II – Prédio I	86
Figura 10 - Pátio interno da Escola	87
Figura 11 - Parque da escola	87
Figura 12 - Caminho que liga os Prédios I e II da Escola	88
Figura 13 - Jardim – Prédio II	89
Figura 14 - Salas do Maternal – Telhado Verde	89
Figura 15 – O tetro na areia.....	111
Figura 16 - Brincar e aprender no Jardim da Escola Caminho do Meio	112
Figura 17 - Construções Sustentáveis	113
Figura 18 - Percursos criativos.....	115
Figura 19 - A arte da música e do canto.....	116
Figura 20 - A alegria das professoras.....	118
Figura 21 - O Jardim preparando o próprio lanche com a professora .	125
Figura 22 - Os professores no Jardim	128
Figura 23 - Formação Buda Amarelo para professores em 01/04/2017.	129
Figura 24 - Formação Buda Amarelo para professores em 01/04/2017.	129
Figura 25 - O Jardim	131
Figura 26 - A praça da Figueira e o seu parque	138
Figura 27 - Entrada Escola Caminho do Meio – Fundamental. O bosque no seu entorno.	138
Figura 28 - As folhas vão para a composteira	140
Figura 29 - Os canteiros da Escola.....	141
Figura 30 - Manejo do bosque da Escola.	141
Figura 31 - Plantação de batata yacon.....	143
Figura 32 - E a batata yacon está crescendo.....	143
Figura 33 - Curtindo um solzinho e aprendendo com e na natureza ...	144
Figura 34 - Sistema Agrofloresta	146
Figura 35 - Relação comigo, com o outro e com o meio	147

Figura 36 - Aprendendo e vivenciado os ciclos da natureza	153
Figura 37 - Atividade referente a primavera	154
Figura 38 - Festa da Primavera de 2016.....	155
Figura 39 - O Lama na Festa da Primavera – 2016.....	155
Figura 40 - Cuidando e amando a Terra.....	157
Figura 41 – Professora e alunos na Escola Caminho do Meio	162

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Árvore Máxima CPED.	99
Gráfico 2 - Árvore Máxima VISINT	119
Gráfico 3 - Árvore Máxima VISUST.....	132
Gráfico 4 - Árvore Máxima VIFUT	158
Gráfico 5 - Árvore Máxima Lama Padma Samten.....	163

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Sete Saberes	54
Quadro 2 - Cinco Sabedorias e dos Cinco Diani Budas.	63
Quadro 3 - Reflexões à formação do cidadão ambiental e características de uma sociedade sustentável.....	73
Quadro 4 - Princípios da ecopedagogia ou pedagogia da Terra.	77
Quadro 5 - Concepção Pedagógica da Escola - CPED	100
Quadro 6 - Planejamento Anual da Escola Caminho do Meio.....	106
Quadro 7 - Relações entre Sabedorias, Princípios Norteadores da Escola e os Quatro Pilares	108
Quadro 8 - Visão de Integralidade	120
Quadro 9 - VISUST	133
Quadro 10 - VIFUT.....	159
Quadro 11 - Lama Padma Samten Part_7 Olmo	163

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CBUDE	Conceitos Budistas e Educação
CEBB	Centro de Estudos Budistas Bodisatva
CHD	Classificação Hierárquica Descendente
CPED	Concepção Pedagógica da Escola
HIST	História da Escola
IRAMUTEQ	Interface de R pour les Analyses Multidimensionnelles de Textes et de Questionnaires
LACCOS	Laboratório de Psicologia Social da Comunicação e Cognição
PPGCA	Programa de Pós-Graduação em Ciências Ambientais
UFSC	Universidade Federal de Santa Catarina
UNESC	Universidade do Extremo Sul Catarinense
VIFUT	Visão de Futuro da Escola
VISINT	Visão de Integralidade
VISUST	Visão de Sustentabilidade

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	29
2 OBJETIVOS.....	33
2.1 OBJETIVO GERAL	33
2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS	33
3 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	35
3.1 VISÃO TRANSDISCIPLINAR.....	35
3.1.1 Pilares metodológicos do paradigma transdisciplinar	38
3.2 VISÃO HOLÍSTICA	44
3.3 VISÃO TRANSDISCIPLINARIDADE E EDUCAÇÃO.....	49
3.4 VISÃO E CONTRIBUIÇÕES DO BUDISMO A EDUCAÇÃO	56
3.5 VISÃO DE SUSTENTABILIDADE E EDUCAÇÃO	65
4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	81
4.1 UNIDADE DE ANÁLISE	81
4.1.1 Histórico de Criação da Escola	90
4.2 CARACTERÍSTICAS DA PESQUISA.....	91
4.3 INSTRUMENTOS DE COLETA DE DADOS	92
4.4 PESQUISA DE CAMPO	93
4.5 PERCURSO METODOLÓGICO, SISTEMATIZAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS - SOFTWARE E ANÁLISE DE CONTEÚDO: UMA CONEXÃO PERTINENTE.....	94
5 APRESENTAÇÃO, ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	97
5.1 DISCUSSÃO DOS RESULTADOS CATEGORIA CPED: CONCEPÇÃO PEDAGÓGICA DA ESCOLA	99
5.1.1 Vocabulários dos entrevistados da categoria CPED – Concepção Pedagógica da Escola	99
5.2 DISCUSSÃO DOS RESULTADOS CATEGORIA VISINT: VISÃO DE INTEGRALIDADE DA ESCOLA.....	119
5.2.1 Vocabulários VISINT – Visão de Integralidade.....	119
5.3 DISCUSSÃO DOS RESULTADOS CATEGORIA VISUST: VISÃO DE SUSTENTABILIDADE DA ESCOLA	132
5.3.1 Vocabulários VISUST – Visão de Sustentabilidade.....	132
5.4 RESULTADOS DA CATEGORIA VIFUT: VISÃO DE FUTURO DA ESCOLA	158
5.4.1 Vocabulários VIFUT– Visão de Futuro da Escola	158
5.5 DADOS DA ANÁLISE DO LAMA PADMA SAMTEN.....	163
5.5.1 Vocabulários do Lama Padma Samten	163
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS E ENCAMINHAMENTOS	169
REFERÊNCIAS.....	175

REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES	181
APÊNDICES	183
APÊNDICE A – QUADRO NOBRES VERDADES	184
APÊNDICE B – QUADRO ECOPEDAGOGIA COMO MOVIMENTO PEDAGÓGICO E COMO ABORDAGEM CURRICULAR	186
APÊNDICE C – ROTEIRO DE ENTREVISTA PARA A EQUIPE PEDAGÓGICA	187
APÊNDICE D – ROTEIRO DE ENTREVISTA COM O LAMA PADMA SAMTEN.....	188
APÊNDICE E - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO DO PARTICIPANTE	189
ANEXOS.....	191
ANEXO A - CARTA DA TRANSDISCIPLINARIDADE.....	192
ANEXO B – DECLARAÇÃO DE VENEZA	195
ANEXO C – CARTA DA TERRA	196
ANEXO D - PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO DA ESCOLA CAMINHO DO MEIO	203

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho é fruto de uma busca pessoal, iniciada no ano de 2001, quando a pesquisadora faz aproximação com a UNIPAZ- SUL em Porto Alegre-RS, para conhecer o que seria a visão holística (que busca compreender o real através da visão do todo e das partes) e transpessoal (que transcende o nível pessoal e identificado apenas com o eu) da consciência. Foi um curso transformador, tanto à nível pessoal quanto profissional. Na UNIPAZ-SUL aprendi, com mestres de diferentes áreas do conhecimento, tradições, religiões, filosofias e das artes a olhar de forma mais inteira e respeitosa para mim e para a realidade. Aprendi que poderia sim existir um diálogo profícuo e respeitoso entre estas diferentes áreas, e que todas eram importantes e constituintes tanto do ser humano quanto da realidade. A UNIPAZ abriu caminhos, quebrou paradigmas, principalmente o de que não estamos separados e de que todos somos parte de um todo maior, aumentando nosso compromisso e reflexões quanto as escolhas nos atos da vida.

Foi assim, sempre norteando minha caminhada com estes princípios, que cheguei ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Ambientais - PPGCA da Universidade do Extremo Sul Catarinense - UNESC, escolhido por seu caráter interdisciplinar, com o desejo de conhecer e compreender as complexas inter-relações entre: ser humano, sociedade, natureza e sustentabilidade. Com a intenção de também poder contribuir neste diálogo com o papel da escola e da educação, principalmente diante do momento de crises das mais diversas ordens a qual vivemos na atualidade, temas esses de inflexão no referido programa.

Neste estudo a crise que se fala é a relacionada ao olhar fragmentador da realidade, que há muito vêm ameaçando o equilíbrio do viver em nosso planeta, que conforme Crema (1989) define como uma crise vital. Em nenhum outro tempo histórico se viu tanta destruição em prol do tão almejado progresso tecnológico, o qual trouxe muitos avanços, mas que com olhar positivista marcou a era moderna, forjando o crescimento a todo o custo, mesmo que para tanto, se postulasse como progresso, uma forma insustentável de vida.

Este olhar trazido pela ciência moderna, baseado no paradigma cartesiano newtoniano, partiu o conhecimento em partes para melhor compreender a realidade e trazer crescimentos, mas em contrapartida deixou-nos muitas mazelas, que na atualidade o ser humano se depara como: divisão mente/corpo, alma/corpo, ser humano/meio, dentre outras. Gerando uma cosmovisão materialista e reducionista. Onde o mundo é visto de forma mecânica, simplista e o ser humano e a natureza

apresentam-se desconectados deste. Esta corrente cartesiana de pensamento levou, entre outros, a construção de valores baseados no ter, à dizimação e esgotamento dos recursos naturais, às guerras, desigualdades sociais, e, até mesmo, à ameaça de destruição da própria vida humana neste planeta. Nas sociedades ocidentais o crescimento tecnológico avançou de forma exponencial, sem um equilíbrio necessário, em detrimento do crescimento humano, o qual tem deixado como legado problemáticas ambientais, psíquicas e sociais.

É, neste contexto, que o presente estudo busca trazer contribuições e colaborar com a reflexão do papel da escola e da educação diante deste cenário apontado. Acredita-se que a educação está intimamente relacionada com a construção do mundo em que se vive, e que é necessário rever o seu papel diante do compromisso de construir conhecimento e de formar as futuras gerações. Conhecer escolas engajadas e ancoradas em paradigmas com uma visão mais holística, transdisciplinar e sustentável na formação das crianças, parece contribuir com a possibilidade de educar de forma menos fragmentada, para que estas possam articular compreensão e diálogo, na esperança de um enfrentamento consciente da realidade.

Assim sendo, que modelo de escola e que educação queremos e precisamos neste momento histórico? Como pensar em um modelo de escola e de educação que preconizem a sustentabilidade e a sustentação de todas as formas de vida? Que conhecimentos e princípios são necessários serem levados em conta para se vislumbrar uma educação e uma escola que leve em conta a inteireza humana e sua relação com todas as formas de vida? Como caminhar então rumo à construção de uma educação e sociedade mais sustentáveis?

Neste sentido, importantes documentos apontam princípios para que se trilhe este caminho de transformação da relação do homem com a vida e com os processos do viver, através da educação. Nesse contexto, vale destacar, no ano de 1994, a divulgação da Carta da Transdisciplinaridade, alertando quanto a importância da conscientização sobre as crises que enfrentamos e a necessidade urgente através do ato de educar as futuras gerações, ensinar a contextualizar, concretizar e globalizar os conhecimentos, saindo do viés que privilegia apenas o aspecto cognitivo do aprender e reconhecer que educar também exige o trabalho com outras dimensões humanas como: imaginação, intuição, sensibilidade, corpo. Junto a Carta da Transdisciplinaridade, outro documento redigido e divulgado no ano de 1996, intitulado os Quatro Pilares Necessários a Educação do Futuro, também traz princípios que

fundamentam a importância da educação transdisciplinar, tendo como propósito maior desta, buscar a formação integral do indivíduo.

Questionamentos estes que se procurará compreender e responder através das contribuições da Escola Caminho do Meio de Viamão – RS. Uma escola comprometida com um paradigma em educação que busca promover qualidades positivas do ser humano como compaixão e amor, para que melhor se conviva consigo, com o outro e com o ambiente, aqui incluindo a natureza. Quanto a sua proposta pedagógica, está em consonância e comprometida, de acordo com seus princípios e métodos, com uma proposta transdisciplinar em educação.

Como razão desta pesquisa, acredita-se que, através da educação pode sim se vislumbrar a construção de uma sociedade mais justa, que possa viver em maior harmonia entre si e com a natureza. A escola pode e tem muito a contribuir na formação das crianças e de uma sociedade sustentável, com habilidades de olhar e pensar este mundo de forma complexa. Precisamos, neste tempo, de uma educação que possa caminhar rumo a uma construção de consciências diferenciadas, alicerçadas em valores que verdadeiramente sustentem o homem e todas as formas de vida, pautado na busca de uma ética universal.

A educação assim assumiria um papel estruturador e fortaleceria os debates e discussões das relações entre: ser humano, sociedade, natureza e sustentabilidade, que até então pouco se tem encontrado descrito na área ambiental, trazendo a escola para o centro desta discussão como sendo um espaço privilegiado para se pensar e construir as respostas ao quadro de crises e insustentabilidade para com o planeta e para o crescimento sustentável.

Para tanto este estudo estruturou-se da seguinte forma, na segunda seção do trabalho encontram-se os objetivos que nortearam este estudo. Na terceira seção está o referencial teórico que assim foi sistematizado: Visão Transdisciplinar, que traz o histórico, definição e aporte metodológico da transdisciplinaridade. Logo em seguida se escreveu o capítulo Visão Holística, com seu histórico de surgimento, definição e críticas ao paradigma cartesiano. Outro ponto abordado é Visão e Contribuições do Budismo à Educação apresentando-se conceitos do budismo relacionados a educação, à luz dos escritos do Lama Padma Samten. No último item desta parte, tem-se Visão de Sustentabilidade e Educação, apontando a definição de sustentabilidade apoiada em Henrique Leff com sua discussão de sociedade e sustentabilidade; Moacir Gadotti que discute a Pedagogia da Terra, ou a ecopedagogia, como uma pedagogia atual e que discute a questão do desenvolvimento sustentável. (MORIN, 2000; BOFF, 2004)

Na quarta seção do estudo, encontram-se os procedimentos metodológicos, a apresentação da unidade de análise (A Escola Caminho do Meio), as características da pesquisa, apresentação de sua metodologia e o instrumento de coleta dos dados.

A quinta seção do estudo, apresenta o percurso metodológico, sistematização e análise dos dados, apresentação e discussão dos resultados.

Por fim, a sexta seção refere-se as considerações finais e recomendações.

2 OBJETIVOS

2.1 OBJETIVO GERAL

Conhecer e compreender a prática educativa e o modelo de educação proposto pela Escola Caminho do Meio e suas contribuições para uma educação e sociedade mais sustentável.

2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Conhecer e compreender a proposta pedagógica da Escola Caminho do Meio;
- Compreender os princípios norteadores da proposta pedagógica e suas contribuições na formação das crianças;
- Apresentar as contribuições da escola quanto ao pensamento de uma sociedade e educação mais sustentável;
- Apontar as contribuições das visões transdisciplinar, holística e da sustentabilidade em educação e sociedade.

3 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

3.1 VISÃO TRANSDISCIPLINAR

A etimologia da palavra transdisciplinaridade segundo Nicolescu (1999) significa aquilo que se encontra, ao mesmo tempo, entre as disciplinas, através e além das mesmas. Compreender a visão transdisciplinar, antes de tudo, exige o exercício do pensamento rumo à totalidade que envolve os fenômenos observados e, uma postura que procura a convergência entre as diferentes disciplinas.

O olhar e a postura respeitosa entre os diferentes conhecimentos é premissa fundamental. Assim sendo, não existe saber mais importante do que outro, disciplina mais importante que a outra, o olhar transdisciplinar convida a deixar o individual e olhar para o coletivo, pois tudo se torna importante de ser conhecido e reconhecido, podendo-se dizer que tanto o social, quanto o cultural e o individual têm importância.

[...] A Transdisciplinaridade é uma nova atitude, é a assimilação de uma cultura, é uma arte, no sentido da capacidade de articular a multirreferencialidade e a multidimensionalidade do ser humano e do mundo. Ela implica numa postura sensível, intelectual e transcendental perante si mesmo e perante o mundo [...]
(SOMMERMAN; MELLO; BARROS, 2002, p. 10)

A transdisciplinaridade surge não para rebater ou invalidar os movimentos disciplinar, pluridisciplinar e interdisciplinar e sim para complementar as visões pluri e interdisciplinares que mesmo com a tentativa de diálogo entre si, ainda focavam seus esforços em olhar a realidade a ser conhecida focando no crescimento disciplinar.

Assim, na visão pluridisciplinar o objeto a ser compreendido e estudado é visto por várias disciplinas ao mesmo tempo o que enriquece a compreensão sobre o mesmo. O conhecimento sobre o objeto de estudo é aprofundado, mas a sua finalidade fica inscrita a pesquisa disciplinar. Apesar de transcender a disciplina em busca de saberes complementares o conhecimento adquirido está a serviço apenas da mesma disciplina.

Já na visão de pesquisa e conhecimento interdisciplinares ocorre uma transferência de métodos de uma disciplina a outra podendo ocorrer a partir disto a criação de novas disciplinas. Conforme Nicolescu (1999)

a interdisciplinaridade ultrapassa as disciplinas mas a sua finalidade permanece ainda no campo do crescimento da pesquisa disciplinar.

Neste sentido de compreensão Weil, D'Ambrósio e Crema (1993) aponta que a transdisciplinaridade, representaria uma consequência natural da síntese dialética que a interdisciplinaridade provoca, e que proporciona o reconhecimento de que existe a interdependência entre todos os aspectos da realidade. Também importante aqui lembrar segundo os autores o movimento da teoria geral dos sistemas e da cibernética que pela primeira vez em ciência fizeram este movimento de se olhar para os diferentes níveis envolvidos no ato de compreender, como os aspectos físico, sociocultural e biológico que se mostram sempre presente e ligados. Claro que aqui ainda atendendo a uma visão mais estática do mundo.

Sobre o caminhar da visão pluri e interdisciplinar até a visão transdisciplinar, lembram-nos que:

[...] Piaget nos deu uma definição bastante clara e essencial. Disse ele: ...enfim, no estágio das relações interdisciplinares, podemos esperar o aparecimento de um estágio superior que seria “transdisciplinar”, que não se contentaria em atingir as interações ou reciprocidades entre pesquisas especializadas, mas situaria essas ligações no interior de um sistema total sem fronteiras estáveis entre as disciplinas (WEIL, D'AMBRÓSIO E CREMA, 1993, p.30)

Neste caminhar do paradigma transdisciplinar, o conhecimento e os modelos de conhecer não estão prontos e sim encontram-se em construção contínua, de acordo com os movimentos do real a ser compreendido e dos desafios contínuos apresentados a cada tempo histórico vivido.

Para que se compreenda o caminho então na ciência rumo a um olhar menos restrito em pesquisa e que transcenda as disciplinas, historicamente a visão da transdisciplinaridade surge e é disseminada aos meios acadêmicos a partir da elaboração e construção da Carta da Transdisciplinaridade no Primeiro Congresso Mundial de Transdisciplinaridade em Portugal em 1994. Neste evento são lançados os postulados fundamentais da visão transdisciplinar, possibilitando assim a divulgação para diferentes povos e para a academia de um contrato moral e ético para fundamentar um novo olhar para a vida e para as relações do ser humano com a vida.

Outros importantes documentos junto a Carta da Transdisciplinaridade, são importantes aqui serem citados, pois são considerados documentos da Transdisciplinaridade. Todos os documentos aqui citados foram construídos sob a chancela e promoção da UNESCO (Organização para a Educação, a Ciência e a Cultura das Nações Unidas), sendo esta um organismo integrado a ONU (Organização das Nações Unidas), com a finalidade de promover a paz mundial, através da cultura, educação, comunicação, as ciências naturais e as ciências sociais.

Conforme Sommerman, Mello e Barros (2002), foi em 1986 que se construiu um primeiro documento internacional fazendo referência a transdisciplinaridade, que foi a Declaração de Veneza, redigida e lida ao final do colóquio: “A Ciência Diante das Fronteiras do Conhecimento”. Ocorrido em Veneza.

Um segundo relatório importante redigido em 1996 para a UNESCO, foi o da Comissão Internacional sobre Educação para o Século XXI, elaborado por Jacques Delors, o qual apresenta os quatro pilares para a educação no século XXI (aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a viver juntos e aprender a ser) acrescidos de mais dois pilares (aprender a participar e aprender a antecipar). Estes dois últimos pilares foram formulados em Zurique, no ano de 2000, durante uma Conferência Transdisciplinar Internacional, apresentando uma reflexão sobre uma visão mais ampla de transdisciplinaridade, colocando o ser humano no centro desta proposta trazendo referência a importância do desenvolvimento interior, quanto exterior do indivíduo.

A visão da transdisciplinaridade então desponta com um convite a academia e a sociedade do olhar a multirreferencialidade e a multidimensionalidade dos conhecimentos e destes conhecimentos perante os desafios na atualidade. Com o objetivo de olhar para o mundo presente e buscando uma maior unidade de conhecimentos.

É uma visão que se insurge questionando o pensamento mecanicista e reducionista do paradigma cartesiano-newtoniano, o qual dominou a construção de um pensamento hegemônico que gerou uma forma dicotômica de conhecer, e de compreender, gerando um racionalismo científico. De acordo com Abreu (1996), pensamento este que separa o sujeito do objeto do conhecimento, com visão antropocêntrica e na qual o conhecimento para ser “verdadeiro”, de preferência deve ser reproduzido e se possível reproduzível e classificatório universalmente. Neste sentido, validando um conhecimento baseado na razão, pautado por um rigor no raciocínio

lógico, tornando-se este sim conhecimento considerado fidedigno e fomentador de verdades universais.

Esta forma de conhecer fragmentada e fragmentadora, afastou e tem limitado a capacidade humana de olhar a totalidade e complexidade dos fatos que envolvem a vida, criando um universo de conhecimentos cada vez mais especializados e com visão cada vez mais estreita. “A simplificação do mundo é o corolário dessa visão banal e fragmentada que nos afasta da complexidade do conhecimento”. (ABREU, 1996, p. 29).

Diante da necessidade de ampliação desta visão estreita a transdisciplinaridade se torna necessária na modernidade, visto que em nenhum outro momento da história da evolução da humanidade se fizeram tantas conquistas e avanços tecnológicos, nunca se criaram tantas especialidades e concomitantemente, nunca se viram tantas crises e inclusive ameaças a sobrevivência da própria espécie humana e do planeta. A humanidade sofre com as mazelas deixadas por este pensamento. É urgente a reflexão sobre a relação do ser humano com a realidade e sobre como viemos construindo a mesma, e como a reconstruímos diariamente através de pensamentos, falas e condutas. A necessidade principalmente de reflexão de sua relação com o meio ambiente e a vida, e de criação de um novo contrato ético, moral e aqui se acrescentaria também a reconciliação do ser humano com ele mesmo (plano individual), com a sociedade (dimensão social) e com o planeta (plano de reconhecimento da Terra como pátria).

3.1.1 Pilares metodológicos do paradigma transdisciplinar

Para se compreender esta nova forma de olhar o real, Sommerman, Mello e Barros (2002) colocam que foram definidos três pilares para se caracterizar a metodologia da pesquisa transdisciplinar: a complexidade, a lógica do terceiro incluído e os níveis de realidade. Foi a partir do I Congresso Mundial de Transdisciplinaridade realizado em Portugal em 1994 que foram definidos estes três pilares.

Sobre o primeiro pilar metodológico do paradigma transdisciplinar, a visão epistemológica e também ontológica caminham no sentido da complexidade, e, não se pode separar sujeito de objeto, ou conforme asseguram Moraes e Navas (2010, p. 33): “[...] não podemos separar sujeito objeto, educador e educando, sujeito e cultura, subjetividade e objetividade, indivíduo, sociedade e natureza, elementos mutuamente essenciais, complementares e interdependentes.” Também não podemos negar suas relações e interdependências. Lembrando aqui

que de acordo com Morin (2005) o sentido original do termo *complexus*, seria o que é tecido junto.

É durante o século XX que a visão da complexidade toma conta de praticamente todas as áreas do saber, desde as ciências exatas, humanas e até as ciências mais rígidas como a física e matemática. As teorias explicativas até então construídas sobre o universo e suas relações não dão mais conta de explicar a realidade de alguns fenômenos dentro de uma lógica binária e mecânica presente nas disciplinas científicas, e que por tantos séculos deu status de verdade e moldou a forma de fazer ciência e de compreender o real. (NICOLESCU, 1999)

A física clássica, que gerou a visão clássica de mundo, estava na base da construção do conhecimento na ciência, e interessadamente, a complexidade instala-se a partir da própria física como discutiremos logo abaixo.

Foi no ano 1981 conforme Random (2000) que a não-separabilidade quântica é demonstrada de forma definitiva pelo físico francês Alain Aspect, que demonstra através de seus experimentos a existência da interação entre duas partículas, mesmo quando estas são separadas por uma grande distância física. Estas continuam tendo uma correlação entre as suas funções, onde as características de onda permanecem iguais entre as duas, ou seja, continuam correlacionadas mesmo à distância. Desmontando a certeza binária e puramente materialista e mecanicista sobre leis universais. Onde pela primeira vez em ciência surge a ideia de que a realidade poderia ser um todo indivisível, e assim, Alain Aspect comprova a teoria da não-separatividade.

A não-separabilidade quântica justifica a visão de unidade entre o todo e as partes, na qual se vê também uma profunda ligação entre: ciência e filosofia, ciência e as grandes tradições, que por séculos ficaram separadas.

A título pessoal, eu via uma profunda analogia entre a não-separabilidade e o ensinamento das grandes tradições, que por milênios mencionaram continuamente a união consubstancial e indissolúvel da parte com o Todo, da união cósmica homem-universo. É o que afirmava em particular o pensamento taoísta há mais de quatro mil anos. Toda a ciência do Chi na China (e do Ki no Japão) apoia-se neste conceito, no qual homem e universo potencializam-se mutuamente [...]

(RANDOM, 2000, p. 12)

A compreensão da não-separabilidade da física por extensão é fundamental para a compreensão da visão de complexidade, e do pensamento complexo, que inclui a possibilidade de lançar e visualizar pontes entre as ciências, grandes tradições, artes, filosofias, permitindo um diálogo entre as mesmas. O que estaria contemplado nos artigos 3 e 4 da Carta da Transdisciplinaridade (ANEXO A), quando se postula como necessária a aproximação entre as disciplinas para o reconhecimento e abertura a tudo aquilo que as atravessa e também as ultrapassa.

Neste sentido, a comunicação e o diálogo entre as ciências e disciplinas seria o próprio *Trans* (entre, através e além), da palavra transdisciplinaridade, que para Morin (2005) possibilitaria o surgimento de um pensamento capaz de distinguir e de unir e não de somente isolar e separar, sendo por este considerado o pensamento complexo.

Como características deste tipo de pensamento, necessário na compreensão da lógica transdisciplinar, é importante destacar:

- Que compreenda que o conhecimento das partes depende do conhecimento do todo e que o conhecimento do todo depende do conhecimento das partes;
- que reconheça e examine os fenômenos multidimensionais, em vez de isolar, de maneira mutiladora, cada uma de suas dimensões;
- Que reconheça e trate as realidades, que são, concomitantemente solidárias e conflituosas (como a própria democracia, sistema que se alimenta de antagonismos e ao mesmo tempo os regula);
- Que respeite a diferença, enquanto reconhece a unicidade. (MORIN, 2005, p. 88-89)

Também converge rumo ao pensamento complexo o artigo 13 da Carta da Transdisciplinaridade, quando nos convida a refletir sobre ética, o qual na sua íntegra diz que:

Artigo 13: A ética transdisciplinar recusa toda atitude que se negue ao diálogo e à discussão, qualquer que seja sua origem – de ordem ideológica, cientificista, religiosa, econômica, política, filosófica. O saber compartilhado deveria levar a uma compreensão compartilhada, baseada no *respeito* absoluto das alteridades unidas pela vida comum única e mesma a Terra. (NICOLESCU, 1999, p. 164)

O diálogo constante da parte com o todo parece bem definir a visão da complexidade apresentado por Morin (2005), Random (2000) e ao chamado que o artigo 13 da Carta da Transdisciplinaridade nos traz. Desta forma instaura-se a possibilidade de abertura concreta para a leitura da realidade, pautada no compromisso com a verdade, numa atitude respeitosa em que se contempla o todo.

Desta visão de complexidade e do pensamento complexo, surge a esperança de construção de consciências humanas diferenciadas, com visão mais lúcida acerca do real e possibilidades de mudanças deste real.

A palavra chave neste caso: consciência. No sentido da física quântica, a consciência não é filosófica, nem psicológica. É uma propriedade do real, uma energia do real. Podemos dizer com isso que a unidade do real é um Todo-Consciência, ou ainda que a consciência é aquilo que permite ao real estar unido ou *autoconsciente* em todas as suas partes. (RANDOM, 2000, p.23)

Corroborando com o que Moraes e Navas (2010) colocam que a complexidade nos leva a perceber a complementariedade, integração e as relações existentes, entre as partes e o todo e consequentemente entre as disciplinas e/ou pensamentos diferentes. A prática do pensamento complexo (desenvolvimento da consciência), seria como uma “mola” que impulsiona a perceber as convergências, a racionalidade dialógica, recursiva e global que fazem frente a superação dos dogmatismos e estreiteza do olhar instaurados por um modelo puramente disciplinar.

No mundo atual o pensamento complexo é cada vez mais necessário diante do enfrentamento das problemáticas apresentadas, pois nossos maiores desafios em busca de um mundo melhor para todos, ultrapassam as linhas e fronteiras territoriais. Como bem lembra Morin, os desafios e problemas e a resposta a estes, estão cada vez mais: “[...] polidisciplinares, transversais, multidimensionais, transnacionais, globais, planetários”. (MORIN, 2005, p.13)

O pilar metodológico da complexidade parece responder a esta demanda de olhar para o Todo, onde parece residir a possibilidade de respostas e soluções a estas problemáticas.

O segundo pilar metodológico a ser compreendido dentro da transdisciplinaridade, trata dos níveis de realidade que dentro desta, nos apresenta a realidade como multidimensional, que se apresenta

estruturada a partir de diferentes níveis, substituindo a noção clássica de uma realidade unidimensional.

Conforme Reichow (2002), normalmente se compreende por realidade aquilo que está fora de nós, preferencialmente aquilo que pode ser capturado pelos nossos cinco sentidos. Sendo o mundo subjetivo muitas vezes relegado a um segundo plano e considerado não relevante e apontado como um universo das fantasias, nebuloso, sem coerência, e até mesmo olhado de forma pejorativa.

Neste sentido por níveis de realidade podemos compreender:

“Deve-se entender por nível de realidade um conjunto de sistemas invariantes sob a ação de um número de leis gerais: por exemplo, as entidades quânticas submetidas às leis quânticas, as quais estão radicalmente separadas das leis do mundo macrofísico”. (NICOLESCU, 1999, p. 25).

Tomando-se o surgimento da física quântica e seu desenvolvimento, surgem desafios que confrontam a lógica formal até então instituída, de uma física clássica, baseada em leis mecanicistas e que subjugavam e o real.

Com Einstem, vê-se a derrubada da lógica de partição entre matéria e energia, quando ele revoluciona o mundo da física clássica ao reconhecer que matéria é energia. Admitindo então, que a realidade observada é o que pode ser verificado por todos os sentidos humanos. Conforme Brandão e Crema (1991), a partir dos estudos de Max Planck, pode-se dizer que uma partícula é uma partícula sim, em sua composição mais densa, mas, também é onda em uma dimensão mais sutil.

A matéria que percebemos visualmente e tatilmente como sólida, na realidade, é uma espécie de fantasmagoria, de ilusão dos próprios sentidos. Aquilo que chamamos de matéria é então um Sistema resultante de forças antagônicas que permitem manter o Sistema como tal. (BRANDÃO; CREMA, 1991, p.150)

Estes adventos da física revolucionam a forma de se olhar a realidade e de compreendê-la; sucessivas teorias e estudos surgem com base nas descobertas de Einstein e da física quântica. Inclusive em ciência, começa a se admitir a possibilidade de existência de outros tipos de lógica, como por exemplo, a lógica da descontinuidade em

contrapartida da continuidade linear e de dinamismos antagônicos, os quais podem e devem coexistir inclusive para a manutenção do equilíbrio dos sistemas e conjuntos que formam e possibilitam a existência e permanência de processos e formas de vida.

Assim reconhecendo que matéria e energia estão em constante movimento, cai por terra uma concepção puramente homogênea de matéria, e se comprova através de experimentos científicos que, em uma realidade quântica, a existência material é também descontínua. Outra importante característica agregada, seria então a de um “mundo” de não separatividade e de não-dualismo, agregando a física este novo conceito.

Retomando Nicolescu (1999) a estrutura descontínua da física leva ao entendimento de que existem e coexistem sim diferentes níveis de realidade, onde nenhum é mais importante que o outro, mas para que possamos realmente compreendê-los é necessário que lancemos mão do olhar adequado a cada nível, de acordo com suas características. Compreender a realidade e os níveis em que ela se apresenta é uma tarefa complexa e de cuidadoso olhar. Assim compreender o real, é admitir dentro da visão transdisciplinar que existem múltiplos constituintes do que chamamos de realidade.

O terceiro ponto para compreensão da metodologia da transdisciplinaridade trata-se da Lógica do Terceiro Incluído que está intimamente relacionada com os níveis de realidade, trazida pelo filósofo Stephane Lupasco em seus debates sobre contradição.

Nicolescu descreve a lógica do terceiro incluído, como uma lógica que permitiria ultrapassar os diferentes campos do conhecimento. A própria compreensão da noção de diferentes níveis de realidade já incluiria e explicaria a inclusão do terceiro.

O problema Sujeito/Objeto foi central na reflexão filosófica dos pais fundadores da mecânica quântica. Pauli, Heisenberg e Bohr, assim como Husserl, Heidegger, Gadamer e Cassirer, refutaram o axioma fundamental da metafísica moderna: a separação total entre o Sujeito e o Objeto. A divisão binária (Sujeito, Objeto) que define a metafísica moderna é substituída, na abordagem transdisciplinar, pela repartição ternária (Sujeito, Objeto, Terceiro Oculto). (NICOLESCU, 2009, p.3)

Esta lógica baseia-se em três axiomas:

- O axioma da identidade: A é A.

- O axioma da não contradição: A não é não-A.

- O axioma do terceiro excluído: existe um termo T, que aqui representaria o terceiro incluído. O qual seria A e não-A ao mesmo tempo.

Os três axiomas bem ilustram a lógica ternária e não dual na apreensão e compreensão da realidade na transdisciplinaridade, e na possibilidade de existência de não apenas um único nível de realidade. Ou ainda que, para a explicação de um nível de realidade ou de um mesmo fenômeno, pode ter mais de uma explicação.

O mundo é ao mesmo tempo cognoscível e incognoscível. O mistério irreduzível do mundo coexiste com as maravilhas descobertas pela razão. O incognoscível penetra cada poro do cognoscível, mas, sem o cognoscível, o incognoscível seria somente uma simples palavra vazia. (NICOLESCU, 2009, p. 6)

O conceito do terceiro incluído nos lembra que a realidade tem multifacetadas e quando conseguimos ter este alcance sobre o real um universo de infinitas possibilidades se abre. A realidade então é uma estrutura aberta e multivalente e o terceiro incluído nos traz a reflexão quanto as noções de verdade e mentira, ou que é ou não a realidade.

3.2 VISÃO HOLÍSTICA

A visão holística ou paradigma holístico surge como um movimento de inquietação e discordância ao paradigma newtoniano-cartesiano e às mazelas por este deixado.

A divisão do conhecimento em disciplinas, que foi de fundamental importância ao crescimento tecnológico e para os avanços nas mais diversas áreas da ciência, em contrapartida fragmentou conhecimentos, como define Weil (1990), instaurando o “fantasma da separatividade”, tanto na compreensão quanto na abordagem do real.

No ano de 1926, o sul africano Ian Christian Smuts, filósofo, general e estadista e, um dos primeiros defensores do movimento anti-*apartheid*, cria o termo Holismo para definir a existência de um princípio de totalidade e uma tendência organizadora que pode ser assim definida:

[...] representa o fundamento de “uma tendência sintética no Universo e constitui o princípio responsável pela origem e progresso de conjuntos (*wholes*)”. Antecipando a teoria holográfica, eis

uma surpreendente declaração smutiana: (...) a síntese afeta e determina as partes, de tal modo que estas funcionam para o ‘todo’; e o todo e suas partes, por isto mesmo, se influenciam reciprocamente, se determinam um ao outro e aparecem mais ou menos como fundindo os seus caracteres individuais: o todo, e esta síntese do todo e das partes está refletida no caráter holístico das funções das partes tanto quanto do todo. (CREMA, 1989, p. 61)

As ideias de Smuts são disseminadas para o ocidente pelo dissidente de Freud Alfred Adler, o qual teve influência do pensamento smutiano quando expressa que existe uma “batalha” do ser em busca da sua inteireza.

Numa postura de maior coerência epistemológica, apesar de reconhecer a grandiosidade da obra de Smuts, a mudança do termo holismo para holístico, ou holística, decorre do desenvolvimento e reflexões acerca do conhecimento nesta área, e o sufixo *ismo* conforme Crema (1989, p. 62):

[...] denota em ênfase via de regra hipertrofiada no que o antecede (neste caso, holos), tendendo uma visão extremista e excludora (neste caso, para uma superênfase no todo, gerador do *totalitarismo* que, numa polaridade, é a face oposta do atomismo: dois perigosos equívocos), torna-se adequado e necessário substituir o termo holismo por holística (visão holística, paradigma holístico, abordagem holística, etc.)

Brandão e Crema (1991) alertam para o perigo da ênfase no todo, dada por Smuts, que seria uma visão reducionista e não complementar, que buscaria reduzir tudo ao todo. Dentro da visão holística, tanto a parte como o todo são importantes de serem conhecidos, reconhecidos e analisados. Então, neste trabalho, a pesquisadora opta por utilizar os termos visão holística e/ou paradigma holístico, por afinidade com os teóricos estudados e citados: Pierre Weil, Roberto Crema, Dênis Brandão, e, das definições acerca da visão holística. A visão holística é mais fortemente disseminada a partir de 1980 por Monique Thoenig, psicóloga francesa e fundadora da Universidade Holística de Paris, uma grande pioneira na formação em Psicologia Transpessoal na Europa.

Assim, de acordo com Crema (1989) no início da década de 80, sucessivos encontros e debates interdisciplinares acerca deste novo paradigma acontecem, atraindo os olhares de renomados cientistas das mais diversas áreas, artistas, filósofos, físicos, líderes políticos, dentre outros. Principalmente, após a divulgação da Declaração de Veneza, que conclama os cientistas para um olhar com maior responsabilidade social, em busca de avanços, no sentido de uma compreensão universalizante e transdisciplinar em ciência e no olhar da vida, em oposição ao paradigma newtoniano-cartesiano, que com uma explicação puramente mecanicista não conseguiu abarcar o dinamismo da própria vida e de seus fenômenos.

Como mais uma resposta ao conclamado na Declaração de Veneza, ocorre em 1987, no Brasil do I Congresso Holístico Internacional, com apoio da Universidade Internacional Holística de Paris, sendo considerado o primeiro grande encontro em nosso país para compreensão e divulgação deste novo paradigma, reunindo mais de mil pessoas de todo o mundo.

No Brasil deve-se ao doutor em psicologia Pierre Weil, a divulgação do paradigma holístico e a implantação da Universidade Holística Internacional da Paz - UNIPAZ, atualmente com campus em vários estados do país e sede em Brasília. Divulgar, estudar e vivenciar tal concepção foi o trabalho de praticamente a vida inteira deste psicólogo.

O paradigma holístico emerge então, buscando ser uma alternativa de dissolução dos reducionismos e fragmentações e, conforme Crema (1989), buscando refletir sobre as possibilidades de não se criarem trincheiras e sim “pontes” estabelecidas sobre as fronteiras epistemológicas. Tentando uma re-união do que foi partido, e deixado de lado pelas ciências, como por exemplo, retomar o caminho trilhado pelas artes, filosofias, ciências e grandes tradições como constituintes indispensáveis à compreensão da realidade.

Conforme Brandão e Crema (1991, p.150) a passagem do paradigma newtoniano-cartesiano para um paradigma holístico, mais abrangente se deve, principalmente, a dois fatores:

[...] por um lado, a insuficiência da lógica clássica formal para explicar certos eventos paradoxais na física quântica e na psicologia transpessoal; por outro lado, a reificação do homem, com a consequente repressão dos valores superiores, particularmente o amor verdadeiro.

Tomando-se o surgimento da física quântica e seu desenvolvimento, surgem desafios que confrontam a lógica formal até então instituída, de uma física clássica, baseada em leis mecanicistas e que subjuguavam a realidade, e também por consequências, o que seria científico ou não.

Neste sentido também com a colaboração de Stephane Lupasco, parece que também se admitiria a passagem de uma lógica de não contradição para uma de contradição, o qual utilizou da lógica e da matemática para criar possíveis explicações para os fenômenos observados a partir das contradições apontadas pela física quântica, na qual:

[...] relações de antagonismo são necessariamente muito mais fortes nos sistemas da microfísica, e mais relaxadas na astrofísica, à medida que se caminha para sistemas mais complexos. E é justamente aí que se opera uma mudança de lógica. “A distinção entre ‘pequeno’ e ‘grande’ é puramente relativa e não pode constituir um critério válido. Nada impediria, do ponto de vista teórico, que os fenômenos da microfísica fossem os mesmos que os fenômenos macroscópicos, e é justamente o que uma certa física antiga clássica tomava como certo. (BRANDÃO e CREMA, 1991, p. 152)

O segundo fator que Brandão e Crema (1991) mencionam como contribuinte para a passagem do paradigma newtoniano-cartesiano para um paradigma holístico, refere-se a Psicologia Transpessoal, que aparece para dar conta da fenomenologia de algumas experiências, sendo a Psicologia, até então, construída e consolidada em suas três forças principais (Behaviorismo, Psicanálise e Humanismo), as quais não davam conta de explicar alguns fenômenos da psique humana, dentre os quais se pode citar: fator PSI de percepção extra-sensorial e psicocinesia, os quais ultrapassam as fronteiras da percepção humana até então estudadas e desafiam os pesquisadores quanto a percepção do tempo, por exemplo, que não aparece de forma linear na experiência de muitas pessoas, como nos fenômenos de pré-cognição, por exemplo. Como uma mente humana pode prever um fato ainda não acontecido?

Assim, muitos outros fenômenos são objetos de estudo da Psicologia Transpessoal, que busca conhecimento também, em tradições

orientais, nas quais parece natural esta compreensão de fenômenos e onde os mesmos são estudados.

Como contribuição à visão holística, vê-se como fundamental o estudo das experiências de unidade ou unitivas, muito bem descritas pelos povos orientais, como o estado de samadhi, nirvana, turya, êxtase, do ioga, dentre tantos que estão sendo muito estudados e têm contribuído para uma compreensão mais holística do ser humano, visto que nestes estados os praticantes dizem experimentar uma unidade cósmica ou acessarem uma consciência cósmica, na qual não existe mais separação entre sujeito e objeto, entre interior e exterior, uma vivência de dissolução, o oposto de uma visão separatista e dual, o que invariavelmente, acarreta uma mudança de valores em seu experimentador, ou conforme Brandão e Crema (1991), o surgimento de uma nova lógica, quem sabe do encontro da ciência com a consciência, sendo também, temas de estudo da visão holística e da Psicologia Transpessoal.

Assim, no paradigma holístico, a partir das contribuições acima citadas, a abordagem da realidade não é nem analítica e nem sintética, mas sim, utiliza-se dos dois métodos, e dá igual importância aos dois. Abaixo uma analogia que parece bem explicar esta abordagem do real:

[...] podemos afirmar que o substrato neurofisiológico envolvido nesta abordagem não é nem o hemisfério cerebral esquerdo nem o direito e sim o *corpo caloso*, um espesso feixe de nervos agregando milhões de fibras nervosas que interligam estes dois centros cerebrais, exercendo a transcendente função de *interconexão hemisférica*. (BRANDÃO; CREMA, 1991, p. 97)

Ainda definindo a visão holística, Crema (1989) explica que esta representa a união entre consciência e ciência, e, parece que a ciência carece de mais consciência, pois a maioria dos avanços científicos aconteceram prejudicando o equilíbrio natural, em nome do progresso. Muitos avanços aconteceram, não se pode negar, mas se questiona o ônus deixado por eles.

Na atualidade, diante de tantos desafios, em que a humanidade precisa se posicionar, a visão holística parece emergir como uma possibilidade e uma “força” que faltava para a superação do paradigma cartesiano-newtoniano, trazendo uma racionalidade nova, que possa vir

em oposição à fragmentação e à perigosa tendência há muito disseminada em ciência do reducionismo.

Assim, Crema (1989) conta sobre o nascimento da visão holística e disseminação do movimento holístico:

[...] Dentro de um contexto mais amplo, o movimento holístico surge da premência do nosso crítico tempo caracterizado pela violência, desequilíbrio do ecossistema e iminente ameaça nuclear, consistindo, em última instância, na atitude de se jogar imprescindíveis pontes sobre todas as fronteiras que fragmentam o conhecimento e o coração humano. (CREMA, 1989, p. 60)

Interessante colocar que a visão holística e transdisciplinar possuem semelhanças em muitos conceitos, aqui gostaria destacar: não partição da parte e do todo; reducionismo científico (normalmente de explicação por uma única ciência).

No Brasil, dentro da UNIPAZ, é interessante colocar o trabalho com metodologias transdisciplinares em todos os cursos oferecidos pela instituição. Tanto os facilitadores(professores), quanto os aprendizes (alunos), são convidados a trilhar a busca pela construção do conhecimento sempre através de dois caminhos: o da holologia(conhecimento) e o da holopráxis (prática vivencial de tudo o que é estudado) o que se caracteriza por uma metodologia transdisciplinar.

3.3 VISÃO TRANSDISCIPLINARIDADE E EUCAÇÃO

A intenção de diálogo entre as ciências e a busca de multirreferencialidades apresentado pela visão transdisciplinar parece ir ao encontro da busca de compreensão e de possíveis intervenções para o enfrentamento dos desafios contemporâneos.

Dentre estes desafios colocamos a formação das crianças nos espaços escolares e a necessidade destes espaços oferecerem uma formação mais completa em que se procure dar conta das multidimensões humanas. Uma educação que articule compreensão e diálogo e que leve a um enfrentamento consciente da realidade. As escolas neste cenário têm um papel importantíssimo, pois se reconhece que as mudanças que precisamos devem ser semeadas nas crianças, sendo que é na escola que boa parte da formação destas ocorre.

O questionamento do ponto ao qual chegamos? Para onde queremos caminhar enquanto seres humanos? O que tem se tornado a existência do ser humano neste planeta? Que marcas este ser humano tem deixado através de sua existência na sociedade?

Neste capítulo traremos a discussão da relevância da transdisciplinaridade em educação. Discussão esta realizada a partir da apresentação de importantes documentos construídos que trazem princípios necessários para uma educação que pretenda contemplar a importância da inteireza no ato de educar e o preparo das crianças para o enfrentamento e conscientização diante das crises e desafios contemporâneos. Sobre as crises e desafios o artigo 11 da Carta da Transdisciplinaridade (1994, s.p.), na sua íntegra, coloca que:

Artigo 11: Uma educação autêntica não pode privilegiar a abstração no conhecimento. Deve ensinar a contextualizar, concretizar e globalizar. A educação transdisciplinar reavalia o papel da intuição, da imaginação, da sensibilidade e do corpo na transmissão do conhecimento.

No ano de 1996 então foi publicado pela UNESCO (Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura) com autoria de Jacques Delors os quatro pilares necessários a educação do futuro no século XXI, a saber:

- Aprender a conhecer.
- Aprender a fazer.
- Aprender a viver juntos.
- Aprender a ser.

Junto aos quatro pilares somam-se outros dois pilares complementares:

- Aprender a participar.
- Aprender a antecipar.

O primeiro pilar apresentado, Aprender a Conhecer, refere-se a capacidade do aluno de realizar as ligações e as “pontes” necessárias entre os saberes diferentes. Este pilar também fala da busca de entender o significado destes saberes no cotidiano vivido e também o significado interior que estes agregam.

O segundo pilar, Aprender a Fazer, tem relação com a importância da dimensão da criatividade em educação, pois remete a criação do novo e o despertar da potencialidade criativa. A ligação do potencial interior de cada ser com o exterior. O fazer neste pilar, é um fazer em conjunto, onde

o aprender a viver juntos (o terceiro pilar) apareceria de forma concomitante, é um aprendizado também do saber viver em conjunto, com o respeito as opiniões dos outros.

Viver em conjunto não significa apenas tolerar as diferenças das opiniões, cor e crenças dos outros; submissão às exigências dos poderosos; navegar entre os meandros de incontáveis conflitos; separar definidamente a vida interior da vida exterior. A atitude transcultural, transreligiosa, transpolítica e transnacional pode ser aprendida. (NICOLESCU, 2000, p. 151)

A importância do outro na nossa vida é fundamental, pois é através deste reconhecimento que poderemos desenvolver a capacidade de empatia, tão escassa nas relações da nossa sociedade atual. O mundo está cheio de desigualdades, violências de todos os tipos, neste sentido Delors (2012, p. 79) coloca:

É de se louvar a ideia de ensinar a não violência na escola, mesmo que apenas constitua um instrumento, entre outros, para se combater os preconceitos geradores de conflitos. A tarefa é árdua porque, naturalmente, os seres humanos têm a tendência de supervalorizar as suas qualidades e as do grupo a que pertencem, e a alimentar preconceitos em relação aos outros. Por outro lado, o clima geral de concorrência que atualmente caracteriza a atividade econômica no interior de cada país e, sobretudo no nível internacional, tende a dar prioridade ao espírito de composição e ao sucesso individual. De fato, essa competição resulta, na atualidade, em uma guerra econômica implacável e em uma tensão entre os mais e os menos favorecidos, que divide os países do mundo e exacerba as rivalidades históricas. É de se lamentar que a educação contribua, por vezes, para alimentar esse clima, devido a uma má interpretação da ideia de emulação.

O quarto pilar, Aprender a ser, nos remete ao verdadeiro espírito científico onde o se questionar é fundamental. A educação deve contribuir oferecendo espaços para o teste das nossas convicções, para que

descubramos os pensamentos condicionados, “[...] conhecer o que se encontra embaixo”. (NICOLESCU, 2000, p. 151)

O aprender a ser será que terminaria? Neste quarto pilar a resposta é não! A formação dos seres (professor/aluno) envolvidos no processo de educar não termina. “[...] também é uma aprendizagem permanente na qual professores informam os alunos tanto quanto os alunos informam os professores”. (NICOLESCU, 2000, p. 151)

Aprender a ser é fundamental para que se sustentem os outros três pilares, para que se aprenda a ser é importante que se respeite e desenvolva os seres em todas as suas dimensões, com enfoque no desenvolvimento global do ser. Assim estará se contemplando este pilar em educação. Se aprendo a ser de forma inteira, verei o mundo e a realidade de forma mais ampla e inteira também. Conforme Delors (2010, p. 14):

[...] todos nós seremos obrigados a incrementar nossa capacidade de autonomia e de discernimento, acompanhada pela consolidação da responsabilidade pessoal na realização de um destino coletivo. [...] Eis o que confirma a necessidade de maior compreensão de si mesmo.

Junto aos quatro pilares foram acrescentados mais dois pilares: Aprender a antecipar e Aprender a participar. É urgente que não se aprenda mais pela destruição, por isso a necessidade de se antecipar. E quanto “[...] aprender a participar através do envolvimento – uma vez que soluções para os problemas não podem ser encontrados em “torres de marfim do aprender” sem envolver a massa crítica da sociedade”. (SOMMERMAN; MELLO; BARROS 2002, p. 201)

Com a leitura dos pilares ficam claros os propósitos da educação transdisciplinar que seriam de forma geral, construir uma educação que busque a formação integral do ser humano, que contemple questões éticas como: responsabilidade, respeito, compromisso. Uma educação também que resgate e dê valor a intuição, a sensibilidade, ao imaginário, ao corpo.

A partir destes pilares apresentados, os signatários do documento, colocam que a lógica e a metodologia apresentadas pela visão transdisciplinar ofertam a base para a compreensão ontológica da sustentabilidade. Quando nos seus princípios, fica muito claro a visão da não-separatividade e por consequência da interdependência entre todas as coisas, educar a criança como um todo levaria espontaneamente a esta criança olhar o mundo como um todo.

No Brasil, em Fortaleza-Ceará, no ano de 2010, durante a Conferência Internacional sobre os Sete Saberes necessários à Educação do Presente, promovida pela UNESCO e pela Universidade Estadual do Ceará é elaborada a Carta de Fortaleza. Conferência esta realizada em comemoração aos 10 anos de lançamento da obra de Edgar Morin, Os sete saberes necessários a educação do futuro.

Na Carta de Fortaleza é firmado um compromisso com a formação das futuras gerações, procurando parcerias com instituições de ensino públicas e privadas, formais e não formais no nosso país para que se privilegie o trabalho com os Sete Saberes. Reconhece-se na Escola o local ideal de formação das futuras gerações, tendo através da educação a esperança de resolução problemas e de formação de novas formas de pensar.

Concordamos com Morin que, como humanidade, precisamos de um pensamento complexo, ecologizado, capaz de relacionar, de contextualizar, de contextualizar e religar diferentes saberes ou dimensões da vida. Precisamos de mentes mais abertas, de escutas mais sensíveis, de pessoas responsáveis[...] Isto é fundamental para que possamos desenvolver pensamentos, sentimentos e ações mais congruentes e coerentes com as atuais necessidades humanas e consolidar uma nova política de civilização baseada na sustentabilidade, na justiça, na solidariedade, na paz e na democracia. (MORAES; ALMEIDA, 2012, p.248)

Este documento traz o compromisso de apoio a práticas de educação transformadoras, as quais teriam como características fundamentais a promoção da construção de conhecimentos transdisciplinares considerando as relações indivíduo – sociedade – natureza.

Os sete saberes trazidos por Morin (2000) são: As cegueiras do conhecimento: o erro e a ilusão; Os princípios do conhecimento pertinente; Ensinar a condição humana; Ensinar a identidade terrena; Enfrentar as incertezas; Ensinar a compreensão e A ética do gênero humano.

A pesquisadora apresentará abaixo um quadro com os sete saberes, mostrando o que representa cada saber e a que cada um se propõe trabalhar.

Quadro 1 - Sete Saberes

OS 7 SABERES	DEFINIÇÃO	CONTRIBUIÇÕES
AS CEGUEIRAS DO CONHECIMENTO	- Todo o conhecimento e teorias fechadas, carrega o risco do erro e da ilusão.	- Na busca pela verdade devemos estar abertos a: crítica, autocrítica, abertura e complexidade.
OS PRINCÍPIOS DO CONHECIMENTO PERTINENTE	- Como organizar, articular e entender o contexto das informações?	- Precisamos reformar o pensamento, para compreender tanto os contextos particulares, globais e complexos.
ENSINAR A CONDIÇÃO HUMANA	- Compreender que todas as dimensões da vida são importante e inter-relacionam-se e também são dependentes umas das outras. Assim compreenderemos o que é o humano e sua diversidade.	- Entender quem é o ser humano inclusive no seu antagonismo e nas suas contradições.
ENSINAR A IDENTIDADE TERRENA	- Reconhecimento de nossa identidade terrena. Identidade que une a todos.	- Reconhecimento de uma Era Planetária que exige pensamento policêntrico, que é nutrido e construído pelas culturas do mundo.
ENFRENTAR AS INCERTEZAS	- O futuro é permeado pelo conceito de incerteza. A história é um complexo de ordem, desordem e organização. (crises	- Devemos estar preparados para prever estratégias. Ter habilidades de planejamento.

OS 7 SABERES	DEFINIÇÃO	CONTRIBUIÇÕES
	meio ambiente, migrações, econômicas,...)	
ENSINAR A COMPREENSÃO	- Seria compreender que aprender é reaprender constantemente.	- Sair da postura do egocentrismo, etnocentrismo e o olhar redutor. Trabalhar na aquisição da tolerância garantida pela democracia.
A ÉTICA DO GÊNERO HUMANO	- Indivíduo/sociedade / espécie não são apenas inseparáveis, mas co-produtores um do outro, a ética propriamente humana, ou seja, a antro-po-ética.	- Chegar ao consenso através da democracia. A diversidade deveria estar alimentada pelos ideais de: Liberdade, Igualdade e Fraternidade.

Fonte: elaborado pela autora (2017).

Considera-se o trabalho com as Sete Sabedorias propostos por Morin uma importante contribuição na busca pela construção de uma Educação que possa transformar as consciências humanas, ou conforme Morin (2000) coloca, o educar rumo a uma metamorfose civilizacional. A escolha do temo metamorfose parece adequado, pois como observado na natureza, quando qualquer sistema não tem mais condições de sobrevivência ou ele morre ou se reconstrói. Diante das crises criadas e enfrentadas pela humanidade, espera-se pela reconstrução de nossos sistemas de vida. A compreensão de crise segue o raciocínio de Morin, no sentido de vê-la e procurar compreendê-la como oportunidade de evolução, desenvolvimento de criatividade e criação do novo.

Observa-se nos quatro pilares necessários a educação do futuro no século XXI e nos sete saberes necessários a educação do futuro a oferta de uma consistente metodologia transdisciplinar para se pensar em uma pedagogia transdisciplinar e em práticas em educação transdisciplinares, as quais acreditamos. Também os princípios do paradigma transdisciplinar colaboram para as transformações tão necessárias ao tempo que vivemos e também colaboram de forma respeitosa na formação e desenvolvimento dos seres humanos civilizados, avançando rumo a um

horizonte ético comum, apesar de enquanto humanos termos tantas diferenças e antagonismos.

3.4 VISÃO E CONTRIBUIÇÕES DO BUDISMO A EDUCAÇÃO

Neste capítulo apresentaremos as contribuições do budismo à educação. Os conceitos que aqui serão colocados, foram sugeridos pelo Lama Padma Samten, profundo conhecedor do budismo e idealizador da escola Caminho do Meio. Os conceitos fundamentais elencados são: qualidades incomensuráveis (as quatro nobres verdades); Imperfeições; Sabedorias (as cinco sabedorias). Considerados o nobre caminho que o Buda descreveu.

Ao se apresentar os conceitos estes aparecerão muitas vezes mesclados com a visão e concepção pedagógica da escola, visto que, algumas obras utilizadas são escritas pelo Lama Padma Samten, que para ilustrar os conceitos budistas associados a educação, traz como exemplo a sua vivência na escola.

Aprender de acordo com a visão do Budismo¹ seguida por Samten, inclui o resgate da liberdade e o ultrapassar dos automatismos aos quais usualmente nos prendemos. Ultrapassar os automatismos seria nesta concepção:

[...] recuperar a liberdade. O objetivo não é adaptar a pessoa à experiência convencional de um mundo circundante, preexistente e independente. Convencionalmente, vemos um mundo no qual estamos, mas que é separado de nós. No sentido budista, quando olhamos esta situação, não usamos essa perspectiva. Quando superamos os três automatismos – cognitivo, emocional e cármico (sutil, incluindo percepção sensorial) – o mundo se transforma. [...] De fato, este é o sentido de liberação. (SAMTEN, 2010, p.2).

¹ O budismo é liberdade. O grande caminho budista é como um rio que faz um longo trajeto e se dissolve no oceano da natureza última. Nesse oceano não há sofrimento, nem extinção do sofrimento, não há causas do sofrimento, não há realização nem não realização, não há sabedoria nem não sabedoria. Há a natureza ilimitada, o oceano que sempre esteve presente. (SAMTEN, 2010, p. 148).

Neste caso, a liberdade surgiria através da consciência e da quebra que os automatismos exercem sobre as pessoas. Pensar em uma educação na qual se respeite o processo individual de cada um, pode-se dizer que, já se está quebrando alguns automatismos, como por exemplo, o de compreender realmente em que ponto cada criança se encontra para aprender. Samten (2010) orienta que o professor deve seguir o método da compaixão. No budismo esta habilidade é representada pelo Buda Chenrezig, ou o Buda da Compaixão.

[...] Faz parte de nossa compreensão, do nosso método, está dentro do imaginário dos professores (dentro do programa de formação deles) poder ajudar os pais, as crianças, a comunidade e a eles mesmos, a partir do ponto onde eles estiverem. Na nossa abordagem podemos dizer que o professor vai seguir o método da compaixão [...] Ele é descrito como “aquele que ouve os sons do mundo”. Ele ouve o que as pessoas dizem. Ele vai ao encontro das pessoas onde elas estão, não onde ele mesmo está. Isso é a essência da compaixão. (SAMTEN, 2010, p. 3).

A postura do professor deve ser aberta, para se ligar ao aluno e poder acionar os melhores meios de educar. Nesta relação não existe só uma mente que opera, também existe o coração, a imaginação, a energia, a respiração, ou seja, o processo inteiro.

O professor seria um exemplo e representaria o ensinamento do próprio Buda, como um condutor que ajuda o aluno a compreender as realidades e também a liberdade em cada situação vivenciada. Todo o ensinamento deve ser para libertar. Atingir esta liberdade é o maior ensinamento do Buda. A própria palavra buda representa a total liberdade e liberação de todos os nossos condicionamentos.

A própria natureza do Buda é liberdade, que está para além da vida e da morte, do espaço e tempo. Acessar esta natureza é estar num lugar antes de qualquer construção, é sabermos quem somos. O que sou permanece, a vida e morte passam. [...] Se tivermos a felicidade de tomar por referência a natureza que não nasce e não morre, poderemos entrar alegremente no mundo dos referenciais, no mundo das coisas que nascem e morrem, porque

saberemos onde estamos e o que somos. Estamos livres deste movimento. (SAMTEN, 2001, p. 124)

O professor dentro de uma proposta budista encontraria espelho através da representação do Buda Chenrezig, o Buda da compaixão que nos lembra que deveríamos nos mover neste mundo sincera e profundamente através do amor e da compaixão. O Buda Chenrezig, se manifestaria em nós mesmos quando conseguimos acessar a nossa essência que é pura e amorosa e assim poder facilitar que o outro se expresse através de sua natureza.

Cada criança fará o movimento do seu modo, nenhuma igual à outra e nenhuma igual ao adulto. Quando o adulto se oferece como exemplo vivo à criança, é necessário que o faça por generosidade. O gesto do adulto precisa ser compreendido claramente como um oferecimento às crianças, e nunca como uma exigência (SAMTEN, 2010, p. 35)

Uma das chaves para o desenvolvimento das crianças e dos professores, que também são vistos como aprendizes, seria a geração de maior intimidade destes com seu mundo interno. O fato de não se olhar para o mundo interno pode gerar a não compreensão deste e, conseqüentemente, a não compreensão adequada do mundo externo, com isto, surgiria uma dificuldade ou mesmo a incapacidade de um posicionamento correto, tanto pessoal quanto coletivo. Nesta visão, não existe a separatividade destes dois mundos e sim uma coemergência de ambos.

A definição de mundo interno na perspectiva budista refere-se aos aspectos subjetivos, mentais, da experiência de cada ser humano. O professor é convidado, tanto na relação com as crianças, quanto em sua prática pedagógica a observar suas emoções, processo cognitivo, olhar o mundo interno de forma investigativa e também contemplativa. (KLEIN, 2016)

As condições de construção e estruturação do mundo interno proporcionariam o agir com mais lucidez, que de forma muito breve poderia se dizer que seria a ampliação da visão sobre as coisas a partir de um “lapidar” do olhar, para que se possa realmente ver a realidade.

Conforme Samten (2010), na abordagem de educação que segue princípios budistas, é fundamental este olhar tanto com os alunos quanto

com os professores. Assim, registra-se esta fala da importância do ver e das dificuldades do ver:

Na abordagem da educação sob a perspectiva budista, precisamos desenvolver uma convicção de que o ponto central é ultrapassar a dificuldade de ver. Quando compreendemos este ponto, compreendemos como a questão da espiritualidade é de fato, uma questão de visão ampla e lúcida da realidade. A espiritualidade se coloca neste sentido. Não se coloca como uma tradição religiosa que vem convencer as pessoas a fazer uma coisa e não outra, mas em um processo mais profundo, pelo qual nós penetramos na realidade de uma forma mais abrangente. Na visão do professor Alan Wallace², em sua noção de “dimensões escondidas”, fica evidente que quando olhamos a realidade, nós vemos algumas coisas, mas precisaríamos poder olhar de forma mais abrangente. O tema central portanto é superar avidya. A chave essencial para este processo de ultrapassar as dificuldades de visão está na descoberta do mundo interno. (SAMTEN, 2010, p. 2)

Torna-se um desafio esta prática de observação e respeito ao interno, ao particular de cada um, tornando-se imprescindível entender também os conceitos de avidya e de duka.

Avidya conforme colocado por Buda em seus ensinamentos, seria o primeiro dos doze elos que compõem as situações difíceis pelas quais os seres humanos passam em suas vidas, estaria relacionado com a incapacidade de ver de forma apropriada as situações. Pode ser

² Alan Wallace - colaborador do Centro de Estudos Budistas Bodisatva (Viamão-RS) foi durante 20 anos um monge budista, morou em Dharamsala, na Índia, traduziu mais de 30 livros do tibetano para o inglês, estudou com os mais altos mestres do Tibete e ainda ocupou o posto de intérprete oficial de sua santidade, o Dalai-Lama. Hoje, novamente como cientista e físico e autor de quatro importantes livros sobre ciência e práticas contemplativas, Wallace comanda um verdadeiro exército de neurocientistas, antropólogos, sociólogos e psicólogos no Instituto Santa Bárbara de Estudos da Consciência, na Califórnia. Seu foco de estudos é a meditação e seus efeitos. (ALLAN WALLACE, 2009).

relacionada a inteligência dual, separativa, também podendo ser chamada de Ignorância. (SAMTEN, 2015)

O conceito de duka refere-se a compreensão de que existe um movimento cíclico nas situações que ocorrem em nossas vidas e, em muitas ocasiões, as causas dos sofrimentos dão-se pela falta de reflexão quanto a impermanência destes e à sua não duração eterna. Neste caso, o sofrimento, não seria apenas o sofrimento, pois seu momento seguinte pode ser a felicidade. Ou, em outras palavras, o reconhecimento da natureza ilimitada das coisas, como se alegria e sofrimento aparecessem de forma inseparadas. (SAMTEN, 2015)

Trazer condições de compreensão desta natureza cíclica auxiliaria a entender a forma pela qual atribuímos sentido as coisas na vida. Pois, o bem e o mal estão sempre acontecendo, mas como EU lido com eles?

No ocidente não há nenhuma palavra que contemple ao mesmo tempo, significados aparentemente opostos, em que os significados das palavras não podem ser unidos em um único termo. Assim duka pode ser exemplificado como:

Um exemplo é o da mulher que deseja ter filho. Quando o bebê nasce, ela pensa: “Que maravilha!” Depois ela percebe que tudo o que acontece ao filho a perturba intensamente. O sofrimento surge na exata medida daquela alegria. É assim em todas as relações humanas. (SAMTEN, 2015, p. 28)

A educação de acordo com estes princípios procura inserir através deste olhar do todo e da não separatividade, de forma natural uma cultura de paz. Se existe então esse conhecimento e essa prática cotidiana pelas crianças, de que não se está separado, então o que é bom para mim espontaneamente reverbera no todo a minha volta. Surge aí uma lógica interessante para a formação social da criança.

Na Escola Caminho do Meio, temos a oportunidade de desenvolver uma compreensão educativa a partir da descrição detalhada desta visão integral, e por isso optamos por oferecer a melhor “casa sutil” possível para acolher aos seres que chegam, ou seja, ao invés de paisagens estreitas, buscamos oferecer paisagens amplas: as mandalas abrangentes dos seres de sabedoria. Nisso consiste o trabalho a partir das cinco sabedorias lúcidas, que estruturam o referencial da escola. Buscamos que

nossa “mentalidade” se afine com essas inteligências de sabedoria. Segundo a visão da escola, vamos partir das mandalas para alinhar pensamentos, energia e corpo. Segundo uma visão positiva e ampla. Assim procuramos educar a criança dentro de um contexto ou “casa” favorável. (SAMTEN, 2012, p. 3).

Cria-se a compreensão de que tudo que se percebe como mundo externo, é também o mundo interno, levando a compreensão de uma visão baseada no todo e entendimento da interdependência entre todos os seres.

Ainda compreendendo o caminho budista que leva a esta compreensão ampliada e a esta lógica de posicionamento perante a vida, é necessário então que se fale sobre as quatro nobres verdades e as cinco sabedorias de acordo com o budismo.

Falando sobre as quatro nobres verdades estas são ensinamentos que procuram mostrar as causas do sofrimento humano são elas: verdade do sofrimento; verdade da origem do sofrimento; verdade da cessação do sofrimento e verdade do caminho que leva à cessação do sofrimento. No Apêndice A encontra-se uma breve definição das nobres verdades. (VELEDA, 2004)

Quanto as Cinco Sabedorias estas serão apresentadas de acordo com Samten (2006), a saber: Sabedoria do Acolhimento, Sabedoria da Igualdade, Sabedoria Investigativa, Sabedoria da Causalidade e Sabedoria da Transcendência. Importante colocar que estas sabedorias não ocorrem de forma separadas uma das outras, aqui se falará de cada uma em separado para melhor compreendê-las. Elas são representadas por cinco Diani Budas, são simbolizadas pelas cores das bandeiras tibetanas, um dos símbolos mais conhecidos do budismo, e pela representação de cada sabedoria simbolicamente representada por um buda de cada cor, relacionado a cada uma das sabedorias.

As cinco sabedorias apresentam uma forma de se mover no mundo diante das variadas situações que são apresentadas pela vida. Na Escola Caminho do Meio as sabedorias representariam um mapa para que o professor se mova diante da prática pedagógica e é também princípio norteador da proposta pedagógica da mesma.

[...] a mandala das cinco sabedorias representa formas de perceber e de se movimentar nas diferentes situações no cotidiano escolar. Tratam de elementos a partir dos quais o professor pode inspirar-se para conduzir suas ações e intervenções

no dia a dia com as crianças. Na escola, as cinco sabedorias são apresentadas como temas do plano anual e divididas por bimestres. A cada período de dois meses, os professores têm como “pano de fundo” de suas ações e planejamentos cada uma das cinco sabedorias. (KLEIN, 2016, p. 27-28)

Figura 1 - As bandeiras da vitória budista.



Fonte: Centro de Estudos Budistas (2016).

Para melhor visualizar e compreender as Cinco Sabedorias estas serão apresentadas através do quadro abaixo, tendo como base de referência a obra de Samten (2012) e o Projeto Político Pedagógico da Escola Caminho do Meio.

Quadro 2 - Cinco Sabedorias e dos Cinco Diani Budas.

SABEDORIA	BUDA	DESCRIÇÃO
ESPELHO	BUDA AZUL 	ACOLHIMENTO <p>Seria a sabedoria que nos permitiria compreender o outro no mundo dele. Se puder compreender o outro assim vou poder inclusive ajudar melhor o outro. Também posso chegar a reconhecer que o outro possa ter razão, dentro do mundo dele.</p>
IGUALDADE	BUDA AMARELO 	GENEROSIDADE <p>Seria a sabedoria de nos alegrarmos com a alegria do outro. O que faço para o outro é igual ao que eu faria pra mim. Inseparatividade.</p>
DISCRIMINATIVA	BUDA VERMELHO 	INVESTIGAÇÃO <p>Esta sabedoria nos traria a compreensão dos ciclos existentes em todos os processos (início, meio e fim). Tudo é impermanente, inclusive o conhecimento.</p>

SABEDORIA	BUDA	DESCRIÇÃO
CAUSALIDADE	BUDA VERDE 	CAUSA E EFEITO É a sabedoria de que para cada ação tem uma reação. Se tivermos ações positivas teremos um retorno positivo. Se tivermos ações negativas teremos um retorno negativo.
DARMATA	BUDA BRANCO 	TRANSFORMAÇÃO Esta sabedoria vem nos lembrar da liberdade que todos temos em nossas mentes. <i>“Não somos as identidades que criamos todos os dias, mas sim a liberdade que gera essas identidades.”</i> (SAMTEN, 2012)

Fonte: elaborado pela autora (2017).

As cinco sabedorias na proposta pedagógica da escola são vistas como valores importantes a serem cultivados no dia-a-dia, são mostradas as crianças através da postura dos educadores, onde estes procuram educar através de seu exemplo.

Segundo Klein (2016) no projeto político pedagógico da escola as cinco sabedorias têm papel central, visto que, estas levam a compreender e explorar o mundo interno, tendo as subjetividades lugar neste projeto.

A contribuição das cinco sabedorias budistas à educação seria oferecer meios para ampliação, compreensão e vivência da realidade, gerando aprendizagens que desenvolvam as crianças de forma integral, podendo desta forma, estas agirem diante do mundo. Conforme

informações colhidas no Projeto Político Pedagógico (PPP) da Escola Caminho do Meio, este agir seria: de forma crítica, criativa, transformadora tanto de sua realidade quanto da sociedade.

A dimensão de sabedoria tem centralidade na proposta, tendo como inspiração a descoberta do mundo interno (SAMTEN, 2010) como elemento estruturador das experiências subjetivas de cada uma das crianças envolvidas, bem como da equipe e famílias. Essa noção de inseparatividade entre o mundo interno e o mundo externo é representada pela noção de mandala (SAMTEN, 2006), e dá surgimento às cinco sabedorias lúcidas (SANTOS, 2011) que compõem um dos princípios norteadores da escola. (PPP DA ESCOLA CAMINHO DO MEIO, s.d., p. 5)

O diálogo entre filosofia budista e educação, e suas contribuições à educação, foram aqui representadas através da sistematização realizada pelo Lama Padma Samten, principalmente das Cinco Sabedorias, que procuram oferecer uma formação baseada em experiências estruturantes para as crianças.

Uma educação que procura despertar um maior conhecimento sobre si mesmo e consequentemente sobre o outro, dentro de um espaço onde famílias, educadores e crianças são todos aprendizes. Busca movimentos de relação-aprendizagem democráticos, participativos, comunitários, significativos e transdisciplinares. (PPP ESCOLA CAMINHO DO MEIO, s.d., p.5)

Também como contribuições a educação se percebe a busca por gerar aprendizados significativos, que sabemos ser os capazes de gerar o exercício da cidadania, melhorar as relações interiores (mundo interno) e exteriores (o outro e o meio), onde se observa o próprio aprendizado como canalizador de ações lúcidas no mundo e para este mundo.

3.5 VISÃO DE SUSTENTABILIDADE E EDUCAÇÃO

Os profetas não são homens ou mulheres

desarrumados, desengonçados, barbudos, cabeludos, sujos, metidos em roupas andrajosas e pegando cajados.

Os profetas são aqueles ou aquelas que se molham de tal forma nas águas da sua cultura e da sua história, da cultura e da história do seu povo, dos dominados do seu povo, que conhecem o seu aqui e o seu agora e, por isso, podem prever o amanhã que eles mais do que adivinham realizam.

Eu diria aos educadores e educadoras, ai daqueles e daquelas, que pararem com a sua capacidade de sonhar, de inventar a sua coragem de denunciar e de anunciar.

Ai daqueles e daquelas que, em lugar de Visitar de vez em quando o amanhã, o futuro, pelo profundo engajamento com o hoje, com o aqui e com o agora, se atrelem a um passado, de exploração e de rotina. (FREIRE, s.d, s.p.).

Para formação do argumento e como referências teórico-conceituais para a análise dos dados deste estudo recorreremos a três teóricos, que trazem três visões diferentes, porém complementares sobre sustentabilidade. Enrique Leff, trabalha com a ideia de complexidade e o diálogo de saberes entre diferentes disciplinas e culturas, Moacir Gadotti com a proposta da Pedagogia da Terra e Leonardo Boff com a visão da espiritualidade (compaixão pela terra). Visões estas que, apontam para o que se propõe a pesquisa. Ou seja, contribuições educativas para uma sociedade sustentável.

Questionar o modelo de Educação na atualidade é o papel da escola, como entidade de fundamental importância em nossa sociedade para a produção, reprodução e manutenção de valores. É necessário rever seu papel perante a cenário atual de crises pelas quais passa a humanidade, principalmente no que tange a emergência de um olhar sustentável perante a vida.

A leitura quanto a compreensão de sustentabilidade que se referencia em Enrique Leff, contribui para reflexões acerca do saber ambiental e da relação de construção de uma nova racionalidade social na América Latina, estando este apoiado em uma visão complexa da realidade. Levando em conta que em sua visão sobre o saber ambiental, apresentam-se elementos do tempo histórico em que se vive, identidades

culturais, tradições filosóficas, tecnologização da vida, economização da natureza, diálogo de saberes, importância da subjetividade humana na leitura da sua relação com a natureza e meio ambiente, dentre outros. O autor apresenta uma visão atual sobre a leitura da degradação ambiental perante as crises presentes no mundo globalizado em que habitamos.

[...] A globalização econômica apresenta-se como uma retotalização do mundo sob o signo do mercado, negando e reduzindo os potenciais da natureza, esquecendo dos saberes tradicionais e subjugando as culturas marginalizadas. Neste sentido a globalização é um projeto totalitário, em vez de ser uma retotalização inclusiva, integradora e produtora de conhecimentos. (LEFF, 2001, p. 248).

Leff (2001) em sua obra *Saber Ambiental*, tratando de sustentabilidade, convida a uma reflexão e olhar crítico quanto à emergência de mudanças e ressignificações que reorientem a vida rumo a um desenvolvimento sustentável, já que o projeto de vida que a humanidade vem construindo, tem se apoiado em uma fragmentação de conhecimentos, nos quais os limites para o crescimento e desenvolvimento das sociedades ocorrem apartados de valores que priorizam o bem comum, e que possam verdadeiramente envolver todos os seres. De forma não democrática e discriminatória se observa a homogeneização do pensamento humano, dos conhecimentos e do próprio mundo.

O ser humano, sob este ponto de vista, criou uma racionalidade de dissociação, e, se distanciou da natureza, na qual razão e sentimentos encontram-se separados, e este ser humano se relaciona com a natureza como se fosse uma externalidade, que pode ser explorada, aparentemente perdendo a noção de sua importância, sua finitude e suas inter-relações.

Neste sentido, as reflexões de Leff (2001) trazem a compreensão da necessidade de construção de uma nova racionalidade humana, uma racionalidade social, para que se possa estabelecer assim, um desenvolvimento sustentável das sociedades.

Como contribuinte, a educação desponta como uma possibilidade de engendrar e auxiliar nesta construção.

Contudo, a educação ambiental está longe de ter penetrado e trazido uma nova compreensão do mundo no sistema educacional formal. Os

princípios e valores ambientais promovidos por uma pedagogia do ambiente devem enriquecer-se com uma pedagogia da complexidade, que induza nos educandos uma visão da multicausalidade e das inter-relações dos diferentes processos que integram seu modo de vida nas diferentes etapas de desenvolvimento psicogenético; que gere um pensamento crítico e criativo baseado em novas capacidades cognitivas. (LEFF, 2001, p.243)

Pensar em uma nova pedagogia que dê conta da formação do ser humano com base em uma visão da complexidade, sem fragmentação dos conhecimentos, que leve a construção de cidadania e que prepare para lidar com a crise estabelecida entre ser humano e natureza, tem sido tarefa desafiadora.

Considera-se que somente uma educação que leve em conta os pressupostos supracitados pode ser capaz de conduzir as transformações tão necessárias e urgentes para que se possa intentar a consolidação de um modo mais sustentável de vida, e não tem sido tarefa fácil a passagem à um paradigma que leve em conta a complexidade e o ensino com bases na interdisciplinariedade e transdisciplinaridade.

É importante ressaltar, que na atualidade, a falha de muitos projetos de construção de uma consciência e formação ambiental, muito reside na dificuldade dos educadores em abandonar uma prática pedagógica positivista já posta em educação e, em muitos casos também alicerçada em um pensamento generalista de conscientização ecológica, faltando um aprofundamento maior e um trabalho de conscientização crítica, ou conforme Leff (2001), falta uma massa crítica de professores.

[...] A educação ambiental foi reduzida a um processo a um processo geral de conscientização dos cidadãos, à incorporação de conteúdos ecológicos e à fragmentação do saber ambiental numa ligeira capacitação sobre problemas pontuais, nos quais a complexidade do saber ambiental permanece reduzida e mutilada. (LEFF, 2001, p. 249)

Assim, pensar em uma educação crítica e reflexiva auxiliará na construção de uma nova ética e racionalidade que venha a questionar o modelo de sociedade e de construção de conhecimentos, os quais devem estar alinhados com a subjetividade humana, com valores culturais e

assim vir a superar os impasses e crises instaurados em nossa sociedade, sobretudo os que dizem respeito à relação do ser humano com a natureza.

A capacidade de reflexão e crítica abordadas por Leff (2001), apontam para um caminho de verdadeira construção da cidadania que deve estar pautado, a partir do conhecimento e da valorização das subjetividades humanas, da subjetividade de lugar e culturas próprias. Desta forma, pode-se ver crescer uma sustentabilidade que se ancora, se alimenta e se retroalimenta de acordo com as necessidades particulares e locais. “[...] Esta perspectiva da sustentabilidade requer um programa de educação ambiental abrangente e complexo, aberto a um amplo espectro de interesses sociais e sentidos culturais”. (LEFF, 2001, p. 250).

A visão de sustentabilidade apontada por Leff (2001) requer mudanças e reorientações na educação, para que esta possa também contribuir com seu importante papel na sedimentação do avanço rumo à democracia ambiental e à construção de saberes democráticos, para que possa internalizar os valores ambientais e não apenas reproduzir conteúdos pontuais relacionados ao meio ambiente. Significa resgatar os valores culturais da sociedade, direcionando desta forma a educação, para que se construam pontes entre os elos perdidos entre cultura, sociedade e natureza, para que assim se estabeleça uma consciência para a verdadeira apropriação do valor que a natureza representa em nossas vidas. Não somente pensando nesta com fins econômicos ou lucrativos, mas, sim:

[...] para que as populações possam apropriar-se de seu ambiente como uma fonte de riqueza econômica, de prazer estético e de novos sentidos de civilização; de um mundo onde todos os indivíduos, as comunidades e as nações vivam irmanados em laços de solidariedade e harmonia com a natureza. (LEFF, 2001, p. 252)

Associada a esta visão de sustentabilidade apontada por Leff, a possibilidade de uma pedagogia crítico-reflexiva vem sendo pensada por Moacir Gadotti, que também apoia-se em Leff quando discute o que seria uma sociedade sustentável. Esta pedagogia foi por Gadotti (2003) batizada como a Pedagogia da Terra tendo surgido na década de 1990.

Nesta pedagogia Gadotti traz a Terra como o novo paradigma, diante do desafio que as gerações atual e futura terão em preservar o nosso planeta. Estas gerações terão que lidar com o legado deixado pelo capitalismo e por uma sociedade de consumo, que em prol de sua sustentação, tem aumentado exponencialmente a destruição da natureza e

colocado em risco a vida tanto dos seres humanos, quanto de outras formas de vida. A evolução econômica e industrial não levou em conta a finitude da natureza e de seus recursos.

A Pedagogia da Terra é então para todos que acreditam ser necessária uma mudança de rumo, de valores, de resgate de valores humanos fundamentais, todos preocupados com a preservação da nossa casa, da nossa “mãe Terra”, e que também acreditam numa possibilidade de um mundo melhor e no sonho de uma escola cidadã.

As inspirações que alimentaram o seu surgimento foram as ideias e o legado de Paulo Freire, que através de Gadotti está sendo reinventado. Também não poderia deixar de mencionar que Gadotti (2003), toma a Carta da Terra como uma importante referência no que tange a temática da educação e sustentabilidade. As categorias apontadas por Paulo Freire em sua educação popular e pedagogia da práxis, continuam atuais, mas necessitam de novas categorias que falam de aspectos complexos de nosso tempo, como por exemplo: planetaridade, sustentabilidade, virtualidade, globalização e transdisciplinaridade.

Sobre a categoria planetaridade Gadotti (2003) coloca que é uma categoria que traz a Terra como um novo paradigma, que implicaria em uma nova visão de mundo e também de educação. Precisariíamos de uma ecopedagogia e de uma ecoformação para este alcance. Se todos vivemos e habitamos um mesmo planeta por que a necessidade de dividir este planeta? Se todos estamos aqui, neste tempo, habitando o planeta Terra não seríamos cidadãos planetários? Ou conforme Gadotti, parafraseando uma canção de Milton Nascimento (cantor brasileiro): “para que passaporte se fazemos parte de uma única nação?” (GADOTTI, 2003, p. 35)

Já a categoria sustentabilidade trazida para a educação, é compreendida a partir das ideias divulgadas pela Carta da Terra e pelo Movimento Carta da Terra na Perspectiva da Educação pela Ecopedagogia, que pretendem trazer ao campo da educação o diálogo sobre o que a escola tem ensinado na direção de uma visão sustentável de mundo.

Na categoria virtualidade se atenta para a reflexão das múltiplas formas de comunicação e acesso a informações e aqui se aponta para uma mudança, que já estamos vendo, inclusive mudanças na sociedade se organizar. Como fica a escola? Será que se abrirão novos espaços através das tecnologias? Será que as tecnologias substituirão a escola? Um tema com certeza relevante na atualidade, mas que nesta dissertação não será foco de discussão.

A categoria globalização também é trazida por Gadotti pois a mesma está mudando todos os segmentos da nossa sociedade e inclusive a escola.

Por isso, sonhando, falamos com muita desenvoltura de uma “sociedade global”, de uma “comunidade global”, de um “destino comum”. Continuamos pensando grande. Pensamos numa pedagogia da Terra. Repudiamos uma globalização limitada a um “pensamento único”, mas sustentamos uma globalização da solidariedade, um mundialismo sustentado na unidade política de um mundo considerado como uma comunidade humana, única, uma ética de governabilidade mundial. [...] (GADOTTI, 2003, p. 36)

E por último a categoria transdisciplinaridade também deverá ser analisada em educação, pois tem muito a acrescentar na diminuição das fronteiras estanques estabelecidas entre as ciências e na possibilidade de diálogo amplo entre as mesmas. Um pensar no sentido planetário e não mais pessoal exige um pensamento aberto e uma abertura ao diálogo. A transdisciplinaridade como uma atitude pedagógica poderá contribuir com neste diálogo entre os saberes e quem sabe transpor o paradigma clássico e até hoje presente na educação que: “[...] Estimula-nos a reduzir o complexo ao simples, a separar o que está ligado, a unificar o que é múltiplo, a eliminar tudo o que traz desordens ou contradições em nosso entendimento”. (GADOTTI, 2003, p. 39)

Os paradigmas clássicos em educação, inclusive menosprezaram categorias relacionadas ao humano no processo de aprender e de serem educadas, podendo-se citar: o olhar, a escuta, a paixão o lugar do imaginário. Observando-se um distanciamento cada vez maior das coisas da própria vida e da condição humana.

Estas categorias apresentadas mostram perspectivas novas a educação e o que se considera pelo autor a educação ou a escola do futuro, efetivamente democrática, participativa, uma nova escola onde aprender e ensinar caminharão juntos, sem fronteiras entre quem ensina e quem aprende, porque aprender tem que ser muito mais do que memorizar conteúdos, repassar conteúdos. “[...] uma escola cidadã, gestora do conhecimento, não lecionadora, com um projeto ecopedagógico, isto é ético-político, uma escola inovadora, construtora de sentido, plugada no mundo”. (GADOTTI, 2003, p.47)

Após esta contextualização sobre a história e algumas categorias que buscam contextualizar a ecopedagogia ou a pedagogia da Terra, como uma pedagogia deste tempo que vivemos, adentraremos ao tema sustentabilidade e desenvolvimento sustentável, por se tratarem de conceitos centrais nesta pedagogia e também um tema central de aprofundamento nesta dissertação.

Importante contextualizar que a primeira vez que se mencionou o termo desenvolvimento sustentável foi em 1979, em uma Assembleia Geral das Nações Unidas, onde se mencionou que o mesmo seria: “[...] um processo integral que inclui dimensões culturais, éticas, políticas, sociais, ambientais e não só econômicas.” (GADOTTI, 2003, p. 57)

Desde então o diálogo entre sociedade, desenvolvimento e sustentabilidade tem tomado corpo, tornando-se urgente associar ao desenvolvimento da sociedade o termo sustentabilidade, que para Gadotti, representaria um equilíbrio do ser humano consigo mesmo e por consequência com o planeta. Pensar nesta sociedade implicaria também pensar em uma educação para o futuro. “A sustentabilidade que defendemos refere-se ao próprio sentido do que somos, de onde viemos e para onde vamos, como seres do sentido e doadores de sentidos de tudo o que nos cerca.” (GADOTTI, 2003, p. 35)

Neste sentido Gadotti afirma que Boff, também coloca que uma sociedade sustentável seria aquela que é capaz de crescer e atender suas necessidades sem comprometer a natureza e sem lesar as gerações futuras. Compreender o planeta como a nossa casa, e a Terra como o nosso endereço comum enquanto humanidade. Não se pode mais separar as questões sociais das ambientais. Ainda conforme Boff (1993 apud GADOTTI, 2003, p. 58): “[...] queremos uma justiça social que combine com a justiça ecológica. Uma não existe sem a outra.” Parece ficar evidente que entre a visão capitalista que impera em nossa sociedade e a sustentabilidade, existem princípios muito diferentes, pois como poderia existir uma possibilidade de crescimento sustentável dentro de um padrão econômico que opera visando sempre o lucro? Que também é regido pela acumulação de muito por muito poucos? Que preconiza a exploração das pessoas e do meio ambiente, não levando em consideração suas necessidades? Numa visão antropocêntrica e de desigualdade social.

Neste ponto de crítica ao sistema econômico vigente é que Gadotti nos fala sobre a utopia da solidariedade e da compaixão, e de uma economia solidária, que só se fará possível por uma justiça social, e reconhecida por uma postura democrática.

[...] A solidariedade é uma utopia contemporânea e como toda a utopia, afirma Eduardo Galeano, não serve para nada; serve apenas para caminhar – para nos manter vivos, esperando, lutando, como dizia o “andarilho da utopia” Paulo Freire. Lutar por um mundo menos malvado, menos feio e mais justo [...] (GADOTTI, 2003, p. 61)

Mudar a maneira de pensar é fundamental para que se alcance este olhar mais global diante das crises que vivemos. É neste contexto de crise que se pensa a educação do futuro. Gadotti apoiado nas ideias de Francisco Gutiérrez, autor de *Pedagogia para o Desenvolvimento Sustentável*, aponta algumas características ou chaves pedagógicas, sobre as quais o autor nos convida a reflexão e que abaixo serão apresentadas:

Quadro 3 - Reflexões à formação do cidadão ambiental e características de uma sociedade sustentável

CHAVES PEDAGÓGICAS	REFLEXÕES A FORMAÇÃO DO CIDADÃO AMBIENTAL E CARACTERÍSTICAS DE UMA SOCIEDADE SUSTENTÁVEL
PROMOÇÃO DA VIDA	Implicaria a revisão da nossa cultura ocidental que fragmenta e reduz, que considera a Terra como um ser inanimado a ser conquistado pelo ser humano. Devemos lembrar da visão dos povos tradicionais que sempre viveram em harmonia e respeito profundo com a Terra. Estes povos tem muito a ensinar.
EQUILÍBRIO DINÂMICO	Seria o que Gutiérrez chama de sensibilidade social e estaria relacionado a necessidade de entendimento de que o desenvolvimento econômico deve estar atrelado à preservação dos ecossistemas.
CONGRUÊNCIA HARMÔNICA	Desenvolver a capacidade de ternura e estranhamento que seria o sentimento de sentirmo-nos como apenas mais um ser deste planeta, convivendo com outros seres e tendo uma vinculação emocional verdadeira com estes. O elo emocional levaria ao desenvolvimento da capacidade de deslumbramento por outros seres e pela natureza. A capacidade de se emocionar com a natureza.
ÉTICA INTEGRAL	Construção de valores que levem a uma consciência ecológica que daria sentido ao equilíbrio dinâmico.
RACIONALIDADE INTUITIVA	Ao contrário da racionalidade técnica e de visão instrumental, que leva ao desenvolvimento

CHAVES PEDAGÓGICAS	REFLEXÕES A FORMAÇÃO DO CIDADÃO AMBIENTAL E CARACTERÍSTICAS DE UMA SOCIEDADE SUSTENTÁVEL
	desequilibrado, que surja uma racionalidade: “emancipadora, intuitiva, que conheça os limites da lógica e não ignore a afetividade, a vida, a subjetividade. Como diz Morin, por uma lógica do vivente.” (GADOTTI, 2003, p. 63)
CONSCIÊNCIA PLANETÁRIA	Reconhecimento de que todos somos parte da Terra, podemos conviver de forma respeitosa com esta ou do contrário estamos conjuntamente ameaçados com ela. Estaria fundamentado na lógica da descoberta pelos cientistas de que a Terra é um ser vivo.

Fonte: elaborado pela autora (2017).

Á partir destas chaves pedagógicas propostas para compreensão de uma sociedade sustentável partimos para a definição então de uma educação sustentável que teria o papel de trabalhar ao lado dos conhecimentos convencionais a nossa capacidade de encantamento frente ao universo e que desenvolveriam as capacidades necessárias para o desenvolvimento de uma educação e uma sociedade mais sustentáveis.

Conforme Gadotti a pedagogia tradicional focava-se na espiritualidade, a pedagogia da escola nova numa visão de democracia, já a pedagogia tecnicista, focava-se na formação técnica científica e baseada na neutralidade e a ecopedagogia centraria na relação entre os sujeitos que aprendem juntos. “[...] É sobretudo uma pedagogia ética, uma ética universal do ser humano, não a ética do mercado, que fundamenta a mercoescola [...]”. (GADOTTI, 2003, p. 80)

O movimento da ecopedagogia também representa um movimento social e político pois tem o seu nascimento através da sociedade civil e das necessidades destas. Nasce da preocupação de educadores, ecologistas, empresários, movimentos populares com a degradação do meio ambiente. Importante aqui destacar o papel das Organizações não governamentais.

A ecopedagogia traria um novo olhar a educação, um olhar global que levaria o ser humano a se ver de forma diferenciada, com a finalidade de compreender as relações entre homem e o meio ambiente. Assim também se precisa de uma ecoformação, ou como Gadotti coloca, de uma Pedagogia da Terra. Para Gadotti (2003) a sustentabilidade é o princípio reorientador da educação, dos currículos, dos objetivos e dos métodos. Hoje a ecopedagogia está em fase de desenvolvimento tanto como um movimento pedagógico como abordagem curricular.

A ecopedagogia somente terá sentido e profundidade se for vista por educadores e pela sociedade como um projeto alternativo global em que se precisará da conscientização de todos. Este é o sentido da ecopedagogia ou de uma Pedagogia da Terra. De nada adiantará as lutas por direitos sociais se nós enquanto seres humanos não tivermos mais um planeta para morar.

Para que esta conscientização se efetive, Gadotti (2003) sugere então o conceito de cidadania e consciência planetária. A Carta da Terra aqui deve ser entendida como possibilitadora de um novo contrato ético, um código de ética planetário, tendo como premissa a ética integral, a ética que conclama o respeito por todos os seres os quais compartilham com o ser humano a vida neste planeta. As palavras do saudoso Betinho, Herbert de Souza, sociólogo e ativista dos direitos humanos brasileiro, parecem bem ilustrar o que seria a aquisição desta consciência planetária:

Um dia, a vida surgiu na Terra. A Terra tinha com a vida um cordão umbilical. A vida e a Terra. A Terra era grande, e a vida pequena e inicial. A vida foi crescendo, e a Terra ficando menor, não pequena. Cercada, a Terra virou coisa de alguém, não de todos, não-comum. Virou a sorte de alguém e a desgraça de tantos. Na história, foi tema de revoltas, revoluções, transformações. A terra e a cerca. A terra e o grande proprietário. A terra e o sem terra. E a morte.

Mas é tanta, é tão grande, tão produtiva, que a cerca treme, os limites se rompem, a história muda e, ao longo do tempo, o momento chega para pensar diferente: a terra é um bem planetário, não pode ser o privilégio de ninguém; é um bem social e não privado; é patrimônio da humanidade e não arma do egoísmo particular de ninguém. É para produzir, gerar alimentos, empregos, viver. É um bem para todos nós. Esse é o único destino possível da Terra (GADOTTI, 2003, p. 120).

Nas palavras de Betinho se transcreve as contribuições do movimento dos ecologistas apontando um caminho de olhar para a Terra e para o ser humano de forma complexa. Onde o pensamento e o agir de forma simplificadora e utilitarista é que foi fragmentando este olhar perante a vida e impossibilitando a reflexão diante do sentimento e do sentido da nossa relação com o todo, que são defendidos na ecopedagogia

como a relação ser humano, sociedade, meio ambiente, e a indissociabilidade deste tripé.

Boff (2004) coloca que cidadania planetária seria um novo conceito que expressaria esta mudança de relação do ser humano com a Terra. Uma mudança de percepção que começaria a compreender a Terra como realmente um organismo vivo. Os currículos escolares então deveriam ensinar a olhar para este todo superando a dicotomia entre o que é humano e não humano.

Educar para a cidadania planetária incluiria os desenvolvimentos de novas capacidades, tendo como base o sentir e o pensar, numa compreensão holística dos processos da vida. Poderiam ser citadas capacidades como:

Sentir, intuir, vibrar emocionalmente (emocionar);
Imaginar, inventar, criar e recriar;
Relacionar e inter-conectar-se, auto-organizar-se;
Informar-se, comunicar-se, expressar-se;
Localizar, processar e utilizar a imensa informação da “aldeia global”;
Buscar causas e prever consequências;
Criticar, avaliar, sistematizar e tomar decisões;
Pensar em totalidade (holisticamente)
(GUTIÉRREZ, 1999, p. 65 apud GADOTTI, 2003, p. 160).

Estas capacidades podem ser desenvolvidas a partir de um pensamento complexo que busca as multirreferencialidades, e do ponto de vista holístico que ganhou força em vários segmentos científicos, conforme já na tratado no referencial desta dissertação, pelas constatações da física quântica que romperam com a visão da separatividade.

Os referenciais da Pedagogia da Terra não estão prontos ou dados de forma estanque ou fechada, e compreende-se que talvez nunca se feche. Pois realmente é um movimento que não combina com a vida. Também não é um sistema fechado, para se manter fiel aos pensamentos Freirianos, que compreendem como fundamentais as premissas da liberdade, relações baseadas na dialogicidade, pensamento crítico, método de aprendizagem a partir do cotidiano vivencial, dentre outros. A solidificação da ecopedagogia, não deverá vir por imposição ou construção estritamente acadêmica ou do estado, e sim por uma construção coletiva a partir da sua experimentação no cotidiano particular de cada lugar, o que irá verdadeiramente significar e construir esta pedagogia respeitando seus princípios.

Apesar de não estar pronta Gadotti (2003) traz uma relação entre os quatro princípios fundamentais da pedagogia freiriana, os primeiros escritos sobre a ecopedagogia e os escritos sobre a ecopedagogia ou Pedagogia da Terra de hoje, que são transcritos através de onze princípios que seguem:

Quadro 4 - Princípios da ecopedagogia ou pedagogia da Terra.

Princípios fundamentais da pedagogia freiriana	Primeiros escritos da ecopedagogia ou pedagogia da terra	Os onze princípios da ecopedagogia ou pedagogia da terra
<p>Partir da curiosidade e necessidades dos alunos.</p> <p>- Estabelecimento de uma relação dialógica entre professor e alunos.</p> <p>- A educação deve correr como uma construção do conhecimento e não como acúmulo de conhecimento e transmissão de conhecimento.</p> <p>- A educação deve existir para libertar o ser humano (pedagogia da autonomia) em uma escola cidadã.</p>	<p>“- Ênfase nas condições gnosiológicas da prática educativa.</p> <p>- A defesa da educação como um ato de diálogo no descobrir, porém, por sua vez, imaginativo, da razão de ser das coisas.</p> <p>- A noção de uma ciência aberta as necessidades populares.</p> <p>- Um planejamento comunitário participativo.” (GADOTTI, 2003, p. 175)</p>	<p>“1- O planeta como única comunidade.</p> <p>2- A Terra como mãe, organismo vivo e em evolução.</p> <p>3- Uma nova consciência que sabe o que é sustentável, apropriado, faz sentido para a nossa existência.</p> <p>4- A ternura para com essa nossa casa. Nosso endereço é a Terra.</p> <p>5- A justiça sociocósmica: a Terra é um grande pobre, o maior de todos os pobres.</p> <p>6- Uma pedagogia biófila (que promove vida): envolver-se, comunicar-se, problematizar, relacionar-se, entusiasmar-se.</p> <p>7- Uma concepção do conhecimento que admite só ser integral quando compartilhado.</p> <p>8- O caminhar com sentido (vida cotidiana).</p> <p>9- Uma racionalidade intuitiva e comunicativa: afetiva e não instrumental.</p> <p>10- Novas atitudes: reeducar o olhar, o coração.</p> <p>11-Cultura da sustentabilidade:ecoformação. Ampliar nosso ponto de vista.” (GADOTTI, 2003, p. 175-176)</p>

Fonte: elaborado pela autora (2017).

Longe de propor pressupostos teóricos fechados que definam a ecopedagogia, a pesquisadora buscou tecer relações a partir de seus princípios alicerçados nas ideias de Paulo Freire e na construção feita por Gadotti, no livro *Pedagogia da Terra*, onde chega as seguintes compreensões sobre quais contribuições desta pedagogia:

- É uma pedagogia que pauta sua visão no diálogo com o cotidiano, a partir das necessidades do hoje, do ser humano que habita e vive neste mundo. Com o olhar para o integral e inteiro.

- Preconiza uma educação aberta ao diálogo e com uma noção de ciência aberta. Só pode ser inteiro e holístico se for verdadeiramente compartilhado.

- Uma educação que liberte o ser humano, uma ecoformação, para ampliar o olhar e que possibilite o caminhar com sentido. É livre o ser humano que sabe porque e para onde está caminhando.

É assim que esta pedagogia pretende contribuir para uma consciência e cidadania planetária e para que possamos pensar em uma sociedade mundial. Cidadania esta que deve ser constituída desde a infância com a noção de direitos e deveres para com o planeta que vivemos. Não de forma restrita ao local que moramos, mas gerando a compreensão de que este apenas compõe uma pequena parcela de um todo muito maior. Com certeza será necessário a revisão dos currículos, dos espaços educativos para que se assuma o compromisso efetivo de cuidar e de preservar a nossa Terra.

A partir da Carta da Terra surgem muitas discussões e debates principalmente sobre a sustentabilidade, mas neste estudo gostaria de destacar um destes documentos, que é a Carta da Ecopedagogia, redigida no ano de 1999, em São Paulo com promoção do Instituto Paulo Freire, durante a I Encontro Internacional sobre a Carta da Terra na Perspectiva da Educação, o qual considera-se um marco importante e que dá base as ideias até aqui trazidas e um corpo de princípios em defesa de uma pedagogia da Terra. Um texto riquíssimo, que convida a um “retorno” e uma conexão amorosa com a Terra. Um texto que nos sensibiliza ao resgate da capacidade de nos emocionarmos e nos deslumbrarmos com todas as maravilhas e as oferendas que esta “mãe nutridora”, a nossa Terra, todos os dias generosamente nos presenteia.

A pedagogia da Terra com certeza não se restringe aos espaços educativos escolares, pois ela nos provoca a caminhar com sentido, e conforme Boff (2004) questiona a nossa forma de estar no mundo. Convida-nos enquanto filhos da Terra, também cuidarmos desta mãe.

Estamos diante de uma pedagogia atual e de nosso tempo. Onde o tempo é de parada para a reflexão dos caminhos a tomar, e, em que

direção realmente vale a pena rumar quando se pensa principalmente em desenvolvimento e sustentabilidade?

A resposta ao questionamento lançado espera-se que venha do trabalho e do olhar da educação para a geração de agora e para a educação das futuras gerações que, sinceramente espero que possamos caminhar com mais igualdade de direitos para todos, e quando pronunciarmos todos que consigamos fazer sempre a partir da dimensão do todo. Assim continuo caminhando com o desejo e a utopia de ver o nascimento de uma nova consciência entre os seres humanos, de uma re-união com o que há muito foi partido, a relação do homem com a Terra.

A hora é esta! O lugar é aqui! O tempo é agora!

4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

4.1 UNIDADE DE ANÁLISE

Pesquisando escolas que adotam práticas pedagógicas diferenciadas, no sul do Brasil, tem-se a Escola Caminho do Meio em Viamão-RS, a qual está situada dentro de uma comunidade, em uma área rural, em Viamão/RS, dentro do Centro de Estudos Budistas Bodisatva – CEBB, Caminho do Meio, à 280,2 Km de Criciúma/SC, conforme mapa abaixo:

Figura 2 - Mapa da Localização da Escola



Fonte: Google Maps (2016).

A instituição que fundou a escola e é sua mantenedora, é o Instituto Caminho do Meio. A missão do Instituto é: **Traduzir o legado vivo, de mais de 2 mil anos, da filosofia budista, de forma não religiosa, para projetos na área social, educacional e ambiental.**

Figura 3 - Entrada do CEBB



Fonte: Centro de Estudos Budistas (2016).

Figura 4 - Vista da entrada do CEBB



Fonte: acervo da autora (2016).

Na Figura 4 aparece o prédio amarelo onde ficam as secretarias do CEBB e da Escola Caminho do Meio. Ao centro na área aberta e com telhado verde, fica o refeitório externo que atende os moradores do CEBB e os alunos e professores da escola e também visitantes.

Figura 5 - Foto do Templo no CEBB



Fonte: acervo da autora (2016).

Figura 6 - Vista de área convivência da comunidade e escola



Fonte: acervo da autora (2016).

A escola foi fundada pelo Lama Padma Samten, em 2008, também fundador do CEBB – Centro de Estudos Budistas Bodisatva - Caminho do Meio, um mestre budista que atualmente reside no CEEB em Viamão/RS.

Conforme informações no site da escola, o Lama Padma Samten é:

Físico, com bacharelado e mestrado pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Alfredo Aveline foi professor de física de 1969 a 1994. Neste período, dedicou-se especialmente ao exame da física quântica, teoria na qual encontrou afinidade com o pensamento budista. No início dos anos 80, intensificou seu interesse pelo budismo e em 1986 fundou o Centro de Estudos Budistas Bodisatva (CEBB). Em 1993, foi aceito como discípulo por ChagdudTulkuRinpoche e em 1996 foi ordenado lama, título que significa líder, sacerdote e professor. (SAMTEN, s.d.).

O Lama Padma Samten também tem dedicado seu tempo atualmente a trabalhar pela paz mundial e pelo diálogo inter-religioso e intercultural, através de palestras pelo Brasil e em outros países. Tem publicado cinco livros.

A Escola Caminho do Meio tem seu trabalho ancorado em seis princípios: Integralidade, Diversidade, Conhecimento, Sustentabilidade, Criatividade e Sabedoria e nas cinco sabedorias: Sabedoria do Acolhimento; Sabedoria da Igualdade; Sabedoria Investigativa; Sabedoria da Causalidade e Sabedoria da Transcendência. Onde se vê as contribuições de conceitos do budismo à pedagogia.

Atualmente a escola conta em sua equipe 11 educadores (incluindo os professores auxiliares e das disciplinas especializadas). Atende 50 crianças nos ciclos a saber: Maternal, com crianças de 1 a 3 anos e o Jardim de Infância, com crianças de 4 a 6 anos incompletos. Também atende ao Ensino fundamental, iniciado no ano de 2013, o qual está em fase de implantação, apresentando duas turmas, uma de primeiro ano e outra de segundo e terceiro ano, atendendo crianças de 6 a 10 anos de idade. A escola funciona com turmas reduzidas e uma equipe pedagógica formação permanente.

Pelas manhãs a escola oferece também o projeto Manhãs Criativas, voltado para crianças de 5 à 10 anos, no qual a escola abre o seu espaço para: “[...] oportunidade de usufruir de um espaço diferenciado e

atividades físicas, artísticas e culturais, como vivências com música, circo, marcenaria, artes manuais, brincadeiras populares e arvorismo”. (ESCOLA CAMINHO DO MEIO, s.d. s.p.)

Abaixo seguem algumas imagens para melhor ilustra a escola:

Figura 7 - Entrada Ensino Fundamental – Prédio I



Fonte: acervo da autora (2016).

A escola conta com dois prédios construídos e ligados entre por um pátio interno. Conforme foto acima o prédio I, é onde ficam localizadas as salas das turmas do maternal e ciclo fundamental I e II.

Figura 8 - Salas de aula do Maternal – Prédio I



Fonte: acervo da autora (2016).

Figura 9 - Salas de aula do Ciclo Fundamental I e II – Prédio I



Fonte: acervo da autora (2016).

Figura 10 - Pátio interno da Escola



Fonte: acervo da autora (2016).

Na Figura 9 aparece as salas de aula dos ciclos fundamental I e II, localizadas no prédio que aparece em primeiro plano.

Figura 11 - Parque da escola



Fonte: Centro de Estudos Budistas (2016).

Figura 12 - Caminho que liga os Prédios I e II da Escola



Fonte: acervo da autora (2016).

Na figura 12 aparece o caminho que liga o prédio do Jardim ao do Ensino Fundamental, tendo ao fundo, a lateral do prédio onde funciona o Jardim.

Figura 13 - Jardim – Prédio II



Fonte: acervo da autora (2016).

A Figura 13 mostra o prédio II, sendo totalmente destinado as turmas do Jardim.

Figura 14 - Salas do Maternal – Telhado Verde



Fonte: acervo da autora (2016).

A escolha da escola para campo de estudos se deu pela questão da proximidade desta do estado de Santa Catarina, onde reside a pesquisadora, e pelo interesse desta na proposta pedagógica da escola. Desde o primeiro contato com a escola no ano de 2014, em uma visita com a turma do mestrado em Educação da UNESCO, chamou a atenção dentro de seus princípios o conceito de Integralidade, que parecia vir ao encontro da visão holística e transdisciplinar em educação, quando sobre este se encontrou a seguinte afirmação no site da escola:

O método da Escola Caminho do Meio tem como fundamento uma abordagem integral da educação, na qual cinco dimensões constitutivas são percebidas como um todo inseparável, a saber: dimensão corporal, emocional (psíquica), mental (intelectual), sociocultural e espiritual (SAMTEN, 2010, s.p.).

Nesse contexto, a pesquisadora teve oportunidade de conhecer em estudos e incursões anteriores ao ingresso no mestrado em Ciências Ambientais, a abordagem inter e transdisciplinar para a compreensão do ambiente e da sociedade. Estas referências são pontos de inflexão e percorridas em muitas das disciplinas e pesquisas até então realizadas no âmbito do PPGCA da UNESCO.

Também outro aspecto ainda citado na proposta pedagógica da escola, que levaram a definição da escola como campo de estudos, foi a necessidade apontada pela Escola Caminho do Meio de uma educação voltada para a Sustentabilidade.

4.1.1 Histórico de Criação da Escola

Segundo informações coletadas durante a entrevista com o Lama Padma Samten, a criação do CEBB em 1997 em Viamão, surge quase de forma conjunta com o desejo de início de uma Escola na comunidade.

Com a vinda dos primeiros moradores para formar a comunidade, vieram também os destes, e inclusive o Lama estava vindo morar no local com uma filha que hoje está com 23 anos.

Na época foram feitos contatos com várias escolas irmãs, de acordo com as palavras do Lama, para se pensar um projeto de escola e sua efetiva implantação.

Mas isso não aconteceu logo de início pois durante um tempo o foco estava na própria constituição do centro com a construção do templo, construção das salas de meditação e estabelecimento da comunidade.

O que começou a ser oferecido foram alguns trabalhos para as crianças com pessoas parceiras e voluntárias.

Foram chegando mais moradores e mais crianças e no meio das construções no CEBB resolveu-se então implantar o início de uma escola no ano de 1998 no prédio que seria destinado a um refeitório para a comunidade e assim iniciou um projeto de escola. A escola principiou com cinco crianças e ano após ano este número foi aumentando.

A escola surge para atender a própria comunidade, que conforme o Lama, é natural que se queira ter o cuidado com a educação das crianças dentro de um projeto de comunidade e dos princípios que são importantes serem cultivados numa comunidade.

Mas é no ano de 2008 que oficialmente a Escola Caminho do Meio tem o início de suas atividades. A escola não tem fins lucrativos e tem princípios alicerçados no referencial do budismo que conforme o Lama seriam: as qualidades incomensuráveis, as imperfeições e as sabedorias.

4.2 CARACTERÍSTICAS DA PESQUISA

A pesquisa caracterizou-se como qualitativa, exploratória e um estudo de caso.

A pesquisa qualitativa, segundo Minayo (2003), caracteriza-se por aquela que procura responder a uma problemática ou fenômeno sob o ponto de vista de um grupo envolvido, de acordo com seus valores, e a partir do significado que estes dão aos mesmos.

O objetivo da pesquisa qualitativa é verificar as ideias dos atores envolvidos sobre determinado tema, procurando demonstrar a lógica subjetiva e intersubjetiva com relação a conceitos e fenômenos, na tentativa de explicá-los e de compreensão de sua dinâmica. (MINAYO, 2003)

Os dados qualitativos em pesquisa tratam da descrição detalhada de fenômenos a serem estudados e compreendidos pelo pesquisador. Podem ser considerados dados qualitativos: a descrição minuciosa e detalhada dos fenômenos, gravações ou transcrições de entrevistas e discursos dentre outros.

Ainda a pesquisa qualitativa procura verificar e compreender a percepção dos entrevistados no entendimento do fenômeno estudado.

Já a modalidade estudo de caso se caracteriza como uma pesquisa qualitativa e na qual se objetiva o estudo aprofundado de um sujeito, grupos, instituição, dentre outros. (GONÇALVES, 2005).

Na modalidade de pesquisa estudo de caso, normalmente se faz uso do método da entrevista e de observações, registros fotográficos, que no caso a pesquisadora utilizou no campo de estudo para melhor compreensão do aporte pedagógico e das práticas da escola junto aos alunos. Desta forma, proporcionando o aprofundando do conhecimento sobre a instituição.

As observações ocorreram em visitas realizadas à escola, na modalidade de observação livre e observação participante, a qual:

[...] ao contrário da organizada, padronizada, ajusta-se tanto a pesquisa quantitativa quanto à qualitativa. Ela conta ainda com amostragem de tempo (delimitação temporal da observação) e com anotações de campo (registro das informações), podendo ser de natureza descritiva e reflexiva [...] (GONÇALVES, 2005, p. 68)

Também, o estudo de caso exige do pesquisador, de acordo com Becker (1997), a habilidade de lidar com os fenômenos surgidos nas observações e ampla abertura para lidar com os mesmos.

Ainda dentro da estruturação básica da pesquisa se procedeu a pesquisa documental, na qual entende-se por documento: “qualquer registro escrito que possa ser utilizado como fonte de informação” (ALVES-MAZZOTTI; GEWANDSZNAJDER, 1998 apud GONÇALVES, 2005 p. 169). Dentro da pesquisa documental foi considerado fundamental, o estudo do Projeto Político Pedagógico da escola.

A pesquisa se configurou também como exploratória, pois possibilitou a pesquisadora uma primeira aproximação e exploração da realidade e do tema estudado.

4.3 INSTRUMENTOS DE COLETA DE DADOS

A coleta de dados se deu por meio de entrevista semi-estruturada com a equipe pedagógica da escola, incluindo professores e a diretora da escola, e com o Lama Padma Samten, idealizador da escola.

A observação participante figurou também como uma técnica importante para que a pesquisadora pudesse compreender a vivência das

rotinas na escola. A pesquisadora também frequentou nos meses de abril e julho de 2016 os cursos oferecidos pela escola, em caráter de imersão, para compreensão da experiência educativa na Escola Caminho do Meio. Estes cursos possibilitaram a vivência ativada proposta pedagógico da escola.

Com o intuito de melhor ilustrar o campo de pesquisa a pesquisadora também utilizará registros fotográficos.

4.4 PESQUISA DE CAMPO

As visitas ao campo de pesquisa ocorreram em momentos distintos do ano de 2016, onde a primeira aproximação com a escola ocorreu entre os dias 21 e 23 de abril de 2016 para realização do curso Educação e Felicidade: Um olhar para o mundo interno.

No mês de julho ocorreu a segunda visita a escola entre os dias 09, 10 e 11 para a realização do curso: Vivência na Escola Caminho do Meio, uma imersão dentro da metodologia e proposta pedagógica da escola.

Também no mês de julho a pesquisadora pode conhecer todos os espaços que compõem a escola e conversar com professores e direção para compreensão das rotinas da escola e realizou a leitura do Projeto Político Pedagógico da escola.

No mês de outubro de 2016, a pesquisadora retorna a escola por mais dois dias, entre os dias 22 e 23, para a realização das entrevista com os professores responsáveis por cada turma e a diretora da escola.

Foram entrevistados todos os professores das turmas em andamento na escola, num total de seis entrevistados que serão assim nomeados neste estudo:

- Part_1 Faia
- Part_2 Plátano
- Part_3 Cipreste Marrom
- Part_4 Castanheira
- Part_5 Cipreste Verde
- Part_6 Aveleira

Devido a agenda extensa do Lama Padma Samten, a entrevista com o mesmo foi possível ser realizada no mês de abril de 2017. Com a autorização do Lama, sua identidade não será preservada no estudo e ele será identificado como Part_7 Olmo. Ficaria muito difícil não identificá-lo na escrita e apresentação dos resultados, pois foi o único participante

que teve um instrumento de coleta de dados diferente, conforme já explicado anteriormente neste.

Foram escolhidos nomes de árvores para os entrevistados por três motivos, o primeiro é que com a utilização do software IRAMUTEQ optou-se pelo tipo de análise gráfico Árvore Máxima. O segundo motivo que levou a escolha por árvores para identificação é que esta tem uma representação simbólica especial e sagrada para diversas culturas do nosso planeta. Em geral as árvores são vistas como seres que fazem a ligação com o que está no alto (Céu), com o que está embaixo (Terra). A árvore é símbolo de evolução, crescimento e ligação com o superior em diversas culturas (DICIONÁRIO DE SÍMBOLOS, s.p).

Como terceiro motivo por respeito e admiração aos conhecimentos deixados pelo Buda e traduzidos pelo budismo, que a pesquisadora teve o privilégio de conhecer durante o seu estudo, nos conta a tradição budista que Buda atingiu a iluminação embaixo de uma árvore, chamada de árvore Bodhi (KADAMPA BUDDHISM, s.p.). A Árvore Bodhi é considerada sagrada pelos hindus e budistas e é símbolo de felicidade, longevidade e boa sorte.

Os nomes das árvores escolhidas para cada entrevistado tiveram inspiração nas lendas Celtas, onde as árvores eram consideradas seres sagrados e portadores de poderes mágicos. Existe um calendário Celta que apresenta uma árvore correspondente para cada dia de nascimento das pessoas. A partir deste calendário e com a data de nascimento de todos os participantes, chegou-se ao pseudônimo para cada um.

Interessante destacar que temos dois Ciprestes a partir deste calendário, onde para diferenciá-los optamos por dar cores diferenciadas as árvores.

4.5 PERCURSO METODOLÓGICO, SISTEMATIZAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS - SOFTWARE E ANÁLISE DE CONTEÚDO: UMA CONEXÃO PERTINENTE

A metodologia de análise dos dados desta pesquisa se deu em razão dos instrumentos utilizados, seguindo a análise de conteúdo temático categorial, com as categorias definidas à priori e utilização do software IRAMUTEQ (Interface de R pour les Analyses Multidimensionnelles de Textes et de Questionnaires), para sistematizar a análise.

Importante aqui ressaltar que o exercício acadêmico foi desafiador e riquíssimo, pois além da compreensão e entendimento dos aspectos metodológicos que nortearam este estudo, a pesquisadora durante a elaboração da dissertação teve contato com o software IRAMUTEQ, que

exigiu horas de estudos, prática no uso do software e co-orientações com a professora Amanda Castro, doutoranda do LACCOS (Laboratório de Psicologia Social da Comunicação e Cognição) da UFSC (Universidade Federal de Santa Catarina).

A equipe de pesquisadores do LACCOS, teve como fundadores os professores Brígido Vizeu Camargo e Clélia Maria Nascimento Schulze, e hoje está sob a coordenação da professora Andréa Barbará da Silva Bousfield foram responsáveis pela tradução do software para a língua portuguesa.

Assim, com as entrevistas transcritas, obedecendo conforme Bardin (2011) as regras da exaustividade e da totalidade, que representariam a não omissão de nenhum conteúdo trazido pelos entrevistados, foi gerado o corpo textual de análise para este estudo.

Logo após, o corpo textual passou pela compreensão da pesquisadora, que definiu as categorias-chave a serem analisadas, de acordo com os objetivos propostos neste estudo, sendo fiel a visão trazida pelos entrevistados. As categorias então foram submetidas ao software IRAMUTEQ para realização da análise.

A opção pela utilização do software logo após a criação das categorias de análise, trouxe uma fidedignidade maior para a compreensão dos dados e maior rigor na certeza quanto a escolha pela pesquisadora das categorias a serem analisadas como realmente significativas, atendendo assim, na fase de pré-análise do material, ao quesito de representatividade do universo do tema a ser explorado e a posteriori a ser compreendido na pesquisa, no momento de tratamento dos resultados.

O software possibilitou também a criação de gráficos visualmente muito interessantes e que apresentam a ocorrência, coocorrência e conexidade das palavras. Quanto a ocorrência os gráficos mostram as palavras que mais apareceram nos discursos dos entrevistados, o que seria a apresentação dos dados quantitativos e também as conexidades, que apresenta a sua representatividade, ou seja, a apresentação qualitativa. O software através de uma interface possibilitou o resgate, a partir das palavras significativas presentes nos gráficos, dos discursos originais dos entrevistados, que compõem também a parte qualitativa dos resultados. Neste estudo, pelo seu caráter qualitativo, será levado em conta na fase de pré-análise e de tratamento dos resultados obtidos, somente a análise qualitativa que o software fornece.

Sobre o software IRAMUTEQ é importante colocar que este é de acesso gratuito e possibilita ao pesquisador, principalmente da área de ciências sociais e humanas, uma análise textual rigorosa que, conforme

Camargo e Justo (2013), rompe a dicotomia clássica em pesquisa entre o qualitativo e o quantitativo, visto que, o software permite que se quantifique e se apliquem cálculos estatísticos sobre variáveis qualitativas, organizando vocabulários de forma visualmente clara e de fácil compreensão. Também é um programa que possibilita ao pesquisador diferentes tipos de análises textuais desde as mais simples até análise mais complexas, consideradas multivariadas.

No caso da análise dos dados desta dissertação, para se atender aos objetivos propostos, a análise textual teve finalidade qualitativa, comparativa e relacional, buscando as coocorrências de palavras, o que possibilitou a compreensão do vocabulário semelhante entre os entrevistados e visualização dos resultados em imagens que foram analisadas juntamente aos segmentos de textos obtidos através das entrevistas.

O software possibilitou a análise textual coletiva dos conteúdos das falas de todos os participantes, proporcionando cruzar a totalidade das informações em cada categoria a priori definidas pela pesquisadora. Bardin (2011), coloca que as categorias de análise podem ser criadas a priori ou a posteriori, de acordo com os objetivos do estudo e instrumentos utilizados. Como foi utilizado o software, para que este rode as análises é necessário a inserção de linhas de comando. Então, no presente estudo, as linhas de comando utilizadas para a análise no software, tornaram-se as mesmas categorias de análise.

Dentre as possibilidades de análise oferecidas pelo software foram aplicadas a análise de similitude, com a utilização do gráfico da Árvore Máxima e o método de Classificação Hierárquica Descendente (CHD), que neste estudo será nominado de CHD.

Através da análise de similitude buscou-se compreender a coocorrência de palavras entre os textos e a conexidade entre as palavras, que serão apresentados graficamente através da Árvore Máxima, de cada categoria de análise, o que possibilitará a visualização das conexões entre os vocabulários dos pesquisados a partir das palavras de maior ocorrência.

Já o método da CHD possibilitou a compreensão do vocabulário semelhante entre os entrevistados, recuperando no texto original, através da interface do software, os segmentos de vocabulários associados a cada classe, mostrando assim os fragmentos de textos estatisticamente significativos.

Quanto ao tratamento dos dados obtidos no estudo, estes serão apresentados no capítulo seguinte.

5 APRESENTAÇÃO, ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Abaixo segue a apresentação dos resultados da pesquisa a partir dos instrumentos utilizados, das percepções e compreensões da pesquisadora e dos resultados obtidos do gráfico Árvore Máxima e da CHD do software IRAMUTEQ.

A Árvore Máxima de cada categoria será apresentada em primeiro lugar para que visualmente o leitor observe a maior ocorrência e coocorrência entre as palavras, suas conexidades, bem como suas especificidades através de uma organização e distribuição em função das variáveis descritivas identificadas em cada categoria analisada.

Logo em seguida a apresentação do gráfico Árvore Máxima, de cada categoria de análise, se apresentará um quadro contendo as palavras escolhidas pela pesquisadora do gráfico e do resgate dos discursos dos entrevistados considerados mais significativos. Para o resgate dos discursos, de forma conjunta utilizou-se a interface do software com a análise da CHD e a releitura das entrevistas pela pesquisadora sendo escolhidos outros trechos também significativos.

A análise gráfica dos corpos textuais dos discursos dos entrevistados se deram a partir de quatro categorias criadas pela pesquisadora, que são as mesmas linhas de comando³ dadas ao software IRAMUTEQ para a análise. Tendo como base para a criação das categorias o roteiro de entrevistas utilizado e a observância dos objetivos deste estudo. As categorias a serem analisadas são as seguintes:

- CPED: Conceção Pedagógica da Escola.
- VISINT: Visão de Integralidade.
- VISUST: Visão de Sustentabilidade.
- VIFUT: Visão de Futuro da Escola.

³ “[...] Os textos são separados por linhas de comando também chamadas de “linhas com asteriscos”. No caso de entrevistas, por exemplo, como cada uma delas é um texto, elas necessariamente devem começar com uma linha de comando. Esta linha informa o número de identificação do entrevistado (do produtor do texto que se segue) 4 e algumas características (variáveis) que são importantes para o delineamento da pesquisa (como sexo, faixa etária, afiliação a determinados grupos, nível social e cultural, etc.). Isto depende de cada pesquisa e o número de modalidades de cada uma destas variáveis depende do delineamento da pesquisa e do número de textos coletados”. (JUSTO; CAMARGO, 2013, p.3-4)

Assim a categoria CPED contemplaria a compreensão da proposta pedagógica e os princípios da proposta pedagógica da Escola Caminho do Meio.

A categoria VISINT aponta as contribuições da visão transdisciplinar e holística em educação.

A categoria VISUST contempla as contribuições da escola rumo a um pensamento mais sustentável em educação e sociedade.

E por fim a categoria VIFUT foi escolhida para compreender até onde a escola vislumbra chegar, no sentido de contribuições a formação dos alunos e da sociedade.

O corpo textual do Lama Padma Samten será analisado em separado, visto que foram realizadas perguntas diferentes a ele na entrevista, procurando compreender o histórico de surgimento da escola e conceitos teóricos do budismo aplicáveis a educação. Além desta parte histórica e conceitual que a pesquisadora considerou muito rica no entendimento da proposta de criação da escola, proposta pedagógica, e princípios norteadores da educação na escola, foram realizadas ao Lama também as mesmas perguntas que aos professores e diretora. Dos dados obtidos da entrevista com o Lama originaram-se três classes de análise iguais as dos outros entrevistados e duas classes diferentes, a serem apresentadas. Também irá se buscar conexões e coocorrências de palavras do discurso do Lama com o dos professores e diretora da escola.

A partir do corpo textual do Lama foram criadas as seguintes categorias:

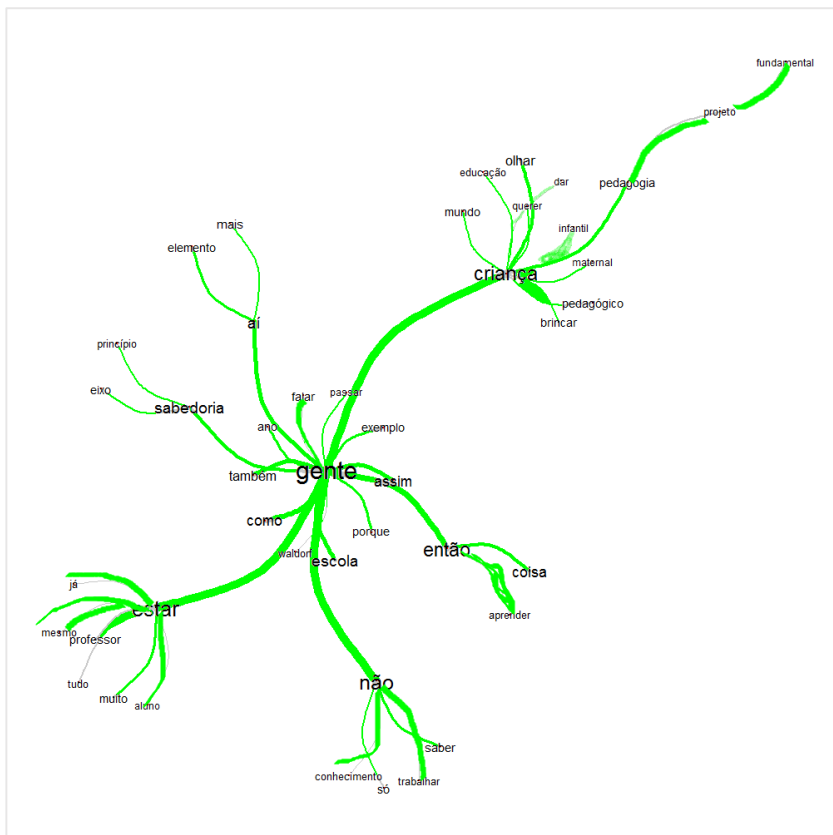
- HIST: História da Escola.
- CBUDE: Conceitos Budistas e Educação.
- CPED: Concepção Pedagógica da Escola.
- VISUST: Visão de Sustentabilidade.
- VIFUT: Visão de Futuro da Escola.

As categorias foram analisadas em corpo único pelo software, o que não inviabilizou para a pesquisadora o olhar e compreensão de cada categoria, conforme o leitor poderá acompanhar na leitura dos resultados.

Também foi aplicada a mesma análise das categorias com o corpo textual do Lama Padma Samten, sendo apresentados o gráfico Árvore Máxima, a CHD e o quadro com apresentação das categorias, palavras mais significativas e resgate de fragmentos do seu discurso a cada categoria tanto pelo software quanto pela pesquisadora.

5.1 DISCUSSÃO DOS RESULTADOS CATEGORIA CPED: CONCEPÇÃO PEDAGÓGICA DA ESCOLA

Gráfico 1 - Árvore Máxima CPED.



Fonte: elaborado pela autora (2017).

5.1.1 Vocabulários dos entrevistados da categoria CPED – Concepção Pedagógica da Escola

Quadro 5 - Concepção Pedagógica da Escola - CPED

PALAVRAS CHAVES	RESGATE DO DISCURSO DOS ENTREVISTADOS PELO MÉTODO CHD E POR ESCOLHA DA PESQUISADORA
BRINCAR (CRIANÇA)	<p>Part_2 Plátano: Então eu entendo que a proposta pedagógica da escola é a gente aplicar no convívio com as crianças, e fazer com que elas vivam dentro deste caldo de cultura das cinco sabedorias que hoje evoluiu para a Pedagogia da Mandala. Então, os eixos norteadores tem relação com as cinco sabedorias, e aí eles são estes eixos que são o eixo da sustentabilidade, dentre outros, a arte o brincar o ritmo cotidiano então eles estão relacionados.</p> <p>Part_3 Cipreste Marrom: [...] o que a gente quer hoje na escola é fortalecer esta mandala, criar esta mandala internamente no nosso mundo interno pra que a gente viva naturalmente nas cinco sabedorias e aí as crianças vão ver isto. É uma pedagogia que dialoga com esta criança dialoga com o que esta criança precisa. Uma pedagogia que dialoga com esta criança e diz que tipo de adulto eu preciso ser pra que ela tenha autonomia pra brincar. No jardim a ideia é de que a escola está num lugar de parceria com as famílias e a gente quer oferecer um ambiente onde elas possam brincar que é o que a gente considera o grande trabalho das crianças no primeiro setênio.</p> <p>Part_5 Cipreste Verde: [...] até os sete anos o trabalho delas é brincar então nós essencialmente oferecemos espaço onde elas possam brincar e também se relacionar né com os adultos as relações interpessoais e a relação com esta cultura que a gente está tentando oferecer pra elas, então por exemplo a gente tem algumas diretrizes que orientam o nosso trabalho por exemplo assim a criança na idade infantil até os 6 anos ela precisa brincar explorar e aprender com o corpo.</p> <p>Part_3 Cipreste Marrom: o que eu lembro que a gente já leu nos estudos da Antroposofia é que por exemplo, a criança nesta idade ela está com cinco anos, ela aprende, com a energia que está disponível pra ela, então a energia que está disponível neste momento pra ela é pra ela aprender com o corpo. Então se ela aprendesse cognitivamente ia ser um desperdício desta energia.</p> <p>Part_6 Aveleira: [...] eles revelam muito aquilo que às vezes a gente nem está vendo, as crianças nos ajudam</p>

PALAVRAS CHAVES	RESGATE DO DISCURSO DOS ENTREVISTADOS PELO MÉTODO CHD E POR ESCOLHA DA PESQUISADORA
CONCEPÇÃO PEDAGÓGICA (GENTE)	são nossos budas primeiríssimos nos mostrando onde a gente está e a gente vai melhorando.
	Part_2 Plátano: No início da escola a concepção pedagógica eram dois eixos: a Cultura de Paz e as Cinco Sabedorias, os cinco Diani Budas.
	Part_5 Cipreste Verde: Esta classe de ensinamentos fala resumidamente de cada sabedoria: Sabedoria do acolhimento, do espelho, Sabedoria da igualdade, da investigação, sabedoria da causalidade, como a capacidade de ação e reação e Sabedoria da transcendência.
	Part_2 Plátano: [...] a base do trabalho é a pedagogia da mandala que são as cinco sabedorias, é o eixo norteador da escola. É como se a gente tivesse um fio e depois a gente colocasse contas neste fio. Tem várias contas mas o fio é as cinco sabedorias e aí tem outros elementos que vão se agregando.
	Part_5 Cipreste Verde: [...] vou falar da educação infantil maternal e jardim, então a escola ela se inspira, a base do trabalho é a Pedagogia da Mandala que são as cinco sabedorias, é o eixo norteador da escola.
	Part_6 Aveleira: A proposta pedagógica da escola fundamenta-se nas cinco sabedorias, que é uma classe de ensinamentos de ação no mundo. Esta classe de ensinamentos fala resumidamente de cada sabedoria. No fundamental a pedagogia por projetos parece ser mais adequada a idade deles e para que o aprendizado seja significativo. Mas o brincar e as brincadeiras é muito importante e também continuam.
	Part_1 Faia: No fundamental dentre as metodologias, ou seja, a forma como a gente vai trazer os conhecimentos, os saberes, como vamos nos relacionar com eles, a metodologia por projetos é a que mais faz sentido dentro desta estrutura.
	Part_2 Plátano: [...] então hoje no maternal, a gente brinca, é no mínimo Waldorf ⁴ . Pode até ter coisa melhor

⁴ “Pedagogia Waldorf: A Pedagogia Waldorf foi introduzida por Rudolf Steiner em 1919, em Stuttgart, Alemanha, inicialmente em de uma escola para os filhos dos operários da fábrica de cigarros Waldorf-Astória (daí seu nome), a pedido deles. Ela é uma pedagogia holística em um dos mais amplos sentidos que se pode dar a essa palavra quando aplicada ao ser humano e à sua educação. De fato, ele

PALAVRAS CHAVES	RESGATE DO DISCURSO DOS ENTREVISTADOS PELO MÉTODO CHD E POR ESCOLHA DA PESQUISADORA
	<p>porque a escolha olha pra várias abordagens. Eu creio que pro maternal a pedagogia Waldorf é completa e perfeita para as crianças. Então no caso da educação infantil outras propostas pedagógicas servem de inspiração e oferecem meios hábeis para os professores realizarem e acompanharem as crianças e aí essencialmente no infantil é a pedagogia Waldorf. Pois é uma pedagogia que a escola acha que tem várias coisas que são adequadas e respeitosa com as crianças nesta faixa etária, então ele serve de inspiração para o maternal e jardim também.</p> <p>Part 4 Castanheira: Onde eu trabalho no fundamental, ainda a gente bebe um pouco do infantil, que se apoia na pedagogia Waldorf, com relação aos ciclos da natureza, com os ritmos da natureza, que são os nossos ritmos. A gente entende que sejam os nossos ritmos então a gente tem esta preocupação com os ritmos de expansão e contração, da respiração e neste sentido a gente bebe da Waldorf. [...] das escolas Waldorf, que a gente estuda que influencia na escola e que influenciaram nosso referencial pedagógico. Tem uma visão mais integral pra criança⁵, uma visão mais humana assim e visão espiritual também.</p>

é encarado do ponto de vista físico, anímico e espiritual, e o desabrochar progressivo desses três constituintes de sua organização é abordado diretamente na pedagogia. Assim, por exemplo, cultiva-se o querer (agir) através da atividade corpórea dos alunos em praticamente quase todas as aulas; o sentir é incentivado por meio de abordagem artística constante em todas as matérias, além de atividades artísticas e artesanais, específicas para cada idade; o pensar vai sendo cultivado paulatinamente desde a imaginação dos contos, lendas e mitos no início da escolaridade, até o pensar abstrato rigorosamente científico no ensino médio”. (SETZER, 1998, s.p.).

⁵ “A Pedagogia Waldorf concebe o homem como uma unidade harmônica físico-anímico-espiritual e sobre esse princípio fundamenta toda a prática educativa. A partir de uma visão antropológica, a Pedagogia Waldorf abrange todas as dimensões humanas, que estão em íntima relação com o mundo, explica e fundamenta o desenvolvimento dos seres humanos segundo princípios gerais evolutivos que compreendem etapas de sete anos, denominadas setênios. Cada setênio apresenta momentos claramente diferenciáveis, nos quais surgem ou despertam interesses, perguntas latentes e necessidades concretas” (SOCIEDADE BRASILEIRA DE ANTROPOFISICA, s.d, s.p.).

PALAVRAS CHAVES	RESGATE DO DISCURSO DOS ENTREVISTADOS PELO MÉTODO CHD E POR ESCOLHA DA PESQUISADORA
	<p>Part_6 Aveleira: Outra fonte do fundamental que nós bebemos é do sócio construtivismo, na alfabetização a gente usa esta fonte porque tem bastante a ver com a sabedoria investigativa, da construção do conhecimento, da criança ser dona do próprio conhecimento. E a pedagogia por projetos entraria no fundamental com os alunos mais velhos a partir do segundo e do terceiro ano.</p> <p>Part_5 Cipreste Verde: Se tem que falar da concepção são as cinco sabedorias onde teve um esforço da escola de transformar as cinco sabedorias em ações e até transformar as cinco sabedorias em uma linguagem que a gente acesse pois elas são originalmente de uma linguagem budista tibetana.</p> <p>Part_2 Plátano: Então estes princípios destas pedagogias são dispositivos de materializar na prática os princípios da nossa escola, que estamos construindo. A partir daí, o fato da gente se estruturar por bimestre e dos bimestres estarem relacionados a cada sabedoria e cada sabedoria está relacionada a um princípio pedagógico, já é uma forma de traduzir a sabedoria num método pedagógico também. E aí a gente associa isto a uma estação do ano, um elemento da natureza, então tudo isto vai remetendo e vai aplicando, virando algo aplicado. [...] cada sabedoria é traduzida num princípio pedagógico e os princípios são descritos, então isto dá uma tradução pedagógica das sabedorias.</p> <p>Part_6 Aveleira: Junto as Cinco Sabedorias tem os seis eixos. Os eixos vêm de uma inspiração chamada de Terra Pura. O que é Terra Pura? É um ambiente adequado para que o melhor das crianças floresça. Então se a gente vai trabalhar assuntos, conteúdos, a gente pode ensinar que a natureza pode nos dar muitas coisas, muitas riquezas ou a gente pode dizer e conviver com a natureza como se fosse uma irmã, como se fosse algo sagrado. Estes olhares do mundo é que estabeleceram estes seis eixos.</p> <p>Part_5 Cipreste Verde: [...] parece que uma coisa era feita pra outra assim, como quando a gente conectou a</p>

Assim a cada nível de desenvolvimento a educação da criança é olhada de forma diferenciada, e adaptada para o momento de evolução do seu desenvolvimento. Uma pedagogia que olha para o mundo da criança e a partir dele educa esta criança.

PALAVRAS CHAVES	RESGATE DO DISCURSO DOS ENTREVISTADOS PELO MÉTODO CHD E POR ESCOLHA DA PESQUISADORA
	<p>estações do ano por exemplo, o elemento água é verão o elemento terra é no outono e a terra tá brotando e oferecendo muitas coisas.</p> <p>Part_1 Faia: [...] por exemplo no conhecimento a gente não vai só se basear na sabedoria investigativa a gente vai dialogar com Edgar Morin, vai dialogar com epistemólogos, daí a gente vai conhecer uma literatura acadêmica que está se debruçando, refletindo sobre o conhecimento.</p> <p>Part_1 Faia: [...] então a gente tem construído estes diálogos e justamente pensado alguns teóricos pra serem bem basais, bem importantes, como por exemplo Edgard Morin no tópico do conhecimento. Aí na sustentabilidade tem a abordagem da Agrofloresta do Ernest Gotsch e a gente tem sistematizado estas referências. Não é algo restrito ao budismo, estes princípios são uma ponte entre a visão da sabedoria e o universo acadêmico. Mas eu destacaria este diálogo com a pedagogia Waldorf no infantil e este diálogo com a educação brincante que perpassa da educação infantil pro fundamental também. E dentro da pedagogia de projetos Escola da Ponte, José Pacheco⁶, no fundamental.</p> <p>Part_2 Plátano: Ai eu comecei a olhar e a buscar, e aí a gente nas formações faz estágios e eu fui fazer estágio em uma escola em Porto Alegre chamada CID é uma escola inclusiva e que existe há mais de vinte anos, lá aprendi que poderia haver disciplina e rotina e as crianças serem felizes. [...] Daí um outro estágio eu fiz numa escola Waldorf de Porto Alegre, e ali quando eu cheguei eu já me senti em casa. Eu já quis ficar ali e não sair nunca mais. A escola toda já dizia o que eu deveria fazer. Ai eu vi as professoras absolutamente tranquilas, descansadas felizes com seus alunos. Os seus alunos brincando cheios de autonomia. [...] Então nesta escola</p>

⁶ “Na pedagogia de projetos, o aluno aprende no processo de produzir, de levantar dúvidas, de pesquisar e de criar relações, que incentivam novas buscas, descobertas, compreensões e reconstruções de conhecimento. E, portanto, o papel do professor deixa de ser aquele que ensina por meio da transmissão de informações – que tem como centro do processo a atuação do professor –, para criar situações de aprendizagem[...]” (PRADO, 2003, p.2).

PALAVRAS CHAVES	RESGATE DO DISCURSO DOS ENTREVISTADOS PELO MÉTODO CHD E POR ESCOLHA DA PESQUISADORA
	as professoras me mostraram que já existe uma pedagogia que entende o mundo da criança e olha pelo olho da criança o mundo e trata disso. Agora eu estou fazendo uma formação Waldorf.

Fonte: elaborado pela autora (2017).

Na discussão dos resultados da categoria CPED, as contribuições da proposta pedagógica da escola, serão apresentas a partir das palavras chaves que aparecem no gráfico árvore máxima. Importante colocar que as palavras visualizadas em tamanho maior e mais centralizadas no gráfico (tanto neste gráfico, quanto em todos os outros a serem apresentados), são as de mais relevância estatística, o software tem como critério a busca pelas palavras mais semelhantes, ocorridas nos discursos dos entrevistados. Também a partir destas palavras de maior relevância, é possível visualizar outras palavras circundantes, que no gráfico representariam as correlações presentes nos discursos analisados e também as ramificações que vão surgindo a partir deste centro, mostrando assim, a tecitura relacional das palavras e em que contexto surgem e pertencem estas palavras.

Na categoria CPED, as palavras de maior relevância apresentadas pelo gráfico são: **Gente** e **Criança**. A palavra gente refere-se neste contexto, aos professores e equipe pedagógica e a palavra criança aos alunos.

A partir da palavra gente pode-se observar que a circundam as palavras **escola**, **Waldorf** e **exemplo**. Na ramificação que surge a partir da palavra gente e das palavras que a circundam, observa-se a palavra **sabedoria** que se ramifica para as palavras **eixo** e **princípio**.

Os professores e equipe consideram como base, ou eixo da proposta pedagógica da escola, as cinco sabedorias e colocam que tem uma postura aberta ao diálogo com várias pedagogias que sintam ter afinidade, para transpor as sabedorias em uma linguagem pedagógica. As sabedorias vêm de uma linguagem budista (conforme descrito no ítem 3.4 deste estudo) e precisam ser transcritas em uma linguagem para a educação.

Conforme colocado nos fragmentos de discursos dos entrevistados que seguem:

Part_2 Plátano: “Então eu entendo que a proposta pedagógica da escola é a gente aplicar no convívio com as crianças, e fazer com que elas

vivam dentro deste caldo de cultura das cinco sabedorias que hoje evoluiu para a Pedagogia da Mandala.”

Part_5 Cipreste Verde: “Esta classe de ensinamentos fala resumidamente de cada sabedoria: Sabedoria do acolhimento, do espelho, Sabedoria da igualdade, da investigação, sabedoria da causalidade, como a capacidade de ação e reação e Sabedoria da transcendência.”

Part_ 7 Olmo: “No que diz respeito a linha pedagógica, ela curiosamente é igual a linha do CEBB (Centro de Estudos Budistas Bodisatva) é a mesma coisa, a gente pode pensar há isto não é possível num centro budista é uma coisa uma **escola** é outra?”

As cinco sabedorias seriam então o eixo que norteia a prática pedagógica da escola, e os princípios a seguir seriam como que traduções de cada sabedoria, a saber: Integralidade, Diversidade, Conhecimento, Sustentabilidade, Criatividade e Sabedoria. Os eixos aparecem de forma transversal nos conteúdos curriculares trabalhados e nos projetos da escola. (PPP da Escola Caminho do Meio, s.d.).

O quadro abaixo, ilustra como a escola articula as cinco sabedorias aos princípios e as transcreve para uma linguagem da educação, através de seu planejamento anual, o que no ponto de vista da pesquisadora já constitui uma pedagogia própria da escola, que hoje os professores, equipe pedagógica e o Lama chamam de Pedagogia da Mandala.

Quadro 6 - Planejamento Anual da Escola Caminho do Meio

<i>Bimestre</i>	<i>Sabedoria</i>	<i>Princípio</i>	<i>Ciclo</i>	<i>Elemento</i>	<i>Eixo temático</i>
<i>Primeiro</i>	Acolhimento	Integralidade	Verão	Água	Acolhimento, famílias, identidade.
<i>Segundo</i>	Igualdade	Diversidade	Outono	Terra	Diversidade, memórias, tradições.
<i>Terceiro</i>	Investigativa	Conhecimento	Inverno / junino	Fogo	Formas de conhecimento de si, do outro, do mundo. Saúde.
<i>Quarto</i>	Causalidade	Sustentabilidade	Primavera	Ar	Habitar o mundo de formas positivas (trabalho e tecnologias sustentáveis)
<i>Quinto</i>	Transcendência	Criatividade	Verão / natalino	Espaço	Sobre a terra, sob o céu: aqui vivemos.

Fonte: Escola Caminho do Meio (s.d.).

Importante destacar que as sabedorias, através das falas dos professores são trabalhadas sempre de forma conjunta, a divisão apresentada no quadro acima precisou ser feita por uma questão de

organização e de funcionamento formal que a escola precisa ter enquanto instituição de ensino. Por exemplo, no primeiro bimestre que trata da sabedoria do acolhimento, não quer dizer que a sabedoria da causalidade que trata das questões de sustentabilidade não seja vista, as sabedorias estão sempre todas presentes no fazer dos professores e equipe pedagógica e vivenciadas com as crianças.

O fragmento do discurso da **Part_1 Faia**, bem ilustra a Pedagogia da Mandala:

As traduções pedagógicas das sabedorias seriam assim: Na sabedoria do acolhimento a gente vai olhar pro sujeito de maneira integral, princípio da integralidade. A sabedoria da igualdade ela contempla que todos têm qualidades e a gente se alegra com o outro como se fosse com a gente mesmo, então dialoga diretamente com o princípio da diversidade, igualdade diversidade. Aí o conhecimento é a sabedoria investigativa, que é tu conseguir parar na frente das situações, e a partir delas descobrir o que está ali? Que é o buda vermelho, que é o princípio do conhecimento. Daí a sabedoria da causalidade a gente observa as relações entre causa e efeito que vai dialogar com o princípio da sustentabilidade. E a sabedoria da transcendência é este princípio da criatividade, que a gente tem uma dimensão livre que é capaz de encontrar saídas mesmo em situações muito difíceis.

Complementando a fala da **Part_1 Faia**, a cada bimestre estaria a representação de um dos cinco Diani Budas, uma representação simbólica dos budistas, que procura trazer o ensinamento de como se mover, da melhor forma, no mundo. As cinco sabedorias seriam um mapa a ser seguido, no caso da escola, pelo professor diante da sua prática pedagógica. Assim: “[...] tratam de elementos a partir dos quais o professor pode inspirar-se para conduzir suas ações e intervenções no dia a dia com as crianças.” (KLEIN, 2016, p. 27)

Os princípios que trariam para a prática pedagógica as cinco sabedorias e traduziriam os cinco Diani Budas, são os olhares escolhidos pelos professores e equipe pedagógica importantes de serem ensinados as crianças e também praticados. Os professores também são considerados

constantes aprendizes destas sabedorias. **Part_6 Aveleira:** “Estes olhares do mundo é que estabeleceram estes eixos.”

Percebe-se uma consonância e estreita relação entre as cinco sabedorias e a proposta de uma educação transdisciplinar estudadas pela pesquisadora em vários documentos escritos, a partir da construção da Carta da Transdisciplinaridade.

Gostaria de destacar, dentre os documentos estudados, com autoria de Jacques Delors, os quatro pilares necessários a educação do futuro no século XXI, que na leitura da pesquisadora, encontra íntima relação com as cinco sabedorias. Onde compreende-se a Pedagogia da Mandala como uma pedagogia de visão transdisciplinar. Assim, apresentaremos as contribuições da concepção pedagógica da escola, relacionando estas com a discussão teórica apresentada nos capítulos 3.3 e 3.4, sobre conceitos acerca da educação e transdisciplinaridade e das contribuições do budismo à educação.

Abaixo, em formato de quadro, teceremos algumas relações encontradas entre as sabedorias, os quatro pilares e mais os dois pilares que vem a complementar a proposta de Delors, e que lançam bases para uma educação transdisciplinar. Logo após, as relações apontadas serão discutidas tendo como base os discursos dos entrevistados.

As contribuições das sabedorias da igualdade e causalidade serão discutidas na categoria de análise VISUST. Após estudo teórico das referidas sabedorias e análise dos dados trazidos pelos entrevistados, conclui-se que estes fazem menção a visão de sustentabilidade.

Quadro 7 - Relações entre Sabedorias, Princípios Norteadores da Escola e os Quatro Pilares

Cinco sabedorias	Buda	Princípios norteadores da proposta da escola caminho do meio	Quatro pilares necessários a educação do futuro no século xxi
Acolhimento	Azul	Integralidade	Aprender a ser
Igualdade	Amarelo	Diversidade	Aprender a viver juntos e aprender a participar
Investigativa	Vermelho	Conhecimento	Aprender a conhecer
Causalidade	Verde	Sustentabilidade	Aprender a antecipar
Transcendência	Branco	Criatividade	Aprender a fazer

Fonte: elaborado pela autora (2017).

A busca por uma educação que possibilite a formação mais integral da criança são princípios apontados pela visão transdisciplinar em educação e encontrados na proposta pedagógica da escola. Através das sabedorias surgiram os princípios norteadores da escola (Integralidade, Diversidade, Conhecimento, Sustentabilidade e Criatividade), que procuram desenvolver aprendizados efetivamente estruturadores do mundo interno da criança, para que estas possam manifestá-los nas suas relações com o mundo externo. Desta forma, materializando o exposto na missão da Escola Caminho, que coloca o compromisso com a formação da criança numa convivência lúcida consigo mesma e com os outros, aqui envolvendo todos os seres, inclusive a natureza.

Compreendemos, conforme Freire (2000, 2002, 2009), que a condição humana não é estanque, fechada, é sim, um constante tornar-se, que resguarda um potencial de liberdade de manifestar-se de forma positiva e solidária, segundo o qual o sujeito pode aprender gradativamente a proporcionar felicidade para si e para os outros, motivo central por que aplicamos tudo o que o currículo escolar sugere. (PPP ESCOLA CAMINHO DO MEIO, s.d., p. 6)

Tecendo relações, a partir do olhar da pesquisadora, com as sabedorias, princípios norteadores e os pilares da educação para o séc. XXI é importante destacar que o pilar **aprender a ser**, relaciona-se com a sabedoria do acolhimento e com o princípio da integralidade, que convida a olhar o outro a partir de onde este outro está. A escola respeita e acolhe a cada um no lugar em que se encontra, tanto o aluno quanto o professor e os pais. Aprender a ser para Delors (2010) implicaria em aumentar tanto a autonomia, quanto o discernimento. Um dependeria do outro. Quanto mais eu souber do outro, melhores recursos poderei oferecer para o seu desenvolvimento. O outro diz o que ensinar, e é nessa relação que se percebe também o que se tem a aprender.

Na proposta da Escola Caminho do Meio, o professor tem que agir pelo método da compaixão. Nesta relação não existe só uma mente, também existe o coração, a imaginação, a energia, a respiração, ou seja, o processo inteiro. (SAMTEN, 2010). Dentro dos ensinamentos budistas, o buda da compaixão traria inspiração e serviria como um modelo para o professor se apoiar no seu fazer pedagógico. Ter a abertura de ir até o outro e compreender o outro a partir de seu mundo interno, seria um ato de compaixão para o budismo.

Quem aprende com quem? O aluno aprende com o professor e o professor também aprende com o aluno. Assim se caminha como nos propõe Delors na busca do aprender a ser como uma responsabilidade pessoal, mas mirando também o coletivo. Fica muito clara esta relação através das palavras da **Part_6 Aveleira**: “[...] eles revelam muito aquilo que às vezes a **gente** nem está vendo, as crianças nos ajudam são nossos budas primeiríssimos nos mostrando onde a **gente** está e a **gente** vai melhorando.”

É importante colocar que a escola busca dialogar com a criança e compreender a educação pelo olhar da criança. No gráfico que apresenta esta categoria é interessante ressaltar que a partir da palavra **criança** surgem as palavras **pedagógico** e **brincar** e também **pedagogia**, **projeto**, **fundamental**. Pode-se afirmar que é exatamente através do acolhimento da criança que a proposta pedagógica da escola se estrutura. Uma proposta respeitosa com a criança. Na busca de oferecer uma educação neste sentido a escola é aberta a dialogar com outras pedagogias que a equipe entenda ter afinidade com a proposta pedagógica da escola.

Part_3 Cipreste Marrom:

[...] É uma pedagogia que dialoga com esta **criança** dialoga com o que esta **criança** precisa. Uma pedagogia que dialoga com esta **criança** e diz que tipo de adulto eu preciso ser pra que ela tenha autonomia pra brincar. No jardim a ideia é de que a escola está num lugar de parceria com as famílias e a gente quer oferecer um ambiente onde elas possam brincar que é o que a gente considera o grande trabalho das **crianças** no primeiro setênio. [...]o que eu lembro que a gente já leu nos estudos da Antroposofia, é que por exemplo, a criança nesta idade ela está com cinco anos, ela aprende, com a energia que está disponível pra ela, então a energia que está disponível neste momento pra ela é pra ela aprender com o corpo. Então se ela aprendesse cognitivamente ia ser um desperdício desta energia.

Figura 15 – O tetro na areia



Fonte: Escola Caminho do Meio (2016).

Aqui a Pedagogia Waldorf traz este referencial importante, quando os professores entendem que o trabalho da criança é brincar. No maternal e jardim o diálogo com a Pedagogia Waldorf é considerada pelos entrevistados como a mais adequada para a criança até os 7 anos de idade. **Part_2 Plátano:** “[...] então hoje no maternal, a gente brinca, é no mínimo Waldorf⁷. Pode até ter coisa melhor porque a escolha olha pra várias

⁷ “Pedagogia Waldorf: A Pedagogia Waldorf foi introduzida por Rudolf Steiner em 1919, em Stuttgart, Alemanha, inicialmente em de uma escola para os filhos dos operários da fábrica de cigarros Waldorf-Astória (daí seu nome), a pedido deles.

Ela é uma pedagogia holística em um dos mais amplos sentidos que se pode dar a essa palavra quando aplicada ao ser humano e à sua educação. De fato, ele é encarado do ponto de vista físico, anímico e espiritual, e o desabrochar progressivo desses três constituintes de sua organização é abordado diretamente na pedagogia. Assim, por exemplo, cultiva-se o querer (agir) através da atividade corpórea dos alunos em praticamente quase todas as aulas; o sentir é incentivado por meio de abordagem artística constante em todas as matérias, além de atividades artísticas e artesanais, específicas para cada idade; o pensar vai sendo

abordagens. Eu creio que pro maternal a pedagogia Waldorf é completa e perfeita para as **crianças.**”

Figura 16 - Brincar e aprender no Jardim da Escola Caminho do Meio



Fonte: Escola Caminho do Meio (2016).

Já a partir do ensino fundamental a escola busca o diálogo com a pedagogia de projetos. **Part_1 Faia:** “[...] Mas eu destacaria este diálogo com a pedagogia Waldorf no infantil e este diálogo com a educação brincante que perpassa da educação infantil pro fundamental também. E dentro da pedagogia de projetos Escola da Ponte, José Pacheco, no fundamental”.

O diálogo com a pedagogia de projetos para o ensino fundamental se justifica, na visão dos entrevistados, pelo momento do desenvolvimento que as crianças adentram A partir dos sete anos. Segundo **Part_4 Castanheira:**

Outra fonte do fundamental que nós bebemos é do sócio construtivismo. Na alfabetização a gente usa esta fonte porque tem bastante a ver com a

cultivado paulatinamente desde a imaginação dos contos, lendas e mitos no início da escolaridade, até o pensar abstrato rigorosamente científico no ensino médio”. (SETZER, 1998, s.p.)

sabedoria investigativa, da construção do conhecimento, da criança ser dona do próprio conhecimento e dela construir o que ela precisa pra viver. Então na alfabetização, eu só ajudo elas a irem fazendo as descobertas, eles são os pesquisadores, e eu vou colocando eles em desafios pra eles irem ampliando aquele conhecimento.

Figura 17 - Construções Sustentáveis



Fonte: Facebook da Escola Caminho do Meio (2014).

A sabedoria investigativa teria como princípio o conhecimento, que pode ser relacionada com o pilar aprender a conhecer. Conhecer e aprender deveria ser um ato repleto de significado, contextualizado com a realidade. Para melhor ilustrar segue a fala da **Part_2 Plátano:**

Então pra mim foi assim, eles revelam muito aquilo que às vezes a gente nem está vendo do não é? As crianças nos ajudam, são nossos Budas primeiríssimos, nos mostrando onde a gente está e a gente vai melhorando. [...] eu posso dizer assim, o professor é uma oferenda para estes alunos. Toda a visão da escola está em mim, nos meus atos, no

nosso proceder aqui dentro, com o respeito as coisas e com os outros, em todos os gestos, onde a gente joga o lixo, aquilo tudo tem que ter sentido. Não tem nenhuma pecinha aqui que esteja jogada num canto e que não seja útil, tudo tem um sentido e eles sabem.

Na escola Caminho do Meio, o conhecimento como princípio tem nas teorias de Edgar Morin, uma base epistemológica fundamental, que compreende o processo de aprendizagem com base no pensamento complexo, sendo este capaz de contextualizar a realidade.

Na Escola Caminho do Meio, consideramos, que a educação deve favorecer a aptidão natural da mente em formular e resolver problemas essenciais e, de forma correlata, estimular o uso total da inteligência geral. Este uso total pede o livre exercício da curiosidade[...] (PPP Escola Caminho do Meio, s.d., p.8)

O conhecer aqui também relacionado com uma dimensão de liberdade, possibilitador do aprender criativo, que conduziria os seres a darem respostas adequadas a sua realidade e de ações ativas de cidadania. O aprender dentro do budismo está relacionado com o resgate da liberdade. A própria essência do budismo é oferecer meios ao homem para vencer as barreiras que limitam sua visão e o fazem cair nos automatismos, impedindo respostas espontâneas, livres e o contato verdadeiro com o real.

Figura 18 - Percursos criativos.



Fonte: Blog Escola Caminho do Meio (2017).

Considera-se que a sabedoria da transcendência encontra na dimensão de liberdade budista também fundamento. Tendo como princípio a criatividade, apresenta relação também com a sabedoria do conhecimento. Pois o tipo de conhecimento que se quer gerar é o que leve as crianças a estimularem uma inteligência geral, que somente será estabelecida (segundo informações do PPP da Escola Caminho do Meio), pelo livre exercício da curiosidade. Conforme **Part_1 Faia**: “[...] a sabedoria da transcendência é este princípio da criatividade, que a gente tem uma dimensão livre que é capaz de encontrar saídas mesmo em situações muito difíceis”. Segundo Samten (2006) a criatividade seria a expansão natural da liberdade na mente.

No PPP da Escola Caminho do Meio reconhece-se a ludicidade e as artes como como situações exploratórias de acesso a criatividade, despertando de forma natural nas crianças as próprias forças criativas destas. Assim:

Enfatizamos as dimensões lúdica, artística, poética do conhecimento, favorecendo a autonomia das crianças e respeitando seu universo próprio, que tem na ludicidade e nas experiências cotidianas do mundo, suas mais excelentes expressões

(PEREIRA, 1996 apud PPP ESCOLA CAMINHO DO MEIO, s.d., p. 5).

Figura 19 - A arte da música e do canto.



Fonte: Facebook Escola Caminho do Meio (2016).

Compreende-se aqui uma relação com o pilar aprender a fazer, que resgata a dimensão da criatividade em educação, a qual levaria a construção do novo, que se precisa em muitas situações diante de desafios.

A proposta trazida por Edgar Morin, na sua obra *Os sete saberes necessários a educação do futuro*, reafirma o papel da escola como importante entidade formadora e quem sabe transformadora para as futuras gerações. Foi redigido em Recife, em 2010, durante a Conferência Internacional sobre os Sete Saberes necessários à Educação do Presente, realizada em alusão aos dez anos da obra supracitada de Morin. A Carta de Recife, é escrita durante este evento, firmando o compromisso de apoiar práticas em educação transformadoras (conforme já colocado no item 3.3) que seriam aquelas capazes de promover a construção de conhecimentos transdisciplinares.

Considera-se a prática pedagógica da Escola Caminho do Meio transdisciplinar e em consonância com a chamadas práticas transformadoras em educação, pois seus princípios pedagógicos dialogam de forma aberta com outras pedagogias, o que surpreendeu a pesquisadora, ao olhar como a escola fez este processo de forma coerente e natural ao longo dos seus nove anos de existência. Encantou a pesquisadora esta predisposição da equipe da escola a buscar as pedagogias e os meios necessários para dar vida e corpo a Pedagogia da Mandala.

Conforme **Part_2 Plátano:**

[...] a base do trabalho é a Pedagogia da Mandala que são as cinco sabedorias, é o eixo norteador da escola. É como se a gente tivesse um fio e depois a gente colocasse contas neste fio. Tem várias contas mas o fio é as cinco sabedorias e aí tem outros elementos que vão se agregando.

Estes outros elementos seriam os diálogos estabelecidos com outras pedagogias e teóricos.

As propostas transdisciplinares da escola são trazidas nas falas dos entrevistados quando estes colocam que o mais adequado neste momento é a Pedagogia Waldorf para o maternal e jardim, a Pedagogia de Projetos para o fundamental e a sistematização de conceitos da filosofia budista realizada pelo Lama Padma Samten.

A sistematização anual da escola consegue materializar no dia a dia a sua visão transdisciplinar, cada sabedoria aparece na proposta dialogando com um bimestre, um princípio, uma estação do ano e uma festividade para celebrar a sabedoria do bimestre. A fala da **Part_5 Cipreste Verde** bem contempla: “[...] parece que uma coisa era feita pra outra assim, como quando a gente conectou a estações do ano por exemplo, o elemento água é verão, o elemento terra é no outono, e a terra tá brotando e oferecendo muitas coisas.”

Considera-se a Pedagogia da Mandala, uma pedagogia lúcida, engajada com o desenvolvimento do ser humano integral. Preocupada com o bem-estar e a alegria das crianças. Uma pedagogia que busca uma aprendizagem democrática, participativa e significativa e que tem como grande centro e eixo as sabedorias. Todas estas são consideradas preciosas contribuições que esta pedagogia traz a formação das crianças, professores e pais e também a própria educação.

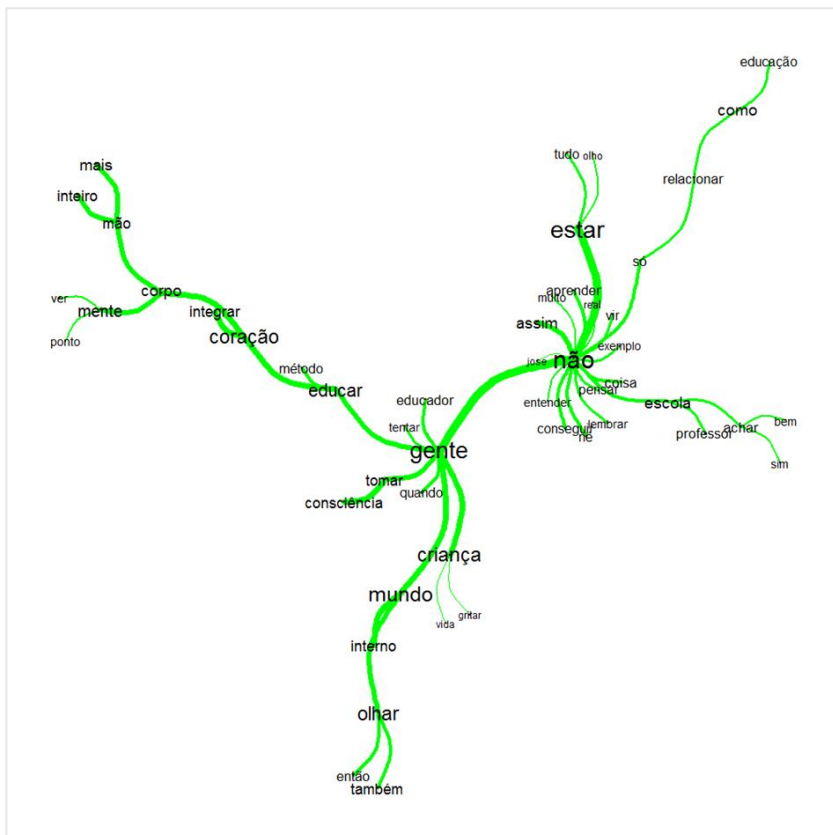
Figura 20 - A alegria das professoras.



Fonte: Facebook da Escola Caminho do Meio (s.d.).

5.2 DISCUSSÃO DOS RESULTADOS CATEGORIA VISINT: VISÃO DE INTEGRALIDADE DA ESCOLA

Gráfico 2 - Árvore Máxima VISINT



Fonte: elaborado pela autora (2017).

5.2.1 Vocabulários VISINT – Visão de Integralidade

Quadro 8 - Visão de Integralidade

PALAVRAS CHAVES	RESGATE DO DISCURSO DOS ENTREVISTADOS PELO MÉTODO CHD E POR ESCOLHA DA PESQUISADORA
<p style="text-align: center;">EDUCAR MENTE/CORAÇÃO/MÃOS E O CORPO INTEIRO (GENTE)</p>	<p>Part_3 Cipreste Marrom: Eu acho que tem sim a ver com esta tomada de consciência do educador de que a gente atua e age a nível de corpo também, não é só mente.</p> <p>Part_5 Cipreste Verde: [...] educar a mente o coração as mãos e corpo inteiro um método mais integrado vem do trabalho com as cinco sabedorias e também do olhar sobre o mundo interno.</p> <p>Part_4 Castanheira: Sobre educar a mente o coração as mãos e corpo inteiro um método mais integrado tem uma frase da professora Plátano (pseudônimo, alteração pesquisadora) pra mim ela resumiu no ponto exatamente isso, por que a gente educa uma criança como um todo.</p> <p>Part_2 Plátano: [...] aí quando a gente está no coração o corpo e a energia estão ali, a gente observa e vai facilitar aquilo que a criança está pedindo no momento pra gente entender.</p> <p>Part_5 Cipreste Verde: [...] na educação infantil as crianças aprendem essencialmente por imitação, o apelo discursivo cognitivo ele não é muito efetivo com crianças pequenas né? O exemplo assim, esta condução pelos exemplos ela é muito mais forte pra criança.</p> <p>Part_2 Plátano: O que tu tens dentro, a tua mente, o teu coração, tu podes entender, ter a visão mas se tu não integrou estas instâncias não tá dentro de ti ainda, então não se faz naturalmente. Eu penso que a escola traz para o professor este desafio. Isto é um exercício de olho, mas é um olho que vê de forma completa, mas pra isto tu tens que experimentar.</p>

PALAVRAS CHAVES

**RESGATE DO DISCURSO DOS
ENTREVISTADOS PELO MÉTODO
CHD E POR ESCOLHA DA
PESQUISADORA**

Part_5 Cipreste Verde: O educador atua no nível da mente, do coração, do corpo. Só que aqui a gente está tentando se relacionar e tomar consciência disto e saber que isto faz parte do meu trabalho. Como que um educador que educa com o coração onde eu vou ouvir isto? Onde que eu vou achar que o que eu tenho no meu coração também é, que eu também educo as crianças desta forma. Eu acho que é bem específico da escola é isso assim.

Part_6 Aveleira: Quando a gente pergunta para as **crianças** o que elas mais gostam de fazer, está relacionado a se mover, e daí a escola bota tudo só na cabeça né? E depois tu perguntas pra **criança** o que ela aprendeu neste modelo, e ela não lembra!

Part_3 Cipreste Marrom: A gente tem uma reflexão na escola que o processo de escolarização pelo qual todos nós passamos e todos os professores da escola passaram dissocia muito, a gente fica com o corpo parado pra mente ficar disponível pra um aprendizado teórico e cognitivo, isto gera várias fragmentações, então a gente tenta ter uma abordagem e isto tem um diálogo com a pedagogia Waldorf.

Part_1 Faia: A **gente** educa a criança pra ela ter a autonomia de se mover no mundo pra vida real pra vida que existe não é uma vida artificial que a **gente** vai inventar alguma coisa que não exista.

Part_1 Faia: [...] a gente está tentando desenvolver um aprendizado que as crianças aprendam cognitivamente enquanto elas estão agindo, enquanto o corpo está em movimento, com aquilo que tem sentido, então o afeto está presente, na educação infantil isto está muito ligado ao

PALAVRAS CHAVES	RESGATE DO DISCURSO DOS ENTREVISTADOS PELO MÉTODO CHD E POR ESCOLHA DA PESQUISADORA
	<p>brincar e no ensino fundamental está muito ligado a este aprendizado significativo e que envolva uma abordagem mais artística e mais prática, enquanto o aprendizado cognitivo está acontecendo também.</p> <p>Part_4 Castanheira: [...] se perguntar pra um adulto o que ele lembra, normalmente lembra de algo que tocou o coração dele, que o afetou no sentido de afeto. Aí aquilo ele aprendeu ou aquilo o marcou se não olharmos pro todo não faz sentido.</p>
MUNDO INTERNO (GENTE)	<p>Part_5 Cipreste Verde: [...] este é o trabalho de se olhar pro mundo interno, o mundo interno é inseparado do mundo externo. Isto faz parte do cotidiano do meu trabalho, isto é educar pelas costas pelo exemplo, isto todo mundo sabe disto, mas a gente não toma consciência. Por exemplo uma professora que vai fazer uma observação numa sala e grita com os alunos porque eles estão agitados não vai adiantar. É até engraçado, como que eles vão parar se tem gritos? [...]Este é o trabalho de se olhar pro mundo interno, isto que o mundo interno é inseparado do mundo externo. Isto é um grande diferencial, eu acho, no trabalho da escola, pois o professor tem que se dispor a realizar este processo diário de contemplação do seu mundo interno e do impacto disto no mundo externo.</p> <p>Part_3 Cipreste Marrom: As cinco sabedorias vão dar este meio hábil de olhar pra este mundo interno então, que a gente não aprende só com a cabeça só com a mente né? Não se aprende só decorando ou reproduzindo um monte de coisas.</p> <p>Part_5 Cipreste Verde: Acho que todo mundo sabe, é um conteúdo que está</p>

PALAVRAS CHAVES	RESGATE DO DISCURSO DOS ENTREVISTADOS PELO MÉTODO CHD E POR ESCOLHA DA PESQUISADORA
	<p>disponível, mas a gente tem que tomar consciência disto na prática pedagógica, trazer isto bem vivo. Sim. Este é o trabalho de se olhar pro mundo interno, isto que o mundo interno é inseparado do mundo externo. Isto é um grande diferencial, eu acho no trabalho da escola, pois o professor tem que se dispor a realizar este processo diário de contemplação do seu mundo interno e do impacto disto no mundo externo.</p> <p>Part_2 Plátano: [...] então é um ponto a ser olhado por mim, olho muito. Mas também tem dia que flui, eu saio cantarolando daqui com a certeza que aquilo que eu fiz tem a minha marca, que as crianças se alegraram e ficou tudo tranquilo. Pra mim é isto estar inteiro.</p> <p>Part_5 Cipreste Verde: [...] que é o mundo dos sentimentos, que isto também claro vem da influência budista, e que a gente vê assim. Todo mundo se relaciona assim, só que 99% das pessoas não sabe. Se relaciona muito com o outro através do seu mundo interno. Esta educação é este despertar pra que eles entendam como isto funciona e consigam andar melhor no mundo.</p>

Fonte: elaborado pela autora (2017).

Nesta categoria o gráfico *Árvore Máxima* em seu centro traz palavra **gente**, que no contexto do resgate das falas relacionadas a esta palavra refere-se aos professores, direção e crianças. A partir desta palavra surge a palavra **educador** que se ramifica para as **palavras educar, coração, integrar corpo, mão, mente e inteiro**. Também a partir da palavra **gente**, ramifica-se as **palavras criança, mundo, interno, olhar**.

Também a partir da palavra **gente** ramifica-se a palavra **professor, exemplo, aprender, mundo, real, olho e tudo**.

No resgate dos discursos pelo método CHD estas palavras são as mais estatisticamente significativas nos discursos dos entrevistados.

Um método de ensino nominado de integrado e que busca educar mente, coração, mãos e o corpo inteiro definem a visão de integralidade da escola. Conforme informações trazidas no PPP da Escola Caminho do Meio no item concepção:

A Escola Caminho do Meio objetiva suas ações educativas aos valores universais como Cultura de Paz, Responsabilidade Universal e Bom Coração. Para isso, inspira-se na filosofia budista, ancorada em uma abordagem que prioriza a sustentabilidade, a criatividade, a integralidade, a pluralidade e a complementaridade de visões, além da construção vivencial e participativa de um conhecimento significativo e integrado à dimensão emocional e a habilidades concretas variadas. Busca, assim, uma educação de mente, coração, mãos e corpo inteiro. (PPP ESCOLA CAMINHO DO MEIO, s.d., p. 4)

O método integrado apresentado pela concepção da escola dialoga com o referencial teórico deste estudo, apresentado no item 3.2, que trata da visão holística e com os conceitos budistas apresentados no item 3.4, visão e contribuições do budismo à educação.

O paradigma holístico surge com a intenção de dissolver as barreiras criadas pelas disciplinas, e por uma visão de mundo mecanicista, que reduziu e fragmentou a forma de conhecer e a construção do conhecimento. (CREMA, 1989)

Nas falas dos entrevistados fica muito clara a posição da escola em sua forma de educar e ver as crianças no processo educativo de forma holística:

Sobre educar a mente o **coração** as mãos e corpo inteiro um método mais integrado tem uma frase da professora Plátano (pseudônimo adotado pela pesquisadora) pra mim ela resumiu no ponto exatamente isso, por que a gente educa uma criança como um todo. (**Part_4 Castanheira**)

O que também encontra-se bem descrito no PPP da Escola Caminho do Meio, quando é colocado que a escola tem interesse com o bem estar e a felicidade do educando, o que perpassa pelo seu

desenvolvimento integral, onde este é olhado como um todo. Então os aspectos internos de cada criança também são olhados e acolhidos na prática do dia a dia na escola. É somente através deste desenvolvimento, considerado harmônico pela escola, que a criança poderá melhor se posicionar e “andar” pelo mundo. Andar de forma crítica, criativa e também gerando as transformações necessárias a sociedade.

Part_2 Plátano: “[...] aí quando a gente está no coração o corpo e a energia estão ali, a gente observa e vai facilitar aquilo que a **criança** está pedindo no momento pra gente entender”.

Part_4 Castanheira: “[...] se perguntar pra um adulto o que ele lembra, normalmente lembra de algo que tocou o coração dele, que o afetou no sentido de afeto. Aí aquilo ele aprendeu ou aquilo o marcou se não olharmos pro todo não faz sentido.”

Figura 21 - O Jardim preparando o próprio lanche com a professora



Fonte: Facebook da Escola Caminho do Meio (2016).

Olhar para o todo é considerado pelos entrevistados primordial ao educar a criança, este todo dentro dos conceitos budistas significaria a não separação entre mundo interno e externo. É considerado uma chave importante na educação budista onde alunos e professores são considerados aprendizes do olhar, explorar e contemplar o seu mundo interno, seria o mundo subjetivo e o mundo mental de cada um. O cuidado

com o desenvolvimento deste mundo interno de forma mais harmoniosa, equilibrada e respeitosa, refletiria por consequência, este tipo de relação com o mundo externo. Estaria então o mundo interno relacionado ao mundo externo e a todas as relações que se estabelecem neste. Conforme já escrito no item 3.4 desta dissertação, mas relevante trazer novamente a discussão dos conceitos de mundo interno e externo.

Na abordagem da educação sob a perspectiva budista, precisamos desenvolver uma convicção de que o ponto central é ultrapassar a dificuldade de ver. [...] O tema central portanto é superar avidya. A chave essencial para este processo de ultrapassar as dificuldades de visão está na descoberta do mundo interno. (SAMTEN, 2010, p.2)

No budismo segundo Samten (2010) superar avidya, representaria a superação das dificuldades de ver este mundo interno. Este conceito foi um dos primeiros tratados por Buda em seus ensinamentos sendo considerado causado de muitos sofrimentos. O não conseguir ver leva a manutenção de comportamentos negativos e contra produtores no ser humano, dificultando a compreensão cíclica de tudo na vida. Existe uma natureza ilimitada das coisas.

Segundo **Part_7 Olmo:**

[...] um ponto que eu considero importante é a compreensão da expressão avidia, porque avidia significa a incapacidade de ver. Eu acho que o budismo nos auxilia a ver que nós operamos sempre dentro de bolhas de **realidade**. Este eu considero um ponto crucial para educação budista, é a gente compreender que nós não estamos descrevendo uma **realidade** externa, nós estamos descrevendo uma **realidade** que não tem separação entre o aspecto interno e o aspecto externo.

O reconhecimento desta natureza traria a liberdade ao homem e também a noção da inseparatividade. Uma das formas de trabalhar esta noção de inseparatividade apresentadas pela escola, seriam as cinco sabedorias.

Buscamos que nossa “mentalidade” se afine com essas inteligências de sabedoria. Segundo a visão da escola, vamos partir das mandalas para alinhar pensamentos, energia e corpo. Segundo uma visão positiva e ampla. Assim procuramos educar a criança dentro de um contexto ou “casa” favorável. (SAMTEN, 2012, p. 3).

Interessante a forma como o **Part_7 Olmo** descreve avidya:

Eu acho que o budismo nos auxilia a ver que nós operamos sempre dentro de bolhas de realidade. Este eu considero um ponto crucial para educação budista, é a gente compreender que nós não estamos descrevendo uma realidade externa, nós estamos descrevendo uma realidade que não tem separação entre o aspecto interno e o aspecto externo.

Na escola o papel do educador é fundamental para se educar visando a educação integral da criança e para geração desta noção de interdependência entre mundo interno e externo e, por conseguinte entre a criança e todos os seres. O professor é visto como um exemplo a ser seguido. O olhar do professor na busca de práticas e ações mais integradas, também é regido pelo princípio da compaixão. O interessante é que, os professores têm clareza que a construção do olhar integral que estes querem ver manifestados nas crianças, eles estão também constantemente construindo no seu mundo interno e no seu mundo externo. Assim nos coloca **Part_5 Cipreste Verde**:

O educador atua no nível da mente, do coração, do corpo. Só que aqui a gente está tentando se relacionar e tomar consciência disto e saber que isto faz parte do meu trabalho. Como que um educador que educa com o coração onde eu vou ouvir isto? Onde que eu vou achar que o que eu tenho no meu coração também é, que eu também educo as crianças desta forma. Eu acho que é bem específico da escola é isso assim.

Ainda sobre o papel do professor no processo de educação da criança **Part_5 Cipreste Verde**: “[...] na educação infantil as crianças aprendem essencialmente por imitação, o apelo discursivo

cognitivo ele não é muito efetivo com crianças pequenas né? O exemplo assim, esta condução pelos exemplos ela é muito mais forte pra criança”.

Figura 22 - Os professores no Jardim



Fonte: Facebook da Escola Caminho do Meio (2016).

O educador teria um papel também de facilitar a estruturação do mundo interno das crianças, conforme colocado no PPP da Escola Caminho do Meio seriam facilitadores que planejam a organização das atividades educativas procurando tornar a escola viva e pulsante no cotidiano que possa levar a esta formação integral.

A escola desafia o professor nesta construção e constantemente oferece espaços de construção, questionamento e formação, conforme relatado pelos entrevistados quando estes trazem as participações nas formações continuadas, e também em atividades semanais ofertadas pelo CEBB e pela própria escola. Como por exemplo, todas as semanas ocorre os encontros de estudo do referencial pedagógico da Escola Caminho do Meio conduzido pelos professores da escola, sendo constante o estudo da proposta da escola. Os encontros são abertos e transmitidos em tempo real via online. **Part_2 Plátano** fala sobre a importância da constante formação do professor na proposta da escola:

O que tu tens dentro, a tua mente, o teu coração, tu podes entender, ter a visão mas se tu não integras

estas instâncias não tá dentro de ti ainda, então não se faz naturalmente. Eu penso que a escola traz para o professor este desafio. Isto é um exercício de olho, mas é um olho que vê de forma completa, mas pra isto tu tens que experienciar.

Figura 23 - Formação Buda Amarelo para professores em 01/04/2017.



Fonte: Facebook da Escola Caminho do Meio (2017).

Figura 24 - Formação Buda Amarelo para professores em 01/04/2017.



Fonte: Facebook da Escola Caminho do Meio (2017).

É a partir do acolhimento de si que se abre também para a relação com o outro surgiriam as relações positivas com o mundo o que instigaria a constate autoformação dos educadores, o que a escola considera fundamental.

A busca deste olhar que integra e busca lançar pontes entre diferentes fronteiras, é o olhar que também nos fala a visão holística, conforme já mencionado, um olhar que se posiciona rumo a dissolução dos reducionismos e fragmentações e que tão bem dialoga com as falas dos entrevistados. Corroborando o **Part_7 Olmo** coloca que:

[...] quando as coisas são separadas, os observadores são separados também. A gente até entende que este é um modo operativo interessante para treinar pessoas para cumprir funções em certos lugares, mas esta não é a visão mais elevada que nós podemos trabalhar.

Assim a educação na escola Caminho do Meio não quer apenas cumprir o papel de formar pessoas para o mercado de trabalho ou para passar em vestibulares, isto é uma pequena parte, diante da pretensão maior da escola de construir uma educação que leve também a transformações mais amplas, como será apresentada adiante na categoria Visão de Futuro da Escola.

Prezamos um olhar aprofundado por parte do educador com relação a cada um de seus alunos, e buscamos proporcionar relações duradouras entre educadores-educandos-famílias através dos ciclos de formação, mantendo o foco de grupos reduzidos de crianças por educador, cultivando os laços que fortalecem a aprendizagem e considerando o crescimento e aprendizado de forma ampla e integrada. (PPP ESCOLA CAMINHO DO MEIO, s.d., p.16)

Para finalizar esta categoria, o princípio da Integralidade transcreveria para uma linguagem pedagógica a sabedoria do acolhimento, que busca acolher o outro da forma mais ampla possível. Onde acolher e educar a criança na Escola Caminho do Meio incluiria compreender também a inseparatividade das dimensões: corporal, emocional (psíquica), mental (intelectual), sociocultural e espiritual,

corroborando com a visão de método integrado, de forma conjunta com os conceitos de mundo interno e da dimensão de avidya (SAMTEN, 2010).

Figura 25 - O Jardim



Fonte: Facebook da Escola Caminho do Meio (2017).

Quadro 9 - VISUST

PALAVRAS CHAVES	RESGATE DO DISCURSO DOS ENTREVISTADOS PELO MÉTODO CHD E POR ESCOLHA DA PESQUISADORA
OLHAR	<p>Part_6 Aveleira: [...] visão de sustentabilidade bem o nosso olhar neste sentido está muito conectado com a permacultura, que também traz estas frases a relação consigo, a relação com o outro, e a relação com o meio.</p> <p>Part_6 Aveleira: Esta visão está super dentro do referencial pedagógico da escola, e daí é como se a sustentabilidade, este olhar pro universo, pra esta terra mãe que nos sustenta nos alimenta ela fosse o tempo inteiro presente. Pois está separada só didaticamente, as crianças estão vendo. A gente plantou batata yacon na frente da nossa sala fazem uns dois meses e elas estão com as folhas brotando e é bem lindo de ver esta relação deles quando dizem: Ah olha aqui esta que eu plantei? Olha a que você plantou? Nós vamos colher daqui um ano ou um pouco mais. Elas que vão nos dizer quando então. Esta sensibilização a gente tem pensado muito nisso. A gente tem plantado com as crianças com assessoria de quem entende e a gente vai colher só daqui há um ano e tá tudo bem!</p> <p>Part_4 Castanheira: Vivendo na cidade tendo esta vida moderna que a gente tem se desconectou. Tá na sabedoria da causalidade porque a gente vê que as nossas ações tem uma consequência se fazemos ações positivas temos retorno positivos.</p> <p>Part_5 Cipreste Verde: Então tem várias ações mas o que eu vejo diferente de outras escolas é a preocupação do trabalho com esta conexão que na realidade nós não estamos separados da natureza, da gente ser parte do ambiente também e da gente ser responsável por este ambiente também. Na verdade não existe o fora não existe este fora. As crianças já em pequenos detalhes vão entendendo que todas as suas ações tem uma causalidade.</p> <p>Part_3 Cipreste Marrom: esta relação está sendo olhada o tempo inteiro pois a escola se encontra em um lugar privilegiado num bosque que é uma floresta dentro de uma comunidade onde tem muitas áreas preservadas.</p> <p>Part_6 Aveleira: as crianças veem aqui, que onde as pessoas moram elas plantam árvores, plantam hortas, tem composteiras pra todos os lugares, então isto está pulsando.</p> <p>Part_5 Cipreste Verde: [...] é uma mãe que faz o manejo da composteira que criou a composteira com eles isto no</p>

PALAVRAS CHAVES	RESGATE DO DISCURSO DOS ENTREVISTADOS PELO MÉTODO CHD E POR ESCOLHA DA PESQUISADORA
	<p>jardim, depois tem outros desdobramentos no ensino fundamental.</p> <p>Part_6 Aveleira: Por exemplo o meu grupo de alunos desde o ano passado a gente faz composteira, toda a matéria orgânica do lanche vira composto, então vira húmus. Hoje a gente já tem várias composteiras pela escola, tem algumas que já estão virando canteiros.</p> <p>Part_6 Aveleira: [...] houveram algumas podas no bosque da escola, e foi um pai que fez e ele veio explicar para as crianças, foi separando as madeiras as verdes das secas explicou como ir organizando como que se faz esta poda.</p> <p>Part_5 Cipreste Verde: O uso que a gente faz da água, dos materiais, o manejo da terra, a gente varre as folhas do pátio, recolhe elas, cobrem com as folhas as coisas na composteira.</p> <p>Part_6 Aveleira: [...] também já fizeram vários bordados inclusive um livro, isto tem muito a ver com sustentabilidade, que é você produzir o que vai usar. A gente não precisa sair comprando tudo. Uma roupa não precisa ser jogada fora posso refazê-la. [...] também neste eixo de sustentabilidade as crianças tem aula de artes manuais, eles fazem crochê primeiro, o crochê de dedo depois com a agulha então eles já produziram luvas, toucas, tiara, pulseira e cachecol.</p> <p>Part_1 Faia: [...] que é a sensibilização de novo pra natureza que nós somos seres da natureza também lembrar disto. Então é como se a sustentabilidade fosse um eixo sempre presente o tempo inteiro na escola.</p>
SUSTENTAR (OLHAR)	<p>Part_1 Faia: Bem o nosso olhar, neste sentido está muito conectado com a permacultura que também traz estas frases: A relação consigo. A relação com o outro e a relação com o meio. Esta visão está super dentro do referencial pedagógico da escola e daí é como se a sustentabilidade, este olhar pro universo.</p> <p>Part_2 Plátano: Visão de sustentabilidade, o eixo da sustentabilidade está mais ligado a sabedoria da causalidade que é vivenciada na primavera. Visão de sustentabilidade, bem olhando este eixo, te digo que qualquer coisa que se vai abordar na escola está sustentado por este eixo porque sustentabilidade é tudo! Então se nós formos falar ou questionar sobre a limpeza do</p>

**PALAVRAS
CHAVES**
**RESGATE DO DISCURSO DOS ENTREVISTADOS
PELO MÉTODO CHD E POR ESCOLHA DA
PESQUISADORA**

banheiro por exemplo são as nossas ações ali que se questionam, isto perpassa pela sustentabilidade.

Part_4 Castanheira: Uma outra coisa sobre sustentabilidade que eu acho importante também e que a gente olha é a própria alimentação. Então a alimentação do lanche na escola são as famílias que fazem e oferecem, cada dia é uma família, é um incentivo para que as pessoas façam sua própria comida em casa, então não chega algo industrializado.

Part_5 Cipreste Verde: No jardim, na educação infantil, também maternal, a sustentabilidade ela é trazida para as crianças na vivência dos processos, essencialmente são os processos, então assim, ela trata de questões da natureza, da relação com a natureza, do cuidado com o lixo. [...]esta noção de interdependência e da noção de processos, que as coisas têm início, meio e fim. Que as coisas nascem, se desenvolvem, morrem e se transformam assim, que elas não somem da vida.

Part_2 Plátano: [...] mas a questão da **sustentabilidade** está na visão ampla da escola no momento que a gente tem preocupação que se retome esta relação com a natureza como uma coisa orgânica que já foi em algum momento da humanidade e que agora encontra-se perdida. De forma mais ampla esse é o nosso diferencial a sustentabilidade de uma forma que vá entrar no coração das **crianças**, **pois** tem a ver com mundo interno, e a inseparatividade. O eixo da **sustentabilidade** está perpassando o tempo todo, a gente só separa pra dar uma ênfase naquele lugar pra fins didáticos mesmo, de como organizar o conhecimento, mas isto não significa que no primeiro bimestre eu não vou poder olhar pra isto. **Sustentabilidade** serve pra tudo! Eu tenho muita conexão com este eixo, pra mim não precisava dos outros eixos pois está tudo neste eixo.

Part_5 Cipreste Verde: A gente tenta trabalhar sempre esta noção de processo, início, meio e fim destes movimentos na vida. [...]daí, por exemplo, tem um professor ele foi embora e nunca mais apareceu, como? Daí a gente vai lá, vai saber, convida este professor um dia pra voltar. O que acontece? Sempre procurando trazer para as crianças esta noção de processo, este cuidado. [...]é quase como passar para as crianças que não é jogar o lixo fora, na

PALAVRAS CHAVES	RESGATE DO DISCURSO DOS ENTREVISTADOS PELO MÉTODO CHD E POR ESCOLHA DA PESQUISADORA
	<p>verdade não existe o fora, não existe este fora e as crianças já em pequenos detalhes vão entendendo que todas as suas ações tem uma causalidade, todas as ações vão ter, e vai pra onde? E acontece o quê?</p> <p>Part_1 Faia: Trabalhar pra sustentabilidade na escola Caminho do Meio, neste momento, a gente tá até trocando o nome pra ambiente vivo, ela está relacionada a questão ambiental, é entender a questão ecológica e ambiental não só como uma questão externa, a gente entende que aí tem uma relação central com o budismo através do conceito de interdependência e inseparatividade.</p>
INDÍGENA (OLHAR)	<p>Part_6 Aveleira: Então a forma como os indígenas foram manejando a floresta possibilitaram ela ser a floresta e a permacultura e a agrofloresta bebem desta fonte dos povos originais. Os indígenas também são nossa bibliografia de estudo porque a gente precisa se inspirar por este olhar que é bem mais conectado.</p> <p>Part_2 Plátano: Então uma abordagem que também tem nos influenciado muito é a abordagem dos povos tradicionais, dos povos indígenas, pois quando eles falam se sujar a água vai ser mal pra nós, isto não é utilitário, eles conseguem entender que eles são inseparáveis, aquilo é muito arraigado neles. [...] as crianças elas ainda tem a experiência de integração e isto vai se perdendo com o nosso processo de socialização, que a nossa cultura tem esta marca de dissociar tudo né?</p> <p>Part_1 Faia: Então entra em educação ambiental experiência direta, entra contos, entra todo um trabalho do imaginário também, de gerar imagens internas que nutram essa sensação de conexão, o que é bem forte na pedagogia dos índios, o contar histórias, isto ser estruturador também. Então esta conexão da educação ambiental com a espiritualidade, a espiritualidade não em um sentido religioso, mas neste sentido de ver com profundidade, da sensação de estar ligado.</p>

Fonte: elaborado pela autora (2017).

Nesta categoria de análise ao observarmos o gráfico Árvore Máxima, a palavra central **então** aparece neste contexto como uma palavra de ligação apenas, sendo a palavra **olhar, sustentar e indígena** as que realmente tem relevância nos discursos de todos os entrevistados

quando o tema é a visão que a escola tem sobre sustentabilidade. No gráfico do **Part_7 Olmo**, o tema sustentabilidade aparece a partir da palavra **aprender**.

A interpretação dos dados obtidos será realizada à luz dos conceitos teóricos trabalhados nos itens 3.4 (Visão e contribuições do budismo à educação), e 3.5 (Visão de sustentabilidade e educação).

A ideia inicial do projeto seria conhecer a proposta pedagógica da escola, suas contribuições a educação e sociedade, poder compreender se a escola tinha um olhar para a transdisciplinaridade e como que isto se articulava, o que se considera ter alcançado. A grande surpresa foi descobrir no percurso da pesquisa, o quanto o eixo da sustentabilidade é central na escola. Imaginava-se que a escola preconizasse em sua prática cuidados com o meio ambiente, mas a forma como os entrevistados trouxeram em suas falas como a escola compreende a sustentabilidade surpreendeu, pois foi considerado por todos o eixo mais importante a ser trabalhado e que está sempre presente.

Assim justifica-se que esta categoria acaba sendo considerada pela pesquisadora também como importantíssima de acordo com os objetivos deste estudo e como contribuinte para o aprofundamento das discussões no PPGCA da UNESCO sobre a importância e as contribuições que a educação traz na discussão sobre sustentabilidade e sociedade.

Na interpretação dos dados desta categoria a pesquisadora tomará a liberdade de unir aos conceitos teóricos trabalhados, falas trazidas dos entrevistados, dados coletados pelo IRAMUTEQ, narrativas com suas percepções, e alguns registros fotográficos para ilustração.

A Escola Caminho do Meio foi construída no meio de um bosque, numa área rural do município de Viamão RS, dentro de uma comunidade. Por encontrar-se dentro de um bosque, cercada de uma natureza que ainda comporta boa área de mata nativa preservada, naturalmente convida ao contato e a contemplação da natureza.

Quando cheguei pela primeira vez na escola, senti-me abraçada pela natureza e encantada com as áreas externas aos prédios, fiquei imaginando o quanto estas, deveriam convidar as crianças para brincar e o tanto que deveria ter para ser explorado.

Figura 26 - A praça da Figueira e o seu parque



Fonte: acervo da autora (2016).

A escola realmente conforme a fala de todos os entrevistados encontra-se num lugar privilegiado onde o olhar do homem sempre está mirando a natureza ela cerca toda a escola e inclusive o verde cobre os telhados das salas de aula. Conforme nos coloca **Part_3 Cipreste Marrom**: “Esta relação está sendo olhada o tempo inteiro pois a escola se encontra em um lugar privilegiado num bosque que é uma floresta, dentro de uma comunidade onde tem muitas áreas preservadas.”

Figura 27 - Entrada Escola Caminho do Meio – Fundamental. O bosque no seu entorno.



Fonte: acervo da autora (2016).

Pode-se colocar que as crianças estudam imersas em uma cultura de sustentabilidade, para a **Part_6 Aveleira**: “as crianças veem aqui, que onde as pessoas moram elas plantam árvores, plantam hortas, tem composteiras pra todos os lugares, então isto está pulsando”.

Observa-se na escola e no seu ambiente de entorno que se opera através de uma outra racionalidade, conforme Leff (2001) aponta como uma racionalidade social. A proposta das pessoas que vivem no entorno da escola, é viver de uma forma comunitária, todos são responsáveis por todos os espaços. Nisso já reside uma lógica diferenciada que também é considerado desenvolvimento sustentável. Esta racionalidade não é aquela que dissocia, e separa razão de sentimentos e homem da natureza e sim uma racionalidade que procura incluir todos os seres e ver o bem comum.

Este tipo de racionalidade está muito presente no dia a dia da escola e na comunidade, materializada através de algumas intervenções nos espaços físicos e em práticas realizadas pelos professores junto aos alunos como veremos nos relatos e fotos a seguir.

Para o entrevistado **Part_7 Olmo**:

[...] essa conexão com a natureza ela está diretamente permeando toda a nossa atividade, por exemplo, as crianças aprendem compostagem eles plantam, eles aprendem a importância de cada uma, não vou dizer de todas as plantas que a gente usa ou se alimenta, mas elas estudam plantas específicas.

Part_5 Cipreste Verde: “[...] é uma mãe que faz o manejo da composteira, que criou a composteira com eles isto no jardim, depois tem outros desdobramentos no ensino fundamental.”

Figura 28 - As folhas vão para a composteira



Fonte: Escola Caminho do Meio (s.d.).

No dia a dia todo o lixo orgânico e as folhas do bosque vão para as composteiras, já existem várias na escola e muitas já viraram canteiros. Todas são cuidadas pelos professores, alunos e pais. A seguinte fala coloca como este processo se dá na rotina da escola: **Part_5 Cipreste Verde**: “O uso que a gente faz da água, dos materiais, o manejo da terra, a gente varre as folhas do pátio, recolhe elas, cobrem com as folhas as coisas na composteira.” Complementa-se com a fala da **Part_6 Aveleira**:

[...] houveram algumas podas no bosque da escola, e foi um pai que fez e ele veio explicar para as crianças, foi separando as madeiras as verdes das secas, explicou como ir organizando como que se faz esta poda. [...] Por exemplo o meu grupo de alunos desde o ano passado a gente faz **composteira**, toda a matéria orgânica do lanche vira composto, então vira húmus. Hoje a gente já tem várias composteiras pela escola, tem algumas que já estão virando canteiros.

Figura 29 - Os canteiros da Escola



Fonte: Blog da Escola Caminho do Meio (s.d.).

Figura 30 - Manejo do bosque da Escola.



Fonte: Escola Caminho do Meio (s.d.).

Estas atividades geram reflexões e atitudes de cuidado diferenciadas com os espaços da escola, trazendo uma nova racionalidade e o aprendizado de que nossas ações são importantes na preservação do ambiente que vivemos. A relação com a natureza aqui presenciada não como se esta fosse uma externalidade, ou algo que se pode usar, e que não tenha fim. É pensando em sua finitude que precisamos estabelecer estas relações de cuidado. Também cuidar do ambiente e da Terra é compreender os seus ciclos e o seu tempo. Estes aprendizados são muito importantes conforme Leff nos aponta:

Os princípios e valores ambientais promovidos por uma pedagogia do ambiente devem enriquecer-se com uma pedagogia da complexidade, que induza nos educandos uma visão da multicausalidade e das inter-relações dos diferentes processos que integram seu modo de vida nas diferentes etapas de desenvolvimento psicogenético; que gere um pensamento crítico e criativo baseado em novas capacidades cognitivas. (LEFF, 2001, p.243)

Segundo **Part_6 Aveleira**, sobre saber esperar o tempo da Terra:

A gente plantou batata yacon na frente da nossa sala fazem uns dois meses e elas estão com as folhas brotando e é bem lindo de ver esta relação deles quando dizem: Ah, **olha** aqui esta que eu plantei? **Olha** a que você plantou? Nós vamos colher daqui um ano ou um pouco mais. Elas que vão nos dizer quando então. Esta sensibilização a gente tem pensado muito nisso. A **gente** tem plantado com as crianças com assessoria de quem entende e a **gente** vai colher só daqui há um ano e tá tudo bem!

Figura 31 - Plantação de batata yacon



Fonte: Facebook da Escola Caminho do Meio (2016).

Figura 32 - E a batata yacon está crescendo



Fonte: Facebook da Escola Caminho do Meio (2016).

Estas novas capacidades cognitivas que o autor nos fala, realmente são os novos percursos do que precisamos realizar na educação das gerações de agora e futuras, são os aprendizados realmente pertinentes de serem feitos. Quando pensamos em aprendizados pertinentes, estamos de acordo com o que Leff coloca, pensando em desenvolvimento social e sustentabilidade, de conhecimentos que resgatem o verdadeiro valor que a natureza tem em nossas vidas. Aqui trago novamente uma citação do autor que se encontra no referencial teórico no item 3.5:

[...] para que as populações possam apropriar-se de seu ambiente como uma fonte de riqueza econômica, de prazer estético e de novos sentidos de civilização; de um mundo onde todos os indivíduos, as comunidades e as nações vivam irmanados em laços de solidariedade e harmonia com a natureza. (LEFF, 2001, p. 252)

Figura 33 - Curtindo um solzinho e aprendendo com e na natureza



Fonte: Blog da Escola Caminho do Meio (2016).

Neste sentido já com as crianças menores a compreensão da sustentabilidade se dá através dos processos diários vivenciados. Os processos estariam relacionados com os ciclos que fazem parte da vida,

como início, meio e fim e também os ciclos das nossas relações como um todo. A fala da **Part_5 Cipreste Verde** contextualiza esta visão:

No jardim, na educação infantil, também maternal, a sustentabilidade ela é trazida para as crianças na vivência dos processos, essencialmente são os processos, então assim, ela trata de questões da natureza, da relação com a natureza, do cuidado com o lixo. [...]esta noção de interdependência e da noção de processos, que as coisas têm início, meio e fim. Que as coisas nascem, se desenvolvem, morrem e se transformam assim, que elas não somem da vida. [...]daí, por exemplo, tem um professor ele foi embora e nunca mais apareceu, como? Daí a gente vai lá, vai saber, convida este professor um dia pra voltar. O que acontece? Sempre procurando trazer para as crianças esta noção de processo, este cuidado. [...]é quase como passar para as crianças que não é jogar o lixo fora, na verdade não existe o fora, não existe este fora e as crianças já em pequenos detalhes vão entendendo que todas as suas ações tem uma causalidade, todas as ações vão ter, e vai pra onde? E acontece o quê?

A fala de **Cipreste Verde** traz elementos riquíssimos e coloca a visão de inseparatividade de uma forma humana e compreensível para as crianças, através das próprias relações que estas estabelecem não só com as coisas, a natureza mas antes de tudo com o outro também, o que nos faz lembrar segundo os princípios budistas do Buda amarelo, que representa a sabedoria da igualdade. Seria a sabedoria de me alegrar com a alegria com outro. O que eu faço para o outro seria igual ao que eu faço pra mim. Aqui também entraria a lógica da inseparatividade. Então o que acontece ao outro e a natureza também acontece a mim. Mostrar e vivenciar esta sabedoria junto as crianças tem muita relação com o que Gadotti nos traz em sua pedagogia da Terra quando nos fala da utopia da solidariedade e da compaixão.

Figura 34 - Sistema Agrofloresta



Fonte: Facebook da Escola Caminho do Meio (2016).

Gadotti encontra ressonância nas palavras de Francisco Gutiérrez, que traz algumas chaves pedagógicas importantes para se pensar em uma pedagogia da sustentabilidade e que melhor explicitam a utopia da compaixão e da solidariedade e que fazem eco com a sabedoria da igualdade. Gutiérrez nos fala da busca da congruência harmônica no nosso viver e nos fala do resgate do elo emocional que nos une enquanto seres humanos e enquanto seres humanos com relação a natureza. A dimensão emocional humana pouco figura e tem espaço nas pedagogias, e por vezes é rechaçada e ridicularizada. Quem rechaça ou deixa de lado, ignora que é através do estabelecimento do elo ou vínculo emocional, que se estabelece por exemplo a nossa capacidade de deslumbramento, de nos emocionarmos e de desenvolvermos ternura.

Como desenvolver compaixão e ternura pela Terra, como ensinar isto as crianças?

Consideramos que o trabalho realizado na Escola Caminho do Meio desenvolve e ensina estas dimensões as crianças, onde na fala de Cipreste Verde vemos a questão da sustentabilidade apresentada, não como um conceito econômico, ou discurso ecológico, mas como uma condição humana também. Neste sentido a escola caminha conforme Gadotti rumo a uma ecoformação das crianças, onde podemos ver através das falas dos entrevistados relações com alguns princípios da ecopedagogia ou pedagogia da Terra.

No sentido de ensinar a compaixão e ternura como por exemplo nas falas que seguem abaixo sobre como e em que a escola tem se apoiado para ensinar este olhar para as crianças:

Bem o nosso olhar, neste sentido está muito conectado com a permacultura que também traz estas frases: A relação consigo. A relação com o outro e a relação com o meio. Esta visão está super dentro do referencial pedagógico da escola e daí é como se a sustentabilidade, fosse este olhar pro universo (**Part_1 Faia**).

Figura 35 - Relação comigo, com o outro e com o meio



Fonte: Blog da Escola Caminho do Meio (2016).

Então uma abordagem que também tem nos influenciado muito é a abordagem dos povos tradicionais, dos povos indígenas, pois quando eles falam se sujar a água vai ser mal pra nós, isto não é utilitário, eles conseguem entender que eles são inseparáveis, aquilo é muito arraigado neles. [...] as crianças elas ainda tem a experiência de integração e isto vai se perdendo com o nosso processo de socialização, que a nossa cultura tem esta marca de dissociar tudo né? (**Part_2 Plátano**)

A busca pelo referencial dos povos tradicionais aparece nas falas de todos os entrevistados como um caminho a conhecer e estudar, pois estes têm muito a ensinar sobre como viver em harmonia e respeito com a Terra e também em como desenvolver o espírito de devoção pela Terra. Que aqui compreende-se como desenvolver o amor e a compaixão pela Terra.

Gadotti (2003) coloca que nos ensinamentos de Gutiérrez sobre educação e desenvolvimento sustentável, este propõe uma revisão nos conceitos introduzidos na cultura ocidental que fragmentaram e reduziram o olhar do homem com relação a Terra ao pensamento de algo a ser conquistado, possuído e sendo um ser inanimado. No caso do Brasil, parece que ficamos com a marca deixada do período do império, que deixou uma marca e fundou um tempo de relação com a natureza de exploração e expropriação, muito diferente da realidade de quando os povos tradicionais aqui viviam, no caso os índios. A dimensão da Terra como um ente sagrado foi quebrada.

Os povos indígenas e outros povos tradicionais, tem muito a ensinar quando se fala de respeitar a Terra. Gadotti nos traz um exemplo de aprendizado dos maias e dos nossos índios Guaranis:

Ao invés de agredir a terra para “cultivá-la” (ou seja cultuá-la), eles fazem uma cerimônia religiosa na qual pedem perdão a Mãe-Terra por agredi-la com o arado para dela tirarem o sustento. Como afirmou o índio guarani Antônio Carlos Karaí-Mirim, no, do Centro de Cultura Indígena Guarany Ambá-Arandú de São Paulo, “os povos naturais do Continente Americano (amerígenas/ameríncolas) seguem um desenvolvimento cultural tradicional milenar, tendo como premissas o respeito profundo à harmonização dos Ecossistemas nos reinos da vida” (IPF, 1999, p.18). Os povos e as nações

indígenas têm muito a ensinar no que diz respeito à pedagogia da Terra. (GADOTTI, 2003, p. 63)

São destes aprendizados e desta visão sobre a Terra que os entrevistados da escola falam, e sobre os quais querem aprender. Deste amor, respeito e devoção dos povos tradicionais com a Terra, inclusive considerando e chamando-a de Mãe.

Assim a **Part_6 Aveleira** nos fala:

Então a forma como os indígenas foram manejando a floresta possibilitaram ela ser a floresta, e a permacultura e a agrofloresta bebem desta fonte dos povos originais. Os indígenas também são nossa bibliografia de estudo porque a gente precisa se inspirar por este olhar que é bem mais conectado.

Então entra em educação ambiental experiência direta, entra contos, entra todo um trabalho do imaginário também, de gerar imagens internas que nutram essa sensação de conexão, o que é bem forte na pedagogia dos índios, o contar histórias, isto ser estruturador também. Então esta conexão da educação ambiental com a espiritualidade, a espiritualidade não em um sentido religioso, mas neste sentido de ver com profundidade, da sensação de estar ligado (**Part_1 Faia**)

É pertinente a colaboração de Boff (2004) com esta visão, quando traz para a discussão a necessidade de um novo relacionamento do homem com a Terra, que seria o sentido de cidadania planetária, também mencionado por Gadotti na pedagogia da Terra. Seria poder olhar para a Terra como um organismo realmente vivo, onde os currículos deveriam ultrapassar a dicotomia entre o que é humano e o que não é humano. Boff nos faz refletir que precisamos educar o sentir e o pensar em uma compreensão holística dos processos que envolvem a vida. Para tanto ele cita que é necessário o homem desenvolver algumas capacidades que os povos tradicionais tão bem dominavam e deixavam-se orientar por estas. Dentre as capacidades elencaremos algumas, trazidas no item 3.5 deste estudo: capacidades de sentir, intuir, vibrar emocionalmente (emocionar); relacionar interconectar-se e auto-organizar-se; buscar causas e prever consequências; pensar holisticamente.

As capacidades citadas por Boff tem consonância direta com os discursos dos entrevistados e bem explica os aprendizados que eles acham necessários e querem realizar com as crianças na escola.

Já Morin (2000) nos fala sobre a importância de se ensinar a identidade terrena, como um dos ensinamentos importantes para a educação do futuro. Para que se compreenda esta identidade, necessita-se de um pensamento aberto e consciente de que talvez, para que possamos responder a algumas questões precisaremos de um pensamento policêntrico, ou seja, um pensamento que venha a ser construído pelas culturas do mundo. As diferentes culturas têm muito a dialogar e aprender uma com as outras. Importante seria celebrar estas diferenças e aprender através destas. Quem sabe poder chegar a construção de uma sabedoria de saber viver juntos, apesar das diferenças, o que Morin chama de simbiosofia. Reconhecer também que enquanto seres humanos temos como o autor coloca um destino comum e problemas comuns a serem resolvidos, dentre tantos a ameaça ecológica e a degradação da vida planetária.

Assim compreender que temos muito a aprender com os povos tradicionais torna-se natural, principalmente aprender com sobre o respeito pela natureza e pela Terra mantidos até hoje em muitas culturas.

Sobre a dimensão de respeito associada a sustentabilidade o **Part_7 Olmo** coloca:

[...] então na sustentabilidade a gente poderia usar a palavra respeito e apreciação pelos outros seres, daí na sabedoria da causalidade a gente sabe que quando faz uma ação esta produz resultados, então é super importante entender a causalidade. [...] então se a gente vai entender as plantas os animais a gente precisa da sabedoria do espelho na sabedoria da igualdade a gente se alegra com aquilo que está ocorrendo de bom com o outro então a sustentabilidade também inclui isto. [...] A palavra sustentabilidade ela fica um pouco estreita, porque está pensando apenas em sustentar, parece que é uma obrigação que a gente tem. Mas aqui a gente se alegra com os seres e a gente apreciando eles no mundo deles a nossa ação já é uma ação de respeito. [...] Todas as sabedorias elas acabam se refletindo na questão da sustentabilidade.

As sabedorias budistas aqui auxiliariam os professores e as crianças à moverem-se em direção a práticas, aprendizados e vivência sobre a sustentabilidade a partir da escola.

Também na fala de Olmo, fica claro que o eixo da sustentabilidade, que está na sabedoria da causalidade, é central na proposta da escola, as sabedorias vem oferecer meios para as pessoas “caminharem da melhor forma do mundo”, parafraseando o Lama Padma Samten.

Plátano também traz uma fala muito interessante sobre a sustentabilidade ser um eixo importante para a escola, e que esta olha constantemente este eixo. Considerando inclusive este eixo ou princípio, o mais importante: **Part_2 Plátano:**

[...] mas a questão da sustentabilidade está na visão ampla da escola no momento que a gente tem preocupação que se retome esta relação com a natureza como uma coisa orgânica, que já foi em algum momento da humanidade, e que agora encontra-se perdida. De forma mais ampla, esse é o nosso diferencial a sustentabilidade de uma forma que vá entrar no coração das crianças, pois tem a ver com mundo interno, e a inseparatividade. O eixo da sustentabilidade está perpassando o tempo todo, a gente só separa pra dar uma ênfase naquele lugar pra fins didáticos mesmo, de como organizar o conhecimento, mas isto não significa que no primeiro bimestre eu não vou poder olhar pra isto. Sustentabilidade serve pra tudo! Eu tenho muita conexão com este eixo, pra mim não precisava dos outros eixos pois está tudo neste eixo.

A sustentabilidade na concepção pedagógica da escola estaria relacionada a sabedoria da causalidade, ao buda verde, que fala da causa e dos efeitos das nossas ações. Lembrando que para cada ação proferida, tem uma reação. Então se tivermos ações boas e positivas estaremos deixando “marcas” positivas no mundo, caso contrário as “marcas” serão negativas.

Conforme Senna (2015) falando sobre este olhar da escola:

A inserção na natureza, a experiência do belo no mundo e o tempo da experimentação direta constituem-se como componentes importantes

para o despontar de uma ética ambiental que surge como uma descoberta vivencial, livre e autônoma do próprio sujeito (CORNELL, 2005). Cabe à escola criar as condições que facilitem esse processo do aluno sobre si mesmo. [...] A educação em contato direto com a natureza procura respeitar seus ciclos e ritmos, alinhar o tempo humano com o tempo natural, harmonizando o cotidiano com o ritmo solar diário, conhecendo e vivenciando as estações do ano, os ciclos lunares e a associação sócio-histórica dos ciclos culturais com os ciclos naturais, visível nas festas anuais do calendário cultural brasileiro.

Nesta fala de Senna vê-se a proposta da escola e de importante elementos que compõem a Pedagogia da Mandala, uma pedagogia que relaciona as sabedorias, princípios, elementos da natureza. Todos estes elementos dialogam e compõem esta proposta, tornando esta uma pedagogia viva, ou como nos diz a autora, que pulsa através dos ritmos da vida e do cotidiano em que a escola está inserida. Uma pedagogia que através do princípio da sustentabilidade: “[...] traz a experiência direta de sermos inseparáveis da natureza, oferecendo uma ecologia humana significativa e cultivando um pensamento científico que seja, ao mesmo tempo, ético e afetivo”. (SENNA, 2015, s.p.).

Figura 36 - Aprendendo e vivenciado os ciclos da natureza



Fonte: Blog da Escola Caminho do Meio (s.d.).

A escola na temática sustentabilidade muito tem a ensinar e oferecer através dos conceitos já apresentados, e, não poderia deixar de destacar aqui como em seu planejamento anual aparece o trabalho com a sabedoria da causalidade e como, neste plano, esta se articula. Esta sabedoria é trabalhada no quarto bimestre do ano letivo, onde a estação do ano é a primavera, o elemento da natureza relacionado a esta sabedoria é o ar, o princípio norteador é a sustentabilidade e a festa é a festa da primavera.

Figura 37 - Atividade referente a primavera



Fonte: Escola Caminho do Meio (s.d.).

Sobre a sabedoria da causalidade, como já colocado, vem ensinar sobre nossas ações e reações. Assim na primavera existem fortes ventos, que vem fazer, como se fosse uma poda natural nas plantas e também espalhar as sementes, o que se considera uma ação positiva, pois mais tarde colheremos as frutas gostosas que um dia foram a sementes que o vento “soprou.”

Figura 38 - Festa da Primavera de 2016.



Fonte: Escola Caminho do Meio (2016).

Figura 39 - O Lama na Festa da Primavera – 2016.



Fonte: Escola Caminho do Meio (2016).

O caminhar com sentido, como coloca Gadotti seria uma chave importante a ser acionada pela educação que se propõe a cuidar da Terra e. O sentido aqui relacionado com a tomada de consciência de que somos parte da Terra e que esta é um ser vivo e que também é uma única comunidade. Este seria o desenvolvimento necessário e urgente que precisamos fazer enquanto “filhos” que habitam e dependem da Mãe-Terra.

A educação tem um papel fundamental na fundação deste novo olhar e parece que o paradigma proposto por Gadotti, da Terra como única comunidade, apontam este como um caminho interessante e importante de ser apropriado pela escola. Deve ser sim, a escola também um lugar de se pensar e construir possibilidades de respostas ao quadro de insustentabilidade que o homem estabeleceu entre ele, a natureza e com o planeta. Onde reestabelecer o equilíbrio nas relações e inter-relações seria o caminho para o estabelecimento da sustentabilidade e de um desenvolvimento sustentável.

A visão de sustentabilidade na escola Caminho do Meio permeia praticamente todas as suas atividades desenvolvidas, sendo considerado o eixo mais importante pelos entrevistados. A sustentabilidade aparece quando se busca educar de forma integral a criança, onde existe a inseparabilidade do mundo interno e externo, do dentro e do fora.

Outra contribuição a discussão da sustentabilidade que a escola proporcionou, foi a de que ensinar a criança sobre o que é sustentabilidade não pode acontecer somente de forma teórica, não adianta educar para alguma coisa se esta coisa não é vivenciada através do cotidiano. A sustentabilidade pulsa no cotidiano escolar. O educar para a sustentabilidade também ocorre na escola através da vivência dos processos naturais da vida, que ocorrem nas relações entre as pessoas e também da observação destes processos através da natureza. Na escola são vivenciados estes processos através dos cuidados realizados com o entorno natural dos prédios da escola como: podas das árvores, manejo do bosque da escola, construção de composteiras, canteiros sendo construídos onde antes haviam as composteiras, plantação de plantas e alimentos. Além do entorno da escola conforme Olmo nos colocou tem toda a comunidade no entorno da escola e da qual esta faz parte onde as crianças olham no dia a dia constantemente estes cuidados sendo realizados.

Como contribuição também a temática da sustentabilidade a Escola Caminho do Meio tem realizado seu trabalho de educar para a sustentabilidade, de forma muito genuína, através do trabalho com as

sabedorias budistas, que oferecem um mapa de como transitar de forma mais consciente pelo mundo.

E por fim a escola também compreende ser necessário o diálogo com os povos tradicionais para que se aprenda como estes viveram e ainda vivem de forma harmoniosa e respeitosa com a natureza. Também aprender a ter o olhar conectado que estes povos têm com relação a Terra, que permitem o surgimento do sentido de sagrado nesta relação. Conforme Plátano poder aprender a recuperar o olhar para a natureza como uma coisa orgânica (viva) que um dia a humanidade já teve, mas que hoje se perdeu.

Aprender por este olhar dos indígenas, conforme **Part_1 Faia**: “[...] esta conexão da educação ambiental com a espiritualidade, a espiritualidade não em um sentido religioso, mas neste sentido de ver com profundidade, da sensação de estar ligado, enfim este sentimento de devoção”.

Figura 40 - Cuidando e amando a Terra



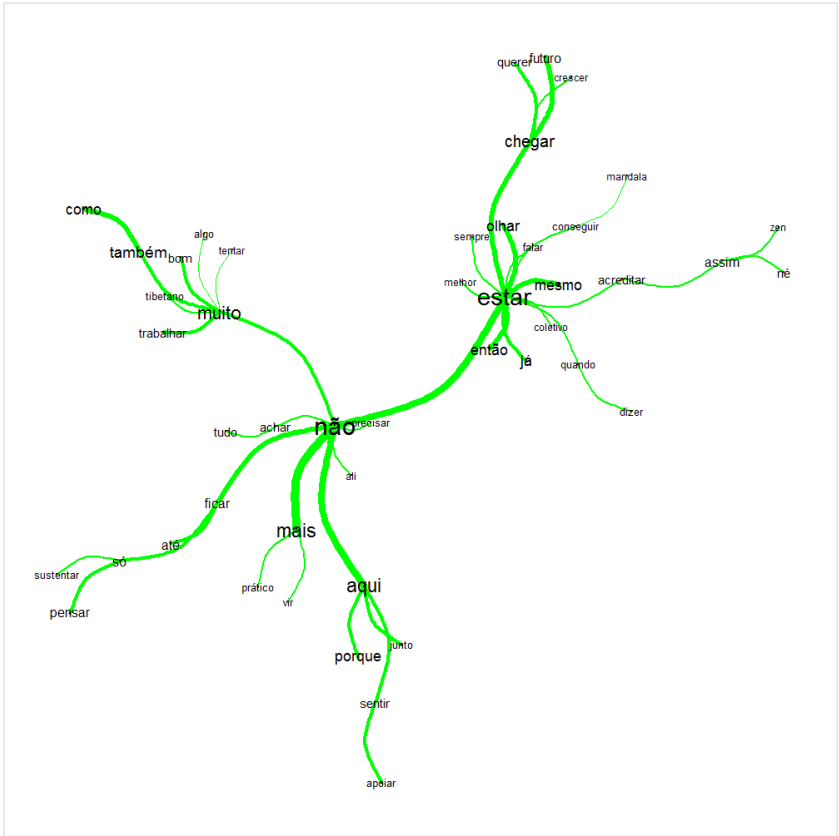
Fonte: Escola Caminho do Meio (2016).

Nosso sonho é fazer da escola uma oportunidade para encontros, trocas e aprendizados conjuntos, pautados em valores positivos e um modo de vida mais fraterno e sustentável. Nesse contexto, a

educação das crianças se torna um convite para a auto-educação permanente dos adultos. Olhamos assim cada criança como um ser que vem nos ensinar, e nos convida a sonhar com um mundo melhor. (ESCOLA CAMINHO DO MEIO, (s.d.b).

5.4 RESULTADOS DA CATEGORIA VIFUT: VISÃO DE FUTURO DA ESCOLA

Gráfico 4 - Árvore Máxima VIFUT



Fonte: elaborado pela autora (2017).

5.4.1 Vocabulários VIFUT– Visão de Futuro da Escola

Quadro 10 - VIFUT

PALAVRAS CHAVES	RESGATE DO DISCURSO DOS ENTREVISTADOS PELO MÉTODO CHD E POR ESCOLHA DA PESQUISADORA
ESCOLA	<p>Part_4 Castanheira: [...] a escola acaba sendo este lugar de prática que a gente vai ampliando mesmo pelo coletivo, e pra que se instaure no coletivo.</p> <p>Part_2 Plátano: [...] que a escola se fale por ela mesma, pela forma como nós estamos organizando as coisas, que tudo tenha muita coerência e a gente está fazendo muito esforço pra isto.</p> <p>Part_2 Plátano: Isto é o meu sonho, quando a escola manifestar no físico todo o coração dela, a gente estará num bom lugar. Não é que não vá se fazer mais, mas a escola já estará num bom lugar.</p> <p>Part_5 Cipreste Verde: [...] hoje a escola chegou em um momento bem bonito da sua trajetória onde a gente está cada vez mais conseguindo sustentar a prática. Chegou em um momento que a gente consegue compartilhar, convidar outras pessoas pra virem aqui ver como estamos trabalhando. A gente faz assessoria com outras escolas, a gente está conseguindo compartilhar estes saberes que a gente está juntos sistematizando aqui.</p>
CHEGAR	<p>Part_2 Plátano: [...] visão de futuro da escola, o Lama quer chegar até a universidade. Eu relaxo, acho lindo, mas não fico pensando nisto pois eu faço esta parte daqui da educação infantil onde tudo começa onde as crianças entram.</p> <p>Part_4 Castanheira: Visão de futuro da escola a gente fala, e eu penso sozinha, também eu sonho que a escola chegue no ensino médio, que cresça neste ponto, mas ao mesmo tempo não cresça muito em quantidade de alunos.</p> <p>Part_2 Plátano: [...] nós queremos ter uma excelência de aprendizado mas de uma maneira que não desintegre as crianças que elas não pensem uma coisa, sintam outra e ajam de outra forma, mas que elas consigam ter este desenvolvimento mais inteiro e que principalmente que elas possam ser seres humanos autônomos.</p> <p>Part_5 Cipreste Verde: [...] a escola quer chegar na universidade pois ela vai crescendo na medida em que as crianças vão crescendo. Chegou o momento que as crianças do jardim iam para o primeiro ano e todo mundo olhou elas vão pra um primeiro ano aonde? Então foi natural criar o fundamental.</p> <p>Part_3 Cipreste Marrom: visão de futuro da escola olha acredito que até a universidade mas isso não é porque é uma</p>

PALAVRAS CHAVES	RESGATE DO DISCURSO DOS ENTREVISTADOS PELO MÉTODO CHD E POR ESCOLHA DA PESQUISADORA
	<p>coisa que a gente visualiza a gente quer chegar lá, vai ser um processo natural assim.</p> <p>Part_1 Faia: A gente quer ser uma aldeia, este é o sonho de uma escola aldeia, uma escola descolarizada, uma escola inserida num movimento de comunidade. Que as crianças não estejam aprendendo só com seus educadores de referência, mas com os adultos que cercam ao redor, que a gente consiga ir gerando este ambiente junto com a própria comunidade, ir amadurecendo assim nesta direção. Que realmente a educação não se restrinja as paredes da sala. Eu sinto que a gente está num bom ponto mas que a gente pode avançar mais nesta direção.</p> <p>Part_4 Castanheira: Que o que se faz aqui toque à todos. Algo mais material não me vêm no momento. Que todos os movimentos da escola possam ser de benefício.</p> <p>Part_2 Plátano: O que eu tenho de sonho? O que eu aspiro de melhor? Aquilo que eu observei na escola Waldorf, não que aqui seja uma escola Waldorf, mas o que eu senti lá. Então quando as pessoas entrem na escola que a escola diga pra eles coisas o tempo todo, a gente não precisa ficar dizendo, mas que a escola se fale por ela mesma pela forma como nós estamos organizando as coisas, pelo o que está pendurado. Que tudo tenha muita coerência. [...]. A nossa mandala é uma mandala nova, a gente precisa amadurecer esta mandala né? Ornamentar esta mandala.</p> <p>Part_1 Faia: A gente sai da escola pronto pra fazer uma prova, a gente sai muito especializado e muito dependente de outras especialidades, então se a gente conseguir formar seres humanos mais aptos, de forma mais ampla pra cuidar da sua alimentação, pra aprender o impacto que a sua alimentação tem no seu corpo, pra entender o impacto que seus hábitos tem sobre sua saúde, o impacto que a sua saúde tem de trazer benefícios pros outros, coisas simples, muito simples e que a gente não vê na educação tradicional.</p> <p>Part_2 Plátano: A gente está conseguindo compartilhar estes saberes que a gente está juntos sistematizando aqui, mas a sensação é que a gente está sempre aprendendo, nunca está finalizada, a gente não chegou, ela está indo.</p>

Fonte: elaborado pela autora (2017).

Esta categoria foi acrescentada conforme já colocado nos procedimentos metodológicos não com intuito de interpretação dos dados obtidos desta. A intenção de perguntar aos entrevistados o que estes visualizam para o futuro da escola, até onde estes pensam que a escola pode chegar caminha apenas no sentido de conhecer as utopias dos educadores. Que conforme Gadotti (2003) parafraseando Eduardo Galeano diz que as utopias servem para nos manter vivos e nos possibilitar o sonhar.

[...]toda a utopia, afirma Eduardo Galeano, não serve para nada; serve apenas para caminhar – para nos manter vivos, esperando, lutando, como dizia o “andarilho da utopia” Paulo Freire. Lutar por um mundo menos malvado, menos feio e mais justo [...] (GADOTTI, 2003, p. 61)

De forma geral todos os entrevistados querem ver a escola chegar bem longe, inclusive até a universidade. Conforme **Part_2 Plátano**: “[...] visão de futuro da escola, o Lama quer chegar até a universidade.”

Part_5 Cipreste Verde: “[...] a escola quer **chegar** na universidade pois ela vai crescendo na medida em que as crianças vão crescendo. **Chegou** o momento que as crianças do jardim iam para o primeiro ano e todo mundo olhou elas vão pra um primeiro ano aonde? Então foi natural criar o fundamental.”

Chegar longe sim mas sem perder a qualidade e os princípios da educação em formar cidadãos mais inteiros o que para a **Part_4 Castanheira**: “Visão de futuro da escola a gente fala, e eu penso sozinha, também eu sonho que a escola **chegue** no ensino médio, que cresça neste ponto, mas ao mesmo tempo não cresça muito em quantidade de alunos.”

Também se sonha com uma escola descolarizada, uma escola que faça parte do todo, que se possa aprender através de tudo e de todos.

A gente quer ser uma aldeia, este é o sonho de uma escola aldeia, uma escola descolarizada, uma escola inserida num movimento de comunidade. Que as crianças não estejam aprendendo só com seus educadores de referência, mas com os adultos que cercam ao redor, que a gente consiga ir gerando este ambiente junto com a própria comunidade, ir amadurecendo assim nesta direção. Que realmente a educação não se restrinja as paredes da sala. Eu sinto que a gente está num bom ponto mas que a

gente pode avançar mais nesta direção. (**Part_1 Faia**)

Também os entrevistados acreditam que a escola já chegou em um bom lugar, mas que deve a escola continuar na busca de tornar a Pedagogia da Mandala cada vez mais consistente e que se encontre cada vez mais coerência. O sonho de chegar em um ponto conforme **Part_2 Plátano**:

Então quando as pessoas entrem na escola que a escola diga pra eles coisas o tempo todo, a gente não precisa ficar dizendo, mas que a escola se fale por ela mesma pela forma como nós estamos organizando as coisas, pelo o que está pendurado. Que tudo tenha muita coerência. [...]. A nossa mandala é uma mandala nova, a gente precisa amadurecer esta mandala né? Ornamentar esta mandala.

Também a **Part_4 Castanheira** almeja que a escola possa gerar benefícios a todos os seres.

E por fim terminaremos com uma frase de **Part_2 Plátano**: “[...] mas a sensação é que a gente está sempre aprendendo, nunca está finalizada, a gente não chegou, ela está indo”.

Figura 41 – Professora e alunos na Escola Caminho do Meio



Fonte: Escola Caminho do Meio (2016).

PALAVRAS CHAVE

**RESGATE DO DISCURSO DOS
ENTREVISTADOS PELO MÉTODO
CHD E POR ESCOLHA DA
PESQUISADORA
Part 7 Olmo**

que estejamos num universo de diferentes abordagens e pensamentos e aquilo que achamos mais adequado vamos incorporando.

- No que diz respeito a linha pedagógica, ela curiosamente é igual a linha do CEBB (Centro de Estudos Budistas Bodisatva) é a mesma coisa, a gente pode pensar há isto não é possível num centro budista é uma coisa uma **escola** é outra?

- Um outro modo que a **gente** também descreve esse programa é a educação para a felicidade. Mas esta felicidade, ela seria a felicidade num sentido amplo, dentro das quatro qualidades incomensuráveis, e das seis perfeições, cinco sabedorias, e das quatro nobres verdades e do nobre caminho que o Buda descreve.

- [...] um ponto que eu considero importante é a compreensão da expressão avidia, porque avidia significa a incapacidade de ver. Eu acho que o budismo nos auxilia a ver que nós operamos sempre dentro de bolhas de **realidade**. Este eu considero um ponto crucial para educação budista, é a gente compreender que nós não estamos descrevendo uma **realidade** externa, nós estamos descrevendo uma **realidade** que não tem separação entre o aspecto interno e o aspecto externo. [...] tem o Ludwig Wittgenstein que estudou bem esta questão, Niels Bohr na física quântica, e o Escher na arte. Tem uma infinidade de artistas e filósofos, poetas e cientistas que trabalharam esta questão da inseparabilidade da **realidade** quanto uma unidade que abarca o que olha e o que é visto.

- [...] há uma separação direta entre observador que é considerado existente

PALAVRAS CHAVE	RESGATE DO DISCURSO DOS ENTREVISTADOS PELO MÉTODO CHD E POR ESCOLHA DA PESQUISADORA Part 7 Olmo
	<p>externamente de um modo autônomo e uma realidade também que é existente externamente de modo autônomo. Então este encontro parece que é o da objetividade científica, mas a objetividade científica é uma visão limitada, uma visão incapaz de dar conta por exemplo das mudanças cosmológicas das mudanças de modelo de realidade. Isto é um ponto importante, pois de modo geral, as escolas são instituições que apresentam a realidade desde uma perspectiva da filosofia natural quando as coisas são separadas os observadores são separados também.</p> <p>- [...] quando as coisas são separadas, os observadores são separados também. A gente até entende que este é um modo operativo interessante para treinar pessoas para cumprir funções em certos lugares, mas esta não é a visão mais elevada que nós podemos trabalhar. É uma visão operativa que talvez tenha explicação dentro de uma sociedade operativa que opera ligada a ações práticas e a um paradigma econômico. Mas nós vemos de uma forma mais ampla, e isto é inadequado, então a nossa escola vai trabalhar esta dimensão, ela vai considerar a dimensão de auidia. - A gente considera que a aldeia inteira é a escola mas aí dentro disto tem o aspecto formal da escola que precisa se relacionar com a legislação com as exigências do mundo mais amplo ao nosso redor, a escola cumpre este papel também.</p>
COMO MELHOR CAMINHAR PELO MUNDO (APRENDER)	<p>- [...] essa conexão com a natureza ela está diretamente permeando toda a nossa atividade, por exemplo, as crianças aprendem compostagem eles plantam, eles aprendem a importância de cada uma, não vou dizer de todas as plantas,</p>

PALAVRAS CHAVE	RESGATE DO DISCURSO DOS ENTREVISTADOS PELO MÉTODO CHD E POR ESCOLHA DA PESQUISADORA Part_7 Olmo
	<p>que a gente usa ou se alimenta mas elas estudam plantas específicas. Tem as hortas a gente trabalha nas hortas planta e colhe eles aprendem sobre os chás sobre as plantas comestíveis não comerciais eles tem aulas sobre isto caminham com as pessoas e aprendem a identificar as plantas.</p> <p>- [...] assim nós consideramos que não só as crianças são estudantes mas os próprios facilitadores e apropriada família e a comunidade eles também são estudantes todos nós estamos aprendendo a viver melhor e a andar de uma forma mais adequada no mundo.</p> <p>- As crianças aprendem a subir nas árvores. Aprendem o porquê que aquilo é podado, o que a gente faz com os galhos, eles vão aprendendo com tudo que ocorre na comunidade.</p> <p>- [...] nós temos uma quadra de esporte que agora nos reunimos nos finais de semana ou durante a semana, todo mundo joga os grandes os pequenos então tudo isso faz parte do processo de educação.</p>
VIFUT (ESTAR/COLLEGE)	<p>- [...] nós acreditamos que uma das etapas importantes da própria escola é chegar neste ponto do College.</p> <p>- Nós aspiramos que o College também gere um berçário de iniciativas que os jovens que passarem por ali e também aqueles que concluírem o ciclo médio eles tenham a possibilidade de aproveitar o que eles aprenderam de modo prático e desenvolver projetos.</p> <p>- Na visão da escola, ela busca como todas as escolas, ela busca formar pessoas pra viver um tipo de sociedade, um tipo de vida então esta formação que nós estamos estabelecendo ela é o embrião do College. - [...] a gente considera que isto é um currículo</p>

PALAVRAS CHAVE	RESGATE DO DISCURSO DOS ENTREVISTADOS PELO MÉTODO CHD E POR ESCOLHA DA PESQUISADORA Part 7 Olmo
	<p>para o College porque a nosso visão de mundo se mistura com a visão da escola, e a visão da escola se mistura com a visão de mundo.</p>
VISUST (APRENDER/ENTENDER)	<p>- [...] então na sustentabilidade a gente poderia usar a palavra respeito e apreciação pelos outros seres, daí na sabedoria da causalidade a gente sabe que quando faz uma ação esta produz resultados, então é super importante entender a causalidade.</p> <p>- [...] então se a gente vai entender as plantas os animais a gente precisa da sabedoria do espelho na sabedoria da igualdade a gente se alegra com aquilo que está ocorrendo de bom com o outro então a sustentabilidade também inclui isto.</p> <p>- As cinco sabedorias incluem entender o outro dentro do ambiente dele, dentro do mundo dele. Então se a gente vai entender as plantas, os animais a gente precisa da sabedoria do espelho. Na sabedoria da igualdade a gente se alegra com aquilo que está ocorrendo de bom com o outro, então a sustentabilidade também inclui isto</p> <p>- Eles olham os fluxos das águas, não só dentro da escola, mas muito dentro da escola e outro tanto pela própria comunidade, está sempre se trabalhando estas questões o tempo todo. As crianças entendem que a gente faz tratamento de esgotos, os efluentes, eles sabem o que é efluente negro e efluente cinza. Eles entendem estão dentro deste universo, estamos conversando sobre isto o tempo todo.</p> <p>- Tem as hortas a gente trabalha nas hortas, planta e colhe. - Para oferecer esta imersão no que a gente chamaria de sustentabilidade, é interessante a apropriação de tecnologias alternativas e outras concepções de como viver e isto se</p>

PALAVRAS CHAVE	RESGATE DO DISCURSO DOS ENTREVISTADOS PELO MÉTODO CHD E POR ESCOLHA DA PESQUISADORA Part_7 Olmo
	<p>reflete na arquitetura alimentação cuidados de saúde dentre outros.</p> <ul style="list-style-type: none"> - Eles observam os animais, aqui a gente tem alguns animais selvagens que aparecem que eles admiram e desenvolvem compaixão por eles também. - A palavra sustentabilidade ela fica um pouco estreita porque está pensando apenas em sustentar, parece que é uma obrigação que a gente tem. Mas aqui a gente se alegra com os seres e a gente apreciando eles no mundo deles a nossa ação já é uma ação de respeito. - Todas as sabedorias elas acabam se refletindo na questão da sustentabilidade.

Fonte: elaborado pela autora (2017).

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS E ENCAMINHAMENTOS

O estudo da proposta pedagógica da Escola Caminho do Meio e suas contribuições a uma educação e sociedade sustentáveis, foi de imensa riqueza tanto na reflexão do papel da escola na formação das crianças e por conseguinte da sociedade.

Gostaria de iniciar destacando que apesar da curta trajetória de existência da escola, completa nove anos em 2017, na busca por ser fiel aos seus princípios de educar a criança como um todo e para a felicidade, não teve receio, em se abrir para diferentes propostas e trocas de ideia com profissionais da área de educação, pais, procurando as contribuições necessárias para a construção da sua proposta pedagógica. Tendo para tanto estreitado o diálogo com a pedagogia de projetos, pedagogia Waldorf, Montessori e com a filosofia budista sistematizada pelo Lama Padma Samten, dando forma e nascimento a Pedagogia da Mandala.

Pode-se afirmar que estamos diante de uma pedagogia que caminha em sintonia com os modelos e as demandas socioambientais e sustentáveis do planeta. Desde o pensar da construção de uma pedagogia, que a equipe não considera que está pronta, fechada, que talvez não tenha um fim, e no dia a dia de suas atividades com as crianças, encontra consonância com muitas ideias expostas pelos documentos estudados, que apontam os princípios de uma educação transdisciplinar. Considera-se a proposta da escola como uma prática transformadora em educação.

As práticas transformadoras em educação, principalmente, pretendem trabalhar com os postulados de Edgar Morin, proferidos a partir de sua obra *Os sete saberes necessários a educação do futuro*, e das ideias de Delors, divulgadas nos quatro pilares necessários a educação no Séc. XXI, onde os autores postulam como emergente, uma pedagogia baseada na construção de conhecimentos transdisciplinares, considerando as relações indivíduo/sociedade/natureza. Conhecimentos capazes de formar as habilidades para o enfrentamento dos desafios e crises contemporâneos.

Considera-se que a Escola Caminho do Meio, através de sua Pedagogia da Mandala, apresenta as cinco sabedorias budistas, traduzidas através dos princípios: Integralidade, Diversidade, Conhecimento, Sustentabilidade, Criatividade e Sabedoria. Através das sabedorias se oferece uma mapa de como caminhar, construir habilidades em educação rumo a formação de um ser humano como um todo, capaz de construir estas habilidades supracitadas, e, principalmente de olhar para o mundo como um todo.

Conforme Sommerman; Mello; Barros (2002) a postura transdisciplinar é aquela atitude que busca dialogar para desenvolver uma capacidade de articular diferentes saberes, tão necessários quando temos que lidar com a realidade ou com o ser humano, compreendendo que estes tem multifacetos e mutirreferências.

O princípio da integralidade e a sabedoria do acolhimento, tem muito a contribuir para educação e a sociedade. Acolher, neste sentido, representaria compreender o outro da forma mais ampla possível. Acolher e educar a criança na Escola Caminho do Meio, seria compreender a inseparabilidade das dimensões: corporal, emocional (psíquica), mental (intelectual), sociocultural e espiritual. O que os entrevistados referem ser um método integrado.

A noção da inseparabilidade destas dimensões, seria reconhecer na educação também o espaço das subjetividades, numa linguagem budista, a importância do olhar e do trabalho com o mundo interno da criança e do educador. Onde a felicidade e o bem estar da criança, perpassariam por este olhar do todo. Somente através deste olhar é que a criança poderá caminhar de forma crítica e melhor se posicionar no mundo. Educar desta forma, é ensinar o respeito por si mesmo e pelos outros seres, ensinamentos oferecidos pela vivência das sabedorias do acolhimento e da sabedoria da igualdade. Não existe mais a divisão fora e dentro (mundo interno e mundo externo) e sim a coexistência de ambos.

Se a criança percebe que todos os seres tem seus desejos, necessidades, assim como ela tem, não existe a divisão entre o que é meu e o que é do outro. Vencendo-se aqui a dicotomia eu/outro/natureza/sociedade. Um aprendizado considerado fundamental para respostas positivas da sociedade rumo a um crescimento sustentável para todos.

Como consequência deste método mais integrado, desta visão de inseparabilidade apontados pela escola, é interessante trazer a contribuição do conceito budista da superação de avidya. Conforme trazido pelo Lama Padma Samten, avidya estaria relacionado a nossa incapacidade de ver a realidade de forma apropriada. O trabalho com o mundo interno traria a possibilidade de um olhar mais lúcido e conectado com a realidade. Quanto melhor e mais autonomia e intimidade a criança tem com seu mundo interno, de forma mais clara se relacionaria com o outro e com o mundo externo. Parafraseando o Lama Padma Samten, sair da “bolha de realidade” da ilusão da separação, tão importante para quebrar o paradigma civilizatório que separou, segregou e apartou o ser humano do contato real com as suas ações e consequências destas frente a natureza. É este olhar, que para o Lama Padma Samten, naturalmente

vai introduzindo a criança numa cultura de paz. Como se cria a compreensão do sentimento do que é bom para o indivíduo, este espontaneamente respeita e busca olhar o que é bom pra o outro, proporcionando ações positivas do ser humano no mundo.

Surge aqui uma lógica importante na formação ética e social da criança, pois se o que acontece comigo não está separado do externo, tudo que acontece ao outro e ao mundo externo acontece a mim também. Parece surgir um horizonte ético, que Gadotti fala em sua Pedagogia da Terra, uma utopia da solidariedade e da compaixão. Parece surgir uma esperança, e um caminho para o resgate do elo perdido, conforme Leff (2011), entre ser humano, sociedade e natureza. Este elo, seria o que nas falas dos entrevistados eles querem aprender com os povos tradicionais, principalmente com os indígenas. O olhar destes povos para a vida e para a natureza!

Conforme Faia: “[...] esta conexão da educação ambiental, com espiritualidade, a espiritualidade não em um sentido religioso, mas neste sentido de ver com profundidade, da sensação de estar ligado, enfim deste sentimento de devoção. Um olhar que soube levar a uma convivência amorosa, respeitosa e de equilíbrio com a Terra.” Onde a Terra é tratada pelos indígenas como uma mãe, a Mãe-Terra.

Estes povos tem muito a ensinar sobre a capacidade de desenvolver compaixão e ternura pela Terra. Enquanto humanidade perdemos este elo, esta conexão, com o todo. O afastamento da natureza, e seu tratamento como uma externalidade, o seu desmonte, o uso indevido dos recursos naturais, e a ilusão de que esta não teria fim, nos trouxe até aqui, ameaçando tanto nossa existência, quanto da própria natureza.

O elo emocional, entre os índios e a Terra, foi o que desenvolveu o respeito e o sentimento de pertencer e não estar separado da natureza. O vínculo emocional é o único capaz de estabelecer o sentimento de deslumbramento, emoção e ternura. Foi o que permitiu, a este povo chamar e considerar o nosso planeta como uma mãe, a Mãe-Terra. É deste olhar que os entrevistados falam, e, é este olhar que eles querem aprender, estudar e ensinar quanto se trata de sustentabilidade.

Conforme Boff (2004) a necessidade emergente de um novo relacionamento do ser humano com a natureza. De poder olhar para a Terra como realmente um organismo vivo, para tanto os currículos deveriam ultrapassar a dicotomia do que é humano e o que não é humano. Precisa-se educar o sentir e o pensar para tanto.

Morin, fala da importância de se educar para a identidade terrena e ensinar a identidade terrena as crianças. Que possamos construir conhecimentos e também responder aos desafios de nosso tempo histórico

com a troca de saberes entre os povos. Existem muitas culturas, temos que aprender a celebrar suas diferenças e também aprender com o diferente. Quem sabe, como nos diz o autor, aprender a viver juntos.

A escola Caminho do Meio, propõe uma pedagogia viva e que relaciona as sabedorias a princípios, elementos da natureza. Deste diálogo emerge um aprendizado significativo para as crianças e para os professores, pais e comunidade quando a temática é sustentabilidade. A escola oferece conforme Senna(2015) uma experiência direta no seu dia a dia, da inseparatividade do ser humano da natureza, pois educa imersa em uma cultura de sustentabilidade. A escola, fica em um bosque, que fica dentro de uma comunidade que procura viver a sustentabilidade. A sustentabilidade pulsa por todos os lados.

Uma contribuição importante, pois na escola não se educa a criança para algo que está “lá fora”, ou para uma realidade que não exista, ou como colocam os entrevistados, para algo artificial. Se educa a criança na vivência direta desta com o real. Então a escola pelo seu espaço físico e sua proposta, não educa para e sim na sustentabilidade. O que se considera fundamental nesta tomada de consciência, formação de um olhar lúcido, que somos a Terra.

Quanto ao colocado acima, Gadotti corrobora com a necessidade do caminhar com o sentido, como uma chave importante a ser acionada por uma educação que pretenda cuidar da Terra e trazer as transformações necessárias ao enfrentamento da crise planetária engendrada pela visão simplista e fragmentadora, que por tanto tempo imperou em nossa cultura e civilização ocidental.

A Escola Caminho do Meio e sua Pedagogia da Mandala, com certeza, ampliaram a discussão do tema sustentabilidade e fundamentam o importante papel que a escola e a educação tem nesta temática.

É com a esperança em uma educação diferenciada, que a pesquisadora une-se ao ideal de futuro da Escola Caminho do Meio. Uma escola descolarizada, que não se encerre nela mesma. Que seja aberta, onde se honrem aos movimentos da vida e as relações entre as pessoas. Uma escola em que se aprenda com todos e com o todo. Que olhe para o particular e singular e também para o coletivo. Uma escola aldeia, realmente comprometida e inserida na sua comunidade e atenta as suas belezas e demandas. Uma escola que eduque para ser, sentir, emocionar, pensar, criar, intuir e transcender. Dimensões estas fundamentais na busca de novas respostas e alternativas a sociedade.

Uma escola que seja capaz de sair das formas estreitas de “paisagens”, passando a construir novas e abrangentes “paisagens” nas mentes e corações das pessoas.

A mandala da Escola Caminho do Meio é nova, está amadurecendo. Desejo que ela cresça muito e atinja muitos seres. Que a equipe e os professores continuem construindo, ornamentando esta linda mandala.

Como encaminhamentos a partir desta dissertação, pretende-se:

- Dar continuidade aos estudos sobre propostas pedagógicas consideradas transformadoras e suas relações e contribuições a educação e sustentabilidade, talvez em um futuro doutorado.

- Fomentar, dentro do PPGCA-UNESC, o diálogo entre educação e a temática da sustentabilidade.

- Criar junto ao LABDSMA – Laboratório de Desenvolvimento Sociedade e Meio Ambiente-UNESC, um espaço permanente de debates, estudos e pesquisas nas temáticas: educação, transdisciplinaridade, sustentabilidade, propostas pedagógicas transformadoras.

REFERÊNCIAS

- ABREU JUNIOR, Laerthe. **Conhecimento Transdisciplinar: O Cenário Epistemológico da Complexidade**. Piracicaba: Ed. Unimep, 1996.
- ALLAN WALLACE: o cientista da consciência. Revista exame. Entrevista à Liane Alves. Revista Vida Simples. 2009. Disponível em: <<http://planetasustentavel.abril.com.br/noticia/atitude/meditacao-alan-wallace-monge-budismo-cientista-505341.shtml>>. Acesso em: 16 abr. 2016.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 71, 2011, 279 p.
- BOFF, Leonardo. **Ecologia: grito da terra, grito dos pobres**. Rio de Janeiro: Sextante, 2004. 319 p.
- BRANDÃO, Denis; CREMA, Roberto. **O Novo Paradigma Holístico**. Ciência, Filosofia, Arte e Mística. São Paulo: Summus, 1991.
- CAMARGO, Brígido V.; JUSTO, Ana Maria. **Tutorial para uso do software de análise textual IRAMUTEQ**. Laboratório de Psicologia Social da Comunicação e Cognição – LACCOS Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil, 2013. Disponível em: <<http://www.iramuteq.org/documentation/fichiers/tutoriel-en-portugais>>. Acesso em: 10 nov. 2016.
- CENTRO DE ESTUDOS BUDISTAS. **Imagens**. 2016. Disponível em <Www.cebb.org.br> Acesso em: 05 fev. 2017.
- CREMA, Roberto. Introdução à Visão Holística. Breve **Relato de Viagem do Velho ao Novo Paradigma**. São Paulo: Summus, 1989.
- DELORS, Jacques. **Educação: Um Tesouro a Descobrir** – Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o Século XXI. São Paulo: Cortez, 7a ed., 2012.
- _____. **Educação: Um Tesouro a Descobrir** – Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o Século XXI. Brasília: UNESCO, 2010. Disponível em:

<<http://unesdoc.unesco.org/images/0010/001095/109590por.pdf>>

Acesso em: 10 fev. 2017.

DICIONÁRIO de Símbolos. [s.d]. Disponível em:

<<https://www.dicionariodesimbolos.com.br/arvore/>>. Acesso em: 05 fev. 2017.

DREAMER, Oriah Mountain. **A dança**: acompanhando o ritmo do verdadeiro eu. Rio de Janeiro. Sextante, 2003.

ESCOLA CAMINHO DO MEIO. **Plano Anual**. [s.d.]a. Disponível em: <<https://escolacaminhodomeio.com.br/plano-anual/>>. Acesso em: 05 fev. 2017.

ESCOLA CAMINHO DO MEIO. **Quem somos**. [s.d.]b. Disponível em: <<https://escolacaminhodomeio.com.br/quem-somos/>>. Acesso em: 05 fev. 2017.

FREIRE, Paulo. In: Brandão, Carlos Rodrigues (Org.). Educador: vida e morte, São Paulo: Graal, s.d.

GADOTTI, Moacyr. **História das ideias pedagógicas**. São Paulo: Ática, 2003.

GONÇALVES, Hortência. **Manual de Metodologia da Pesquisa Científica**. São Paulo: Avercamp, 2005.

KADAMPA BUDDHISM. **A iluminação de buda**. [s.p.]. Disponível em: <<http://kadampa.org/pt-br/reference/a-iluminacao-de-buda>>. Acesso em: 05 fev. 2017.

KLEIN, Tatiana Rubim. **Formação docente na pedagogia da mandala**: contribuições do budismo para a educação. 2016. 50 f. TCC (Graduação) - Curso de Pedagogia, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2016.

LEFF, Enrique. **Saber Ambiental**: Sustentabilidade, racionalidade, complexidade, poder. Petrópolis. Ed. Vozes, 2001.

MORAES, Maria Cândida; NAVAS, Juan Miguel Batallero. Complexidade e Transdisciplinaridade em Educação: **Teoria e prática docente**. Rio de Janeiro: Wak Ed., 2010

MORAES, Maria Cândida; ALMEIDA, Maria da Conceição. **Os Sete Saberes Necessários à Educação do Presente.** Por uma Educação Transformadora. Rio de Janeiro, Wak Ed., 2012.

MORIN, Edgar. **A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento.** Rio de Janeiro. Bertrand. Ed.11. 2005.

MORIN, Edgar; SILVA, Catarina Eleonora F. da; SAWAYA, Jeanne. **Os sete saberes necessários à educação do futuro.** São Paulo: Ed. Cortez, 2000. 118 p.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Pesquisa social:** teoria, método e criatividade. 22. ed. Petrópolis: Vozes, 2003.

NICOLESCU, Basarab. **O manifesto da transdisciplinaridade.** São Paulo: Trion, 1999.

_____. Contradição, lógica do terceiro incluído e níveis de realidade. In: ATELIERS SUR LA CONTRADICTION, 1., 2009, Saint-etienne. **Resumo...** . Saint-etienne: Cetrans, 2009. p. 1 - 10. Disponível em: <<http://cetrans.com.br/textos/contradicao-logica-do-terceiro-incluido-e-niveis-de-realidade.pdf>>. Acesso em: 10 nov. 2016.

NICOLESCU, Basarab et.al. **Educação e Transdisciplinaridade.** Brasília. UNESCO, 2000.

PRADO, M. **Pedagogia de Projetos.** Pedagogia de Projetos e Integração de Mídias - Programa Salto para o Futuro, set., 2003. Disponível em:

<http://www.eadconsultoria.com.br/matapoio/biblioteca/textos_pdf/texto18.pdf>. Acesso em: 05 fev. 2017.

RAMOS, Paulo; RAMOS, Magda Maria; BUSNELLO, Saul José. **Manual prático de metodologia da pesquisa:** artigo, resenha, projeto, tcc, monografia, dissertação e tese. Blumenau, SC: Acadêmica Publicações, 2003.

RANDOM, Michel. **O Pensamento Transdisciplinar e o Real.** São Paulo. TRIOM. Ed. 1, 2000.

REICHOW, Jeverson Rogério Costa. **Processos de significação em estados ampliados de consciência dentro de uma abordagem transdisciplinar holística**: estudo de caso com crianças de uma escola pública de Porto Alegre. 2002. 122 f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2002.

SAMTEN, Lama Padma. **Sobre o Lama Padma Samten**. [s.d.]. Disponível em: <<http://www.cebb.org.br/lama-padma-samten/>>. Acesso em: 16 abr. 2016.

_____. **Meditando a vida**. São Paulo: Peirópolis, 2001.

_____. **A roda da Vida**: como caminho para a lucidez. São Paulo. Ed. Peirópolis, 2010.

_____. **Diálogos em Educação**. Ciclo de debates transcritos por Diego Melo (Recife, 2012), editado em apostila por Carolina Senna, Viamão, 2012.

_____. **Mandala do Lótus**. São Paulo. Ed. Petrópolis, 1ª ed., 2006. 1ª reimpressão 2013.

_____. **Meditando a Vida**. São Paulo. Ed. Peirópolis, 2ª ed., 2015.

SENNA, Carolina. **Princípios para uma educação feliz – Sustentabilidade**. 2015. Disponível em: <<http://www.mandalaescola.org/principios-para-uma-educacao-feliz-sustentabilidade/>>. Acesso em: 05 fev. 2017.

SOMMERMAN, Américo; MELLO, Maria F.; BARROS, Vitória (Org). **Educação e Transdisciplinariedade II**. São Paulo: TRIOM, 2002.

SETZER, Valdemar W. **Pedagogia Waldorf**. 1998. Disponível em <<http://www.sab.org.br/portal/pedagogiawaldorf/27-pedagogia-waldorf>>. Acesso em: 05 fev. 2017.

SOCIEDADE BRASILEIRA DE ANTROPOFISICA. **Princípios da pedagogia Waldorf**. [s.d.]. Disponível em:

<<http://www.sab.org.br/portal/pedagogiawaldorf/369-principios-pedagogia-waldorf>>. Acesso em: 05 fev. 2017.

WEIL, Pierre. **Holística: Uma Nova Visão e Abordagem do Real**. São Paulo: Palas Athena, 1990.

WEIL, Pierre; D'AMBROSIO, Ubiratan; CREMA, Roberto. **Rumo à nova transdisciplinaridade: sistemas abertos de conhecimento**. São Paulo: Summus, 1993.

VELEDA, Sérgio. **A arte de equilibrar-se sobre um fundo vazio**. Bahia, Kalango, 2004.

REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES

CAPRA, Fritjof. **A teia da vida uma nova compreensão dos sistemas vivos**. São Paulo: Cultrix, 1997.

MORIN, Edgar. **Introdução ao pensamento complexo**. Lisboa: Instituto Piaget, 1991.

PETRAGLIA, Izabel Cristina. **Edgar Morin**: a educação e a complexidade do ser e do saber. Petrópolis: Vozes, 1995.

SENNA, Carolina; BILHAR, Fernando. **Educação e Felicidade**: Um olhar para o mundo interno. Apostila. Viamão, abr., 2016.

STEINER, Andreia. **O uso de estudos de caso em pesquisas sobre política ambiental**: vantagens e limitações. **Rev. Sociol. Polit**, Curitiba, v. 19, n. 38, feb. 2011. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-44782011000100009>. Acesso em: 16 abr. 2016

APÊNDICES

APÊNDICE A – QUADRO NOBRES VERDADES

AS 4 NOBRES VERDADES	SIGNIFICADO	UM POUCO DE POESIA E REFLEXÃO
VERDADE DO SOFRIMENTO	É a primeira nobre verdade todos nós em algum momento passamos ou passaremos por algum tipo de sofrimento. Esta é uma lei deste mundo. Não podemos evitá-lo. Tudo pode mudar a todo momento. E tudo também passa.	“Vem sentar-te comigo, Lídia, à beira do rio. Sossegadamente fitemos o seu curso e aprendamos que a vida passa[...]” Fernando Pessoa. (VELEDA, 2004, p. 29)
VERDADE DA ORIGEM DO SOFRIMENTO	É a segunda nobre verdade que nos mostra que a causa do sofrimento é a ânsia e o desejo de perpetuação em um mundo que é de total impermanência. É o apego obsessivo, o egoísmo. Uma tentativa de agarrar o que não pode permanecer.	“[...] quando agarra com força percebe que a estatueta sólida se transforma em areia escorrendo entre os dedos da mão”. Conde de Ratnapur. (VELEDA, 2004, p. 31)
VERDADE DA CESSAÇÃO DO SOFRIMENTO	É a terceira nobre verdade. Se o apego obsessivo, o agarrar, leva ao sofrimento, soltar e deixar que flua leva a cessação do sofrimento. “Exatamente quando não nos agarramos, e podemos nos entregar ao bailado do ir e vir, é que toda a ânsia cessa. É quando se dança o doce bailado parar a música.” (VELEDA, 2004, p.33)	“E se o fato de nos tornarmos quem realmente somos não acontecer através do esforço e da tentativa, e sim por reconhecermos e aceitarmos as pessoas, os lugares e as experiências que nos oferecem o calor do estímulo de que precisamos para desabrochar? Como isso determinaria as escolhas que você faz a respeito de como quer viver o momento presente? E se você soubesse que o impulso para agir de uma

AS 4 NOBRES VERDADES	SIGNIFICADO	UM POUCO DE POESIA E REFLEXÃO
		<p>maneira que irá criar a beleza no mundo surgirá bem no seu íntimo e servirá de orientação sempre que você simplesmente prestar atenção e esperar? Como isso daria forma à sua quietude, seu movimento, sua disposição de seguir este impulso, de apenas se soltar e dançar?” (DREAMER,2003, p.8)</p>
VERDADE DO CAMINHO QUE LEVA À CESSAÇÃO DO SOFRIMENTO	<p>Seria o nobre caminho apontado por Buda para cessação do sofrimento, onde são apontados oito passos (nobre senda Ócupla). Experiência de poder viver o sentido da vida com bem-estar.</p>	<p>“A pé e de coração leve eu vou pela estrada aberta”. Walt Whitman. (VELEDA, 2004, p. 35)</p>

Fonte: elaborado pela autora (2017).

APENDICE B – QUADRO ECOPEDAGOGIA COMO MOVIMENTO PEDAGÓGICO E COMO ABORDAGEM CURRICULAR

ECOPEDAGOGIA COMO MOVIMENTO PEDAGÓGICO	ECOPEDAGOGIA COMO ABORDAGEM CURRICULAR
<p>- Relacionado a um movimento social e político. Movimento em busca de uma pedagogia do desenvolvimento sustentável.</p> <p>- Instituto Paulo Freire (IPF) cria o Programa Ecopedagogia inspirado no movimento da Carta da Terra na perspectiva da Educação.</p>	<p>- Os conteúdos tem que ser significativos para os alunos e o currículo tem que ser complementar a este princípio.</p> <p>- Os currículos devem priorizar o conhecimento dentro de do contexto de quem aprende.</p> <p>- Importante colocar que a ecopedagogia reconhece a necessidade de conhecer as formas (vínculos, relações) e isto seria também conteúdos. Destaque aqui para a inserção muito recentemente em educação tanto no Brasil como em outros países dos temas transversais em educação, como conteúdos tão importantes de serem abordados quanto os disciplinares, como: “[...] ética, cidadania, diversidade cultural, meio ambiente, saúde, sexualidade, paz, não violência, trabalho e consumo”. (GADOTTI, 2003, p.93)</p> <p>- Ecopedagogia não é uma pedagogia eminentemente escolar, pois não dialoga só com educadores, e sim pretende dialogar com toda a sociedade. Não pode-se aqui confundir lógica escolar com lógica educativa. O que se pretende através da Ecopedagogia seria mudar as relações humanas, sociais e ambientais. Claro que a escola tem papel fundamental, mas sozinha não pode dar conta desta mudança.</p>

Fonte: elaborado pela autora (2017).

APENDICE C – ROTEIRO DE ENTREVISTA PARA A EQUIPE PEDAGÓGICA



1 - DADOS DE IDENTIFICAÇÃO

Nome:

Idade:

Sexo:

Função que ocupa e exerce na escola:

Formação:

Tempo de trabalho na área de Educação:

Tempo de trabalho na Escola Caminho do Meio:

2 – COMPREENDENDO A CONCEPÇÃO DA PROPOSTA PEDAGÓGICA DA ESCOLA CAMINHO DO MEIO (Conhecer a Concepção da escola, buscando compreender: Bases teóricas que apoiam a proposta da escola; Valores e tipos de conhecimentos importantes de serem trabalhados; Compreender a abrangência transdisciplinar da pedagogia por projetos; Diretrizes de Ensino; Educar o quê na criança?)

3 – PRINCÍPIOS QUE NORTEIAM O CONCEITO DE EDUCAÇÃO NA ESCOLA CAMINHO DO MEIO (Buscar compreender conceitos chaves como: Princípio da Mandala; Seis eixos ou princípios norteadores: Integralidade, Diversidade, Conhecimento, Sustentabilidade, Criatividade e Sabedoria)

4 – PRINCÍPIOS QUE NORTEIAM A METODOLOGIA NA ESCOLA CAMINHO DO MEIO (Compreender como a escola trabalha e integra no seu cotidiano o fazer pedagógico junto as crianças através das várias dimensões de seu ser: Educação da mente, coração, mãos e corpo inteiro – Método integrado; Compreender a dimensão da Sabedoria como metodologia; Compreender a metodologia de realização de projetos pedagógicos)

5 – MISSÃO DA ESCOLA (Compreender a missão que se alicerça na promoção da Felicidade genuína: Compreender o Conceito de Felicidade presente na Missão da escola; O que é a Felicidade genuína? Compreender o conceito de Mandalas de Sabedoria e Paisagens Abrangentes; Compreender o conceito de convivência lúcida consigo, com os outros, com a natureza e com as autoridades; Por que educar para a Felicidade? Para que educar para a Felicidade?)

APENDICE D – ROTEIRO DE ENTREVISTA COM O LAMA PADMA SAMTEN



1 - Dados de identificação

Nome:

Idade:

Sexo:

Função que ocupa e exerce na escola e no CEBB- Centro de Estudos Budistas Bodisatva:

Formação:

Tempo de trabalho na área de Educação:

Atuação na área de Educação:

2 – História do surgimento do centro budista em viamão.

3 – História do surgimento da escola caminho do meio em viamão.

4 – Pressupostos teóricos que nortearam a implementação da proposta pedagógica da escola.

5- Pressupostos teóricos que norteiam hoje a proposta pedagógica da escola.

6- Relação da proposta pedagógica da escola com o budismo. Contribuições do budismo no campo da educação.

7 - Diferenciais da escola e do modelo de educação oferecido pela mesma.

8- Como a escola trabalha o conceito de sustentabilidade.

9- Educar de forma integrada - educação da mente, coração, mãos e corpo inteiro. Como é educar desta maneira?

9 - Educar para a felicidade - por quê e para quê? (qual a definição de felicidade presente na missão da escola? Quais conceitos devem ser trabalhados para a construção da felicidade?)

10- Onde a escola quer chegar – visão de futuro da escola caminho do meio.

APÊNDICE E - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO DO PARTICIPANTE



TCLE - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

O (a) Sr (a) está sendo convidado (a) para participar da pesquisa intitulada: **CONTRIBUIÇÕES DA VISÃO TRANSDICIPLINAR E HOLÍSTICA PARA UMA EDUCAÇÃO E SOCIEDADE SUSTENTÁVEIS: UM ESTUDO DE CASO NA ESCOLA CAMINHO DO MEIO – VIAMÃO RS**, que tem como objetivo: ampliar os conhecimentos na área da Educação, Visão Holística, Transdisciplinariedade e Sustentabilidade.

Mesmo aceitando participar do estudo, poderá desistir a qualquer momento, bastando para isso informar sua decisão aos responsáveis. Fica esclarecido ainda que, por ser uma participação voluntária e sem interesse financeiro, o (a) senhor (a) não terá direito a nenhuma remuneração. Declaramos que todos os riscos e eventuais prejuízos foram devidamente esclarecidos. Os dados referentes à sua pessoa serão sigilosos e privados, preceitos estes assegurados pela **Resolução nº 466/2012 do CNS - Conselho Nacional de Saúde**, podendo o (a) senhor (a) solicitar informações durante todas as fases da pesquisa, inclusive após a publicação dos dados obtidos a partir desta.

Procedimentos detalhados que serão utilizados na pesquisa

Os procedimentos a serem utilizados pela pesquisadora serão: Entrevista semi- estruturada com Equipe Pedagógica da escola, professores e com o Lama Padma Samten. Observação participante, análise documental e registros fotográficos.

Riscos: Não se observam riscos.

Benefícios: Contribuir com a pesquisa acerca de modelos educacionais baseados em uma visão holística, transdisciplinar e sustentável.

A coleta de dados será realizada pelo acadêmico (a) **Elenice de Freitas Sais** (48- 84093092) do Programa de Mestrado em Ciências Ambientais da UNESCO e orientado pelo professor(a) responsável **Dr.**

Geraldo Milioli (48- 99261222) O telefone do **Comitê de Ética** é (48) **3431.2723**.

Criciúma (SC) ____ de_____.de 2016.

Participante:

CPF:

Pesquisador Responsável:

CPF:

ANEXOS

ANEXO A - CARTA DA TRANSDISCIPLINARIDADE

Carta da Transdisciplinaridade (Adotada no Primeiro Congresso Mundial de Transdisciplinaridade - Convento de Arrábida, Portugal, 2-6 novembro, 1994)

Comitê de redação: Lima de Freitas, Edgar Morin e Basarab Nicolescu

Preâmbulo

Considerando que a proliferação atual das disciplinas acadêmicas conduz a um crescimento exponencial do saber que torna impossível qualquer olhar global do ser humano;

Considerando que somente uma inteligência que se dá conta da dimensão planetária dos conflitos atuais poderá fazer frente à complexidade de nosso mundo e ao desafio contemporâneo de autodestruição material e espiritual de nossa espécie;

Considerando que a vida está fortemente ameaçada por uma tecnociência triunfante que obedece apenas à lógica assustadora da eficácia pela eficácia;

Considerando que a ruptura contemporânea entre um saber cada vez mais acumulativo e um ser interior cada vez mais empobrecido leva à ascensão de um novo obscurantismo, cujas consequências sobre o plano individual e social são incalculáveis;

Considerando que o crescimento do saber, sem precedentes na história, aumenta a desigualdade entre seus detentores e os que são desprovidos dele, engendrando assim as desigualdades crescentes no seio dos povos e entre as nações do planeta;

Considerando simultaneamente que todos os desafios enunciados possuem sua contrapartida de esperança e que o crescimento extraordinário do saber pode conduzir a uma mutação comparável à evolução dos humanóides à espécie humana;

Considerando o que precede, os participantes do Primeiro Congresso Mundial de Transdisciplinaridade (Convento de Arrábida, Portugal, 2-6 de novembro de 1994) adotaram o presente Protocolo entendido como um conjunto de princípios fundamentais da comunidade de espíritos transdisciplinares, constituindo um contrato moral que todo signatário deste Protocolo faz consigo mesmo, sem qualquer pressão jurídica e institucional.

Artigo 1

Qualquer tentativa de reduzir o ser humano a uma mera definição e de dissolvê-lo nas estruturas formais, sejam elas quais forem, é incompatível com a visão transdisciplinar.

Artigo 2

O reconhecimento da existência de diferentes níveis de realidade, regidos por lógicas diferentes é inerente à atitude transdisciplinar. Qualquer

tentativa de reduzir a realidade a um único nível regido por uma única lógica não se situa no campo da transdisciplinaridade.

Artigo 3

A transdisciplinaridade é complementar à aproximação disciplinar: faz emergir da confrontação das disciplinas dados novos que as articulam entre si; oferece-nos uma visão da natureza e da realidade. A transdisciplinaridade não procura o domínio sobre as várias outras disciplinas, mas a abertura de todas elas àquilo que as atravessa e as ultrapassa.

Artigo 4

O ponto de sustentação da transdisciplinaridade reside na unificação semântica e operativa das acepções através e além das disciplinas. Ela pressupõe uma racionalidade aberta por um novo olhar, sobre a relatividade das noções de *definição* e *objetividade*. O formalismo excessivo, a rigidez das definições e o absolutismo da objetividade comportando a exclusão do sujeito levam ao empobrecimento.

Artigo 5

A visão transdisciplinar está resolutamente aberta na medida em que ela ultrapassa o domínio das ciências exatas por seu diálogo e sua reconciliação não somente com as ciências humanas mas também com a arte, a literatura, a poesia e a experiência espiritual.

Artigo 6

Com relação à interdisciplinaridade e à multidisciplinaridade, a transdisciplinaridade é multidimensional. Levando em conta as concepções do tempo e da história, a transdisciplinaridade não exclui a existência de um horizonte trans-histórico.

Artigo 7

A transdisciplinaridade não constitui uma nova religião, uma nova filosofia, uma nova metafísica ou uma ciência das ciências.

Artigo 8

A dignidade do ser humano é também de ordem cósmica e planetária. O surgimento do ser humano sobre a Terra é uma das etapas da história do Universo. O reconhecimento da Terra como pátria é um dos imperativos da transdisciplinaridade. Todo ser humano tem direito a uma nacionalidade, mas, a título de habitante da Terra, é ao mesmo tempo um ser transnacional. O reconhecimento pelo direito internacional de um pertencer duplo - a uma nação e à Terra - constitui uma das metas da pesquisa transdisciplinar.

Artigo 9

A transdisciplinaridade conduz a uma atitude aberta com respeito aos mitos, às religiões e àqueles que os respeitam em um espírito transdisciplinar.

Artigo 10

Não existe um lugar cultural privilegiado de onde se possam julgar as outras culturas. O movimento transdisciplinar é em si transcultural.

Artigo 11

Uma educação autêntica não pode privilegiar a abstração no conhecimento. Deve ensinar a contextualizar, concretizar e globalizar. A educação transdisciplinar reavalia o papel da intuição, da imaginação, da sensibilidade e do corpo na transmissão dos conhecimentos.

Artigo 12

A elaboração de uma economia transdisciplinar é fundada sobre o postulado de que a economia deve estar a serviço do ser humano e não o inverso.

Artigo 13

A ética transdisciplinar recusa toda atitude que recusa o diálogo e a discussão, seja qual for sua origem - de ordem ideológica, científica, religiosa, econômica, política ou filosófica. O saber compartilhado deverá conduzir a uma compreensão compartilhada baseada no respeito absoluto das diferenças entre os seres, unidos pela vida comum sobre uma única e mesma Terra.

Artigo 14

Rigor, abertura e tolerância são características fundamentais da atitude e da visão transdisciplinar. O rigor na argumentação, que leva em conta todos os dados, é a barreira às possíveis distorções. A abertura comporta a aceitação do desconhecido, do inesperado e do imprevisível. A tolerância é o reconhecimento do direito às idéias e verdades contrárias às nossas.

Artigo final:

A presente Carta Transdisciplinar foi adotada pelos participantes do Primeiro Congresso Mundial de Transdisciplinaridade, que visam apenas à autoridade de seu trabalho e de sua atividade. Segundo os processos a serem definidos de acordo com os espíritos transdisciplinares de todos os países, o Protocolo permanecerá aberto à assinatura de todo ser humano interessado em medidas progressistas de ordem nacional, internacional para aplicação de seus artigos na vida.

ANEXO B – DECLARAÇÃO DE VENEZA

DECLARAÇÃO DE VENEZA

Comunicado final do Colóquio "A Ciência diante das Fronteiras do Conhecimento"

Veneza, 7 de março de 1986.

Os participantes do colóquio "A Ciência Diante das Fronteiras do Conhecimento", organizado pela UNESCO, com a colaboração da Fundação Giorgio Cini (Veneza, 3-7 de março de 1986), animados por um espírito de abertura e de questionamento dos valores de nosso tempo, ficaram de acordo sobre os seguintes pontos:

1. Somos testemunhas de uma revolução muito importante no campo da ciência, provocada pela ciência fundamental (em particular a física e a biologia), devido a transformação que ela traz à lógica, à epistemologia e também, através das aplicações tecnológicas, à vida de todos os dias. Mas, constatamos, ao mesmo tempo, a existência de uma importante defasagem entre a nova visão do mundo que emerge do estudo dos sistemas naturais e os valores que ainda predominam na filosofia, nas ciências do homem e na vida da sociedade moderna. Pois estes valores baseiam-se em grande parte no determinismo mecanicista, no positivismo ou no niilismo. Sentimos esta defasagem como fortemente nociva e portadora de grandes ameaças de destruição de nossa espécie.
2. O conhecimento científico, devido a seu próprio movimento interno, chegou aos limites onde pode começar o diálogo com outras formas de conhecimento. Neste sentido, reconhecendo os diferenças fundamentais entre a ciência e a tradição, constatamos não sua oposição mas sua complementaridade. O encontro inesperado e enriquecedor entre a ciência e as diferentes tradições do mundo permite pensar no aparecimento de uma nova visão da humanidade, até mesmo num novo racionalismo, que poderia levar a uma nova perspectiva metafísica.
3. Recusando qualquer projeto globalizante, qualquer sistema fechado de pensamento, qualquer nova utopia, reconhecemos ao mesmo tempo a urgência de uma procura verdadeiramente transdisciplinar, de uma troca dinâmica entre as ciências "exatas", as ciências "humanas", a arte e a tradição. Pode-se dizer que este enfoque transdisciplinar está inscrito em nosso próprio cérebro, pela interação dinâmica entre seus dois hemisférios. O estudo conjunto da natureza e do imaginário, do universo e do homem, poderia assim nos aproximar mais do real e nos permitir enfrentar melhor os diferentes desafios de nossa época.
4. O ensino convencional da ciência, por uma apresentação linear dos conhecimentos, dissimula a ruptura entre a ciência contemporânea e as visões anteriores do mundo. Reconhecemos a urgência da busca de novos métodos de educação que levem em conta os avanços da ciência, que agora se harmonizam com as grandes tradições culturais, cuja preservação e estudo aprofundado parecem fundamentais. A UNESCO seria a organização apropriada para promover tais idéias.
5. Os desafios de nossa época: o desafio da autodestruição de nossa espécie, o desafio da informática, o desafio da genética, etc., mostram de uma maneira nova a responsabilidade social

ANEXO C – CARTA DA TERRA

A CARTA DA TERRA

PREÂMBULO

Estamos diante de um momento crítico na história da Terra, numa época em que a humanidade deve escolher o seu futuro. À medida que o mundo torna-se cada vez mais interdependente e frágil, o futuro enfrenta, ao mesmo tempo, grandes perigos e grandes promessas. Para seguir adiante, devemos reconhecer que, no meio da uma magnífica diversidade de culturas e formas de vida, somos uma família humana e uma comunidade terrestre com um destino comum. Devemos somar forças para gerar uma sociedade sustentável global baseada no respeito pela natureza, nos direitos humanos universais, na justiça econômica e numa cultura da paz. Para chegar a este propósito, é imperativo que nós, os povos da Terra, declaremos nossa responsabilidade uns para com os outros, com a grande comunidade da vida, e com as futuras gerações.

Terra, Nosso Lar

A humanidade é parte de um vasto universo em evolução. A Terra, nosso lar, está viva com uma comunidade de vida única. As forças da natureza fazem da existência uma aventura exigente e incerta, mas a Terra providenciou as condições essenciais para a evolução da vida. A capacidade de recuperação da comunidade da vida e o bem-estar da humanidade dependem da preservação de uma biosfera saudável com todos seus sistemas ecológicos, uma rica variedade de plantas e animais, solos férteis, águas puras e ar limpo. O meio ambiente global com seus recursos finitos é uma preocupação comum de todas as pessoas. A proteção da vitalidade, diversidade e beleza da Terra é um dever sagrado.

A Situação Global

Os padrões dominantes de produção e consumo estão causando devastação ambiental, redução dos recursos e uma massiva extinção de espécies. Comunidades estão sendo arruinadas. Os benefícios do desenvolvimento não estão sendo divididos equitativamente e o fosso entre ricos e pobres está aumentando. A injustiça, a pobreza, a ignorância e os conflitos violentos têm aumentado e são causa de grande sofrimento. O crescimento sem precedentes da população humana tem sobrecarregado os sistemas ecológico e social. As bases da segurança global estão ameaçadas. Essas tendências são perigosas, mas não inevitáveis.

Desafios Para o Futuro

A escolha é nossa: formar uma aliança global para cuidar da Terra e uns dos outros, ou arriscar a nossa destruição e a da diversidade da vida. São necessárias mudanças fundamentais dos nossos valores, instituições e modos de vida. Devemos entender que, quando as necessidades básicas forem atingidas, o desenvolvimento humano será primariamente voltado a ser mais, não a ter mais. Temos o conhecimento e a tecnologia necessários para abastecer a todos e reduzir nossos impactos ao meio ambiente. O surgimento de uma sociedade civil global está criando novas oportunidades para construir um mundo democrático e humano.

Nossos desafios ambientais, econômicos, políticos, sociais e espirituais estão interligados, e juntos podemos forjar soluções incluídas.

Responsabilidade Universal

Para realizar estas aspirações, devemos decidir viver com um sentido de responsabilidade universal, identificando-nos com toda a comunidade terrestre bem como com nossa comunidade local. Somos, ao mesmo tempo, cidadãos de nações diferentes e de um mundo no qual a dimensão local e global estão ligadas. Cada um compartilha da responsabilidade pelo presente e pelo futuro, pelo bem-estar da família humana e de todo o mundo dos seres vivos. O espírito de solidariedade humana e de parentesco com toda a vida é fortalecido quando vivemos com reverência o mistério da existência, com gratidão pelo dom da vida, e com humildade considerando em relação ao lugar que ocupa o ser humano na natureza.

Necessitamos com urgência de uma visão compartilhada de valores básicos para proporcionar um fundamento ético à comunidade mundial emergente. Portanto, juntos na esperança, afirmamos os seguintes princípios, todos interdependentes, visando um modo de vida sustentável como critério comum, através dos quais a conduta de todos os indivíduos, organizações, empresas, governos, e instituições transnacionais será guiada e avaliada.

PRINCÍPIOS

I. RESPEITAR E CUIDAR DA COMUNIDADE DA VIDA

1. Respeitar a Terra e a vida em toda sua diversidade.

- a. Reconhecer que todos os seres são interligados e cada forma de vida tem valor, independentemente de sua utilidade para os seres humanos.*
- b. Afirmar a fé na dignidade inerente de todos os seres humanos e no potencial intelectual, artístico, ético e espiritual da humanidade.*

2. Cuidar da comunidade da vida com compreensão, compaixão e amor.

- a. Aceitar que, com o direito de possuir, administrar e usar os recursos naturais vem o dever de impedir o dano causado ao meio ambiente e de proteger os direitos das pessoas.*
- b. Assumir que o aumento da liberdade, dos conhecimentos e do poder implica responsabilidade na promoção do bem comum.*

3. Construir sociedades democráticas que sejam justas, participativas, sustentáveis e pacíficas.

- a. Assegurar que as comunidades em todos níveis garantam os direitos humanos e as liberdades fundamentais e proporcionem a cada um a oportunidade de realizar seu pleno potencial.*

b. Promover a justiça econômica e social, propiciando a todos a consecução de uma subsistência significativa e segura, que seja ecologicamente responsável.

4. Garantir as dádivas e a beleza da Terra para as atuais e as futuras gerações.

a. Reconhecer que a liberdade de ação de cada geração é condicionada pelas necessidades das gerações futuras.

b. Transmitir às futuras gerações valores, tradições e instituições que apoiem, em longo prazo, a prosperidade das comunidades humanas e ecológicas da Terra.

Para poder cumprir estes quatro amplos compromissos, é necessário:

II. INTEGRIDADE ECOLÓGICA

5. Proteger e restaurar a integridade dos sistemas ecológicos da Terra, com especial preocupação pela diversidade biológica e pelos processos naturais que sustentam a vida.

a. Adotar planos e regulamentações de desenvolvimento sustentável em todos os níveis que façam com que a conservação ambiental e a reabilitação sejam parte integral de todas as iniciativas de desenvolvimento.

b. Estabelecer e proteger as reservas com uma natureza viável e da biosfera, incluindo terras selvagens e áreas marinhas, para proteger os sistemas de sustento à vida da Terra, manter a biodiversidade e preservar nossa herança natural.

c. Promover a recuperação de espécies e ecossistemas ameaçados.

d. Controlar e erradicar organismos não-nativos ou modificados geneticamente que causem dano às espécies nativas, ao meio ambiente, e prevenir a introdução desses organismos daninhos.

e. Manejar o uso de recursos renováveis como água, solo, produtos florestais e vida marinha de forma que não excedam as taxas de regeneração e que protejam a sanidade dos ecossistemas.

f. Manejar a extração e o uso de recursos não-renováveis, como minerais e combustíveis fósseis de forma que diminuam a exaustão e não causem dano ambiental grave.

6. Prevenir o dano ao ambiente como o melhor método de proteção ambiental e, quando o conhecimento for limitado, assumir uma postura de precaução.

a. Orientar ações para evitar a possibilidade de sérios ou irreversíveis danos ambientais mesmo quando a informação científica for incompleta ou não conclusiva.

b. Impor o ônus da prova àqueles que afirmarem que a atividade proposta não causará dano significativo e fazer com que os grupos sejam responsabilizados pelo dano ambiental.

c. Garantir que a decisão a ser tomada se oriente pelas consequências humanas globais, cumulativas, de longo prazo, indiretas e de longo alcance.

- d. Impedir a poluição de qualquer parte do meio ambiente e não permitir o aumento de substâncias radioativas, tóxicas ou outras substâncias perigosas.*
- e. Evitar que atividades militares causem dano ao meio ambiente.*

7. Adotar padrões de produção, consumo e reprodução que protejam as capacidades regenerativas da Terra, os direitos humanos e o bem-estar comunitário.

- a. Reduzir, reutilizar e reciclar materiais usados nos sistemas de produção e consumo e garantir que os resíduos possam ser assimilados pelos sistemas ecológicos.*
- b. Atuar com restrição e eficiência no uso de energia e recorrer cada vez mais aos recursos energéticos renováveis, como a energia solar e do vento.*
- c. Promover o desenvolvimento, a adoção e a transferência equitativa de tecnologias ambientais saudáveis.*
- d. Incluir totalmente os custos ambientais e sociais de bens e serviços no preço de venda e habilitar os consumidores a identificar produtos que satisfaçam as mais altas normas sociais e ambientais.*
- e. Garantir acesso universal à assistência de saúde que fomente a saúde reprodutiva e a reprodução responsável.*
- f. Adotar estilos de vida que acentuem a qualidade de vida e subsistência material num mundo finito.*

8. Avançar o estudo da sustentabilidade ecológica e promover a troca aberta e a ampla aplicação do conhecimento adquirido.

- a. Apoiar a cooperação científica e técnica internacional relacionada a sustentabilidade, com especial atenção às necessidades das nações em desenvolvimento.*
- b. Reconhecer e preservar os conhecimentos tradicionais e a sabedoria espiritual em todas as culturas que contribuam para a proteção ambiental e o bem-estar humano.*
- c. Garantir que informações de vital importância para a saúde humana e para a proteção ambiental, incluindo informação genética, estejam disponíveis ao domínio público.*

III. JUSTIÇA SOCIAL E ECONÔMICA

9. Erradicar a pobreza como um imperativo ético, social e ambiental.

- a. Garantir o direito à água potável, ao ar puro, à segurança alimentar, aos solos não-contaminados, ao abrigo e saneamento seguro, distribuindo os recursos nacionais e internacionais requeridos.*
- b. Prover cada ser humano de educação e recursos para assegurar uma subsistência sustentável, e proporcionar seguro social e segurança coletiva a todos aqueles que não são capazes de manter-se por conta própria.*
- c. Reconhecer os ignorados, proteger os vulneráveis, servir àqueles que sofrem, e permitir-lhes desenvolver suas capacidades e alcançar suas aspirações.*

10. Garantir que as atividades e instituições econômicas em todos os níveis promovam o desenvolvimento humano de forma equitativa e sustentável.

- a. Promover a distribuição equitativa da riqueza dentro das e entre as nações.
- b. Incrementar os recursos intelectuais, financeiros, técnicos e sociais das nações em desenvolvimento e isentá-las de dívidas internacionais onerosas.
- c. Garantir que todas as transações comerciais apoiem o uso de recursos sustentáveis, a proteção ambiental e normas trabalhistas progressistas.
- d. Exigir que corporações multinacionais e organizações financeiras internacionais atuem com transparência em benefício do bem comum e responsabilizá-las pelas consequências de suas atividades.

11. Afirmar a igualdade e a equidade de gênero como pré-requisitos para o desenvolvimento sustentável e assegurar o acesso universal à educação, assistência de saúde e às oportunidades econômicas.

- a. Assegurar os direitos humanos das mulheres e das meninas e acabar com toda violência contra elas.
- b. Promover a participação ativa das mulheres em todos os aspectos da vida econômica, política, civil, social e cultural como parceiras plenas e paritárias, tomadoras de decisão, líderes e beneficiárias.
- c. Fortalecer as famílias e garantir a segurança e a educação amorosa de todos os membros da família.

12. Defender, sem discriminação, os direitos de todas as pessoas a um ambiente natural e social, capaz de assegurar a dignidade humana, a saúde corporal e o bem-estar espiritual, concedendo especial atenção aos direitos dos povos indígenas e minorias.

- a. Eliminar a discriminação em todas suas formas, como as baseadas em raça, cor, gênero, orientação sexual, religião, idioma e origem nacional, étnica ou social.
- b. Afirmar o direito dos povos indígenas à sua espiritualidade, conhecimentos, terras e recursos, assim como às suas práticas relacionadas a formas sustentáveis de vida.
- c. Honrar e apoiar os jovens das nossas comunidades, habilitando-os a cumprir seu papel essencial na criação de sociedades sustentáveis.
- d. Proteger e restaurar lugares notáveis pelo significado cultural e espiritual.

IV.DEMOCRACIA, NÃO VIOLÊNCIA E PAZ

13. Fortalecer as instituições democráticas em todos os níveis e proporcionar-lhes transparência e prestação de contas no exercício do governo, participação inclusiva na tomada de decisões, e acesso à justiça.

- a. *Defender o direito de todas as pessoas no sentido de receber informação clara e oportuna sobre assuntos ambientais e todos os planos de desenvolvimento e atividades que poderiam afetá-las ou nos quais tenham interesse.*
- b. *Apoiar sociedades civis locais, regionais e globais e promover a participação significativa de todos os indivíduos e organizações na tomada de decisões.*
- c. *Proteger os direitos à liberdade de opinião, de expressão, de assembleia pacífica, de associação e de oposição.*
- d. *Instituir o acesso efetivo e eficiente a procedimentos administrativos e judiciais independentes, incluindo retificação e compensação por danos ambientais e pela ameaça de tais danos.*
- e. *Eliminar a corrupção em todas as instituições públicas e privadas.*
- f. *Fortalecer as comunidades locais, habilitando-as a cuidar dos seus próprios ambientes, e atribuir responsabilidades ambientais aos níveis governamentais onde possam ser cumpridas mais efetivamente.*

14. Integrar, na educação formal e na aprendizagem ao longo da vida, os conhecimentos, valores e habilidades necessárias para um modo de vida sustentável.

- a. *Oferecer a todos, especialmente a crianças e jovens, oportunidades educativas que lhes permitam contribuir ativamente para o desenvolvimento sustentável.*
- b. *Promover a contribuição das artes e humanidades, assim como das ciências, na educação para sustentabilidade.*
- c. *Intensificar o papel dos meios de comunicação de massa no sentido de aumentar a sensibilização para os desafios ecológicos e sociais.*
- d. *Reconhecer a importância da educação moral e espiritual para uma subsistência sustentável.*

15. Tratar todos os seres vivos com respeito e consideração.

- a. *Impedir crueldades aos animais mantidos em sociedades humanas e protegê-los de sofrimentos.*
- b. *Proteger animais selvagens de métodos de caça, armadilhas e pesca que causem sofrimento extremo, prolongado ou evitável.*
- c. *Evitar ou eliminar ao máximo possível a captura ou destruição de espécies não visadas.*

16. Promover uma cultura de tolerância, não violência e paz.

- a. *Estimular e apoiar o entendimento mútuo, a solidariedade e a cooperação entre todas as pessoas, dentro das e entre as nações.*
- b. *Implementar estratégias amplas para prevenir conflitos violentos e usar a colaboração na resolução de problemas para manejar e resolver conflitos ambientais e outras disputas.*

c. Desmilitarizar os sistemas de segurança nacional até chegar ao nível de uma postura não-provocativa da defesa e converter os recursos militares em propósitos pacíficos, incluindo restauração ecológica.

d. Eliminar armas nucleares, biológicas e tóxicas e outras armas de destruição em massa.

e. Assegurar que o uso do espaço orbital e cósmico mantenha a proteção ambiental e a paz.

f. Reconhecer que a paz é a plenitude criada por relações corretas consigo mesmo, com outras pessoas, outras culturas, outras vidas, com a Terra e com a totalidade maior da qual somos parte.

O CAMINHO ADIANTE

Como nunca antes na história, o destino comum nos conchama a buscar um novo começo. Tal renovação é a promessa dos princípios da Carta da Terra. Para cumprir esta promessa, temos que nos comprometer a adotar e promover os valores e objetivos da Carta.

Isto requer uma mudança na mente e no coração. Requer um novo sentido de interdependência global e de responsabilidade universal. Devemos desenvolver e aplicar com imaginação a visão de um modo de vida sustentável aos níveis local, nacional, regional e global. Nossa diversidade cultural é uma herança preciosa, e diferentes culturas encontrarão suas próprias e distintas formas de realizar esta visão. Devemos aprofundar e expandir o diálogo global gerado pela Carta da Terra, porque temos muito que aprender a partir da busca iminente e conjunta por verdade e sabedoria.

A vida muitas vezes envolve tensões entre valores importantes. Isto pode significar escolhas difíceis. Porém, necessitamos encontrar caminhos para harmonizar a diversidade com a unidade, o exercício da liberdade com o bem comum, objetivos de curto prazo com metas de longo prazo. Todo indivíduo, família, organização e comunidade têm um papel vital a desempenhar. As artes, as ciências, as religiões, as instituições educativas, os meios de comunicação, as empresas, as organizações não-governamentais e os governos são todos chamados a oferecer uma liderança criativa. A parceria entre governo, sociedade civil e empresas é essencial para uma governabilidade efetiva.

Para construir uma comunidade global sustentável, as nações do mundo devem renovar seu compromisso com as Nações Unidas, cumprir com suas obrigações respeitando os acordos internacionais existentes e apoiar a implementação dos princípios da Carta da Terra com um instrumento internacional legalmente unificador quanto ao ambiente e ao desenvolvimento.

Que o nosso tempo seja lembrado pelo despertar de uma nova reverência face à vida, pelo compromisso firme de alcançar a sustentabilidade, a intensificação da luta pela justiça e pela paz, e a alegre celebração da vida.

ANEXO D - PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO DA ESCOLA CAMINHO DO MEIO

**Estado do Rio Grande do Sul
Município de Viamão**



PROJETO PEDAGÓGICO